NO DEPOIMENTO, GEDEÃO PEREIRA, O LÍDER DO MOVIMENTO DAS BARREIRAS NO RS

AGOSTO/98 - Nº 596 - ANO 54 - R$ 5,00
www.agranja.com

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

PORTE PAGO
DR/RS
ISR-49-0399/81

EDITORA CENTAURUS

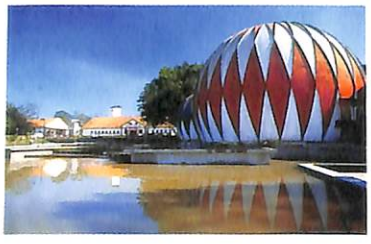
Os concorrentes ao FREIO DE OURO

EXPOINTER/98

Vai começar a maior mostra agropecuária da América Latina

Nesta Expointer, o parque também vai estar em exposição.

Novo Parque de Exposições Assis Brasil. Maior, melhor e mais completo.



Com a reforma e ampliação do Parque de Exposições em Esteio, o Governo do Estado, em nome de todos os gaúchos, está entregando um cenário à altura da maior festa do Rio Grande. E assim também está garantindo mais conforto a todos os participantes que, a cada ano, realizam verdadeiras demonstrações de orgulho pela nossa pecuária. As novidades já poderão ser conferidas na próxima edição da Expointer. A começar pelo tamanho, que passou de 64 hectares para 141, o Parque Assis Brasil está totalmente remodelado. Nova área de estacionamento, nova pista de eqüinos, novo pavilhão de remates, nova fachada e outras grandes novidades. Numa Expointer com tantas atrações, o Banrisul não poderia ficar de fora.

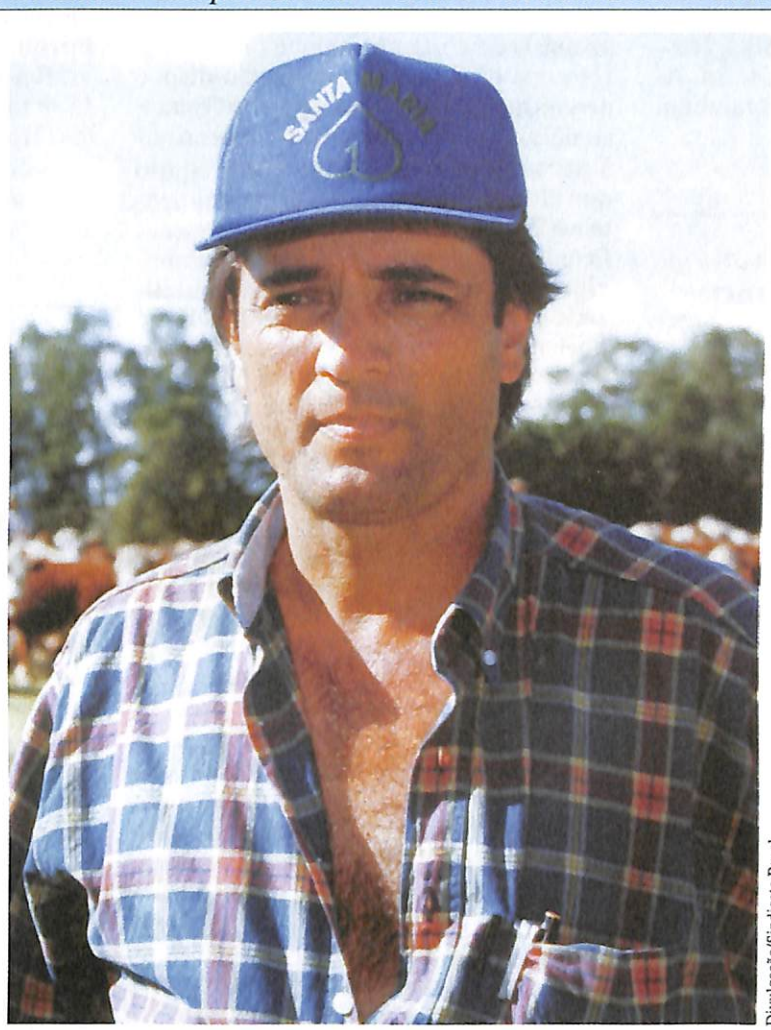
Expointer - 98, de 29\08 a 06\09.

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

DEPOIMENTO

Fala o líder rural

Muito antes do minuano soprar nas coxilhas da região da Campanha, uma ventania em pleno outono mexeu com os ânimos dos pecuaristas do município de Bagé, na fronteira com o Uruguai. Acostumados a aproveitar a estação que antecede a entressafra para engordar a boiada, eles acrescentaram às atividades rotineiras uma outra muito diferente das lides campeiras: impedir os técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) de vistoriar as propriedades encravadas no pampa gaúcho. O pé-de-vento estava formado. Tudo por conta da discordância sobre os índices de lotação estabelecidos pelo Incra para determinar eficiência e produtividade das fazendas. Surgiu, então, o Movimento das Barreiras, liderado pelo veterinário Gedeão Pereira, 49 anos, presidente do Sindicato e Associação Rural de Bagé. Inédito, o movimento ganhou a simpatia de produtores de todo o Rio Grande do Sul, atravessou fronteiras e chegou a Brasília.



Divulgação/Sindicato Rural

Gedeão Pereira, líder do Movimento das Barreiras em Bagé/RS: a reforma agrária preconizada pelo MST não visa à produção de alimentos

Gedeão está satisfeito com o movimento, espécie de fecho de ouro frente a entidade que dirige por duas gestões consecutivas. Nos dois primeiros anos, deu prioridade ao chamado Novo Ruralismo, no qual o carro-chefe foi o incentivo ao uso de tecnologias. Agora, colocou na rua a bandeira política da classe. Nesse período, precisou acelerar o ritmo de trabalho, dividindo as 24 horas do dia entre a administração da propriedade da família, 10 mil hectares da Estância Santa Maria, com a luta sindical. Mas não descuidou da manutenção dos índices exemplares de produtividade da Santa Maria: 1,4 mil novilhas entouradas aos 14 meses, 5 mil vacas com taxa de prenhez acima de 82% e pelo menos 1,4 mil novilhos confinados. Depois de deixar a luta sindical, Gedeão promete se dedicar de corpo e alma às 11 mil cabeças das raças hereford e braford e das lavouras de arroz e sorgo.

A Granja — Por que os pecuaristas bageenses impediram as vistorias do Incra?

Gedeão Pereira — Porque o Instituto, na contramão daquilo que está estabelecido, principalmente pela pesquisa, apresentava índices absurdos e sem a mínima consideração a respeito dos avanços tecnológicos obtidos pela pecuária de corte nos últimos anos, como o novilho jovem.

P — Quais os pontos de discordância?

R — São dois. O primeiro é quanto ao novilho jovem. Precisamos que seja encarado como uma Unidade Animal (UA). Afinal, é um animal adulto com mais de 450 quilos, e o Incra considera como 0,37 UA. Em segundo lugar, temos pesquisas efetuadas pela Embrapa, Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) provando que a carga exigida pelo Incra é muito elevada para termos um sistema eficiente e produtivo. O Incra mede número de animais na propriedade, e não eficiência. Para obtermos eficiência, precisamos ter cargas animais compatíveis com o ecossistema atual.

P — O senhor considera o movimento iniciado em Bagé vitorioso?

R — Considero uma vitória do pro-

dutor rural brasileiro que, neste momento, espelhado pelos gaúchos, se mobilizou.

P — Então, criadores e Incra chegaram a um acordo?

R — Chegamos ao bom senso e não a um acordo. Ou seja: a reforma agrária que serviria a todos os lados. De um lado, os ditos colonos sem-terra, aliciados pelo MST, que querem terras a qualquer custo. De outro, os produtores rurais que detêm a propriedade da terra, que não desejam sair de suas propriedades. E, no meio disso tudo, temos produtores não-dispostos a permanecer no negócio. Nesse caso, o Incra deve comprar a terra. Aí contemplaria o dito sem-terra e também o produtor rural.

Há mais de 20 anos que o pecuarista não recebe crédito do governo

P — O que está faltando para haver um acordo com o Incra? Quais os acertos até agora?

R — O produtor rural se uniu e obteve grandes conquistas: a edição da Portaria 170, pioneira no Brasil para estudar os índices da pecuária de corte; depois, a criação de uma nova portaria interministerial, no sentido de revisar em todos os estados da Federação os índices, tanto agrícolas como pecuários. Ficou um guichê aberto para o pecuarista discutir o que considera errado.

P — Há alguma chance de o Movimento das Barreiras ter continuidade?

R — Não. O presidente do Incra, Milton Seligmann, disse claramente que compraria terras no Rio Grande do Sul, porque o processo de desapropriação por meio de vistorias é extremamente oneroso aos cofres públicos. Segundo ele, o processo mais fácil e rápido é o de aquisição de terras. Ele garantiu que vão comprar as áreas criando um mecanismo via Bolsa de Valores do Extremo Sul para adquirir essas terras para os colonos, para essa gente. Isso me leva a crer que o Incra deverá passar a um processo de vistoriar as propriedades que estarão ofertadas, porque até o final deste ano a proposta é de aquisição de aproximadamente 40 mil hectares para assentar entre 1,5 e 1,6 mil famílias no estado.

P — Qual o percentual de propriedades da região de Bagé consideradas improdutivas?

R — Eu repetiria o que disse o presidente Fernando Henrique Cardoso em recente entrevista concedida a Roberto Pompeo de Toledo: o Rio Grande do Sul não tem mais propriedade improdutiva. E se considerarmos o Brasil, o estado deixou de ser fronteira agrícola há muitos anos. Hoje, a fronteira agrícola é o Brasil Central, principalmente as regiões mais próximas a Bolívia, mais ao norte. Lá, temos produtividade zero. Dentro da nossa realidade, temos propriedades muito avançadas tecnologicamente e outras mais atrasadas. Mas é preciso considerar outro aspecto: há anos, a pecuária de corte não recebe incentivos. Há mais de 20 anos o setor não dispõe de crédito por parte do governo. Então, se deixaram de dar crédito e incentivos à pecuária de corte, como cobrar aquilo que ela não consegue dar, principalmente no Plano Real, quando temos uma defasagem de 40% no preço da carne bovina? O produtor rural está descapitalizado e sem nenhuma possibilidade de investimento. Portanto, o estado não tem direito de fazer exigências ao produtor.

P — Existem terras à venda na região para o Incra?

R — Tenho informações de que existiria oferta. Em todo o Rio Grande do Sul, algo em torno de 300 mil hectares, principalmente na metade sul do estado. Se temos ofertas e sabemos que nessa região existem produtores querendo vender suas propriedades, principalmente no município de Hulha Negra, onde a convivência entre produtores rurais e assentados ficou difícil, o Incra que as compre. Assim, eu diria que existe um entendimento no sentido de se fazer uma reforma agrária dentro de uma realidade possível.

Os assentados vivem às custas dos cofres públicos

P — Por que o senhor afirma que a convivência com os trabalhadores rurais assentados é difícil?

R — Devido à vizinhança. É muito difícil concebermos que o assentado em 20 hectares não tenha ociosidade. Essa gente, esses assentados, não têm emancipação. Vivem às custas dos cofres públicos. O assentado recebe, através do Procer, cerca de R$ 9,8 mil por ano. Recebe tudo isso para sobreviver com agricultura do seco numa região sem essa aptidão. Aqui, se sobrevive com orizicultura, lavoura empresarial, pecuária de corte. Essa gente também não tem aptidão para a produção leiteira, porque vem de uma região onde praticamente existia só soja. Então, devido à ociosidade, uma pessoa em 20 hectares sai a produzir outros malefícios. É evidente que no meio deles tem gente boa também.

P — O senhor disse que há produtores querendo vender suas propriedades nas cercanias de Bagé, especialmente Candiota e Hulha Negra, devido à presença dos assentamentos. Essa região pode se tornar um barril de pólvora, a exemplo do Pontal do Paranapanema, em São Paulo?

R — Eu não diria que pode se tornar. Já se tornou. É um pólo de assentamentos. Hoje, existem cerca de 20 mil hectares com assentamentos. Provavelmente, é uma das regiões do Brasil onde mais assentamentos foram efetivados.

Queremos que o Incra compre terras e selecione quem vai assentar

P — Como essa área se tornou pólo de assentamento?

R — Começou na época do governo do atual senador Pedro Simon. Houve muitas aquisições de terras por parte do Incra, e aconteceu o que se pode chamar de efeito dominó. Passou a haver uma convivência muito difícil entre produtores da região e os assentados, e outros proprietários começaram a vender terras para o estado.

P — O senhor acredita que exista alguma relação ideológica entre os índices de lotação do Incra e o MST?

R — A atuação do Incra é muito suspeita. O Incra tem uma relação muito íntima com o MST. Nos leva a acreditar que a reforma agrária executada no Brasil não é técnica, mas sim política e ideológica.

P — Como, então, o senhor acha que deveria ocorrer o processo de reforma agrária?

R — A reforma agrária feita a reboque do MST é ideológica. Política e ideológica, e não visa a produção de alimentos. O nosso contraponto é que o Incra compre terras e selecione as pessoas que tenham vocação para a terra. Hoje, com os produtores primários desvalorizados pelo Plano Real, o produtor é um sacerdote daquilo que faz. Sai mais gente do campo do que o governo está conseguindo assentar.

P — O ex-presidente João Figuei-

redo chegou a afirmar que o pecuarista é um gigolô de vacas. Essa imagem mudou?

R — Essa figura do gigolô de vacas não existe mais há muito tempo. Especulação no setor rural praticamente acabou. A imagem do produtor rural deveria avançar. Temos obrigação de mostrar ao cidadão urbano quanto custa a produção primária. Na realidade, o que enche as prateleiras dos supermercados é o agribusiness, que representa 40% da economia brasileira. No processo de globalização da economia, aumento da competitividade, todo aquele que não tiver eficiência no que faz deixará de ser produtor, naturalmente.

O RS vai custar muito para voltar ao mercado internacional

P — Se acabou, quais os avanços da pecuária gaúcha?

R — Temos um grande avanço: a redução da idade de entouramento, a um ano de idade, enquanto no resto do País se dá aos três anos. Além disso, o abate de animais ocorre entre 18 e 24 meses.

P — Os produtores bageenses conquistaram a simpatia de todo o estado com o Movimento das Barreiras, inclusive dos vizinhos uruguaios. O senhor acha possível aproveitar esse momento de força política do setor para reabertura de frigoríficos na região, como a Cicade, por exemplo?

R — O produtor não apenas conseguiu a simpatia de outros pecuaristas mas também da população urbana, até porque vivemos em uma região com maior tradição neste segmento no País. Nós não temos conflitos agrários aqui. Estamos legitimamente assentados há mais de um século. Temos uma Associação Rural fundada em 1904 e vamos inaugurar a Exposição-Feira de Bagé em outubro. São títulos que não se obtém da noite para o dia. Significa que a cultura agropecuária deste País, oriunda da Bacia do Prata, passou por Bagé. Estamos vivendo um momento em que o Rio Grande do Sul tem uma reserva de mercado quanto à carne bovina. É um avanço do produtor rural gaúcho a não-existência da febre aftosa no estado. Isso faz com que o boi ganhe valorização um pouco acima dos estados do Brasil Central. É um processo que ocorreu na Argentina. Já o problema da indústria frigorífica é extremamente grave, pois ela precisa competir com o abate clandestino. Por isso, o Rio Grande do Sul perdeu sua característica de exportador.

P — Mas existe essa possibilidade de exportar, considerando o certificado de zona livre da febre aftosa com vacinação?

R — O Rio Grande do Sul vai custar muito a voltar ao mercado internacional, porque nossa capacidade de abate instalada e a qualidade de carne a ser ofertada serão suficientes apenas para o mercado interno.

P — O certificado, na sua opinião, significa pouca mudança para o setor?

R — Não muda nada em termos de investimento. Apenas pode nos trazer uma melhora na condição econômica a médio prazo, porque temos reserva de mercado. Não que sejamos exportadores de carne. Estamos livres para chegar ao mercado europeu, ao Chile, mas não sabemos se vamos ter produto para tanto. O estado tem potencial para produzir carne diferenciada. Isso é o que nós produtores rurais precisamos aproveitar. O futuro desta região, daqui a 20 ou 30 anos, será algum tipo de diversificação, intensificação do processo agrícola e pecuário para sobreviver. Agora, sem recursos com juros compatíveis, a pecuária não conseguirá se alavancar.

Como produtor rural, já dei minha contribuição à classe

P — Qual a saída para a metade sul do RS, que se encontra empobrecida?

R — Para reverter este quadro, inicialmente, temos que reerguer a orizicultura, que é um segmento altamente tecnológico e competitivo, e que perdeu muito com as importações de arroz altamente subsidiadas. Não há agricultura no mundo que consiga competir com o subsídio. E mais: reequipar a orizicultura, aumentar as fontes hídricas — especialmente nos municípios de Bagé e Dom Pedrito, onde temos condições de dobrar a produção a curto prazo. A cultura do arroz é uma atividade que mexe com mais de US$ 1 mil por hectare, uma das que mais trabalha com capital. Na pecuária de corte, dispomos de tecnologia para triplicar a produção de carne bovina. Precisamos de crédito similar ao concedido à agricultura, com juros de possivelmente 7 a 9% ao ano. Assim, poderemos fazer investimentos, aumentar a produção.

P — O senhor pretende mesmo deixar a presidência do Sindicato e Associação Rural de Bagé?

R — Nós estivemos por dois mandatos no Sindicato e Associação, e também frente à presidência da Comissão Fundiária da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul). Acho que como produtor rural, que deve dar sua contribuição a uma política classista, já atingi minhas metas. Então, dia 27 de março do próximo ano, às 14 horas, entrego a entidade a meu sucessor.

P — O que o senhor chama de meta cumprida?

R — Na primeira etapa de nossa gestão (com o Novo Ruralismo), apontamos a saída para a crise a partir da utilização das melhores tecnologias. Trouxemos a Bagé os melhores palestrantes e técnicos para grandes ciclos de debates. Na segunda etapa, trabalhamos mais voltados para uma visão política do processo, inserindo a produção e o produtor numa situação melhor perante a comunidade em que está inserido. Mostramos o valor real do homem do campo.

Fomos pioneiros na tecnologia de produção do novilho jovem

P — Como o veterinário Gedeão Pereira administra a Estância Santa Maria?

R — Dentro de uma vanguarda tecnológica. Fomos um dos pioneiros com o abate do novilho jovem. Lá pelos meados de 1973, começamos a abater animais com menos de 24 meses.

P — Quais as tecnologias preconizadas nos 10 mil hectares herdados pela família Pereira?

R — Atualmente, temos um dos confinamentos bastante importantes do Rio Grande do Sul. Estamos confinando 1,4 mil novilhos ao ano e crescendo. No manejo de rodeio de cria, houve intensificação do sistema produtivo. Entouramos vacas aos 14 meses. Hoje, o rebanho da Santa Maria, a 52 quilômetros de Bagé, é composto por cinco mil vacas, com taxa de prenhez entre 82 e 90%, o que é extremamente expressivo. Em 1997, chegamos a 1,4 mil novilhas entouradas, com índice superior a 80%. As lavouras de arroz, com 500 hectares, e de sorgo, com 200 hectares, são tocadas totalmente no sistema de plantio direto. E pretendemos aumentar a área de arroz.

ÍNDICE

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann

GERÊNCIA
Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO
Jomar de Freitas Martins (editor), Gilberto Severo (repórter), Adriane d'Avila (revisora), Priscila Castro (secretária). Colaboraram nesta edição: Deva Rodrigues, Altair Albuquerque, Odair Fernandes, Franklin Riet-Correa, Maria del-Cármen Mendez, Giovani Weber Scarascia, Kurt Kissmann, Émerson Cervi, Kléber Lanças, Ulisses Antuniassi, Carlos Gamero, Sérgio Benez, Jairo Vieira, Josiane Shulz e Afonso Peche Filho

PRODUÇÃO
Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet (editoração eletrônica)

CIRCULAÇÃO
Amália Severino Bueno (coordenadora)

PUBLICIDADE
SUCURSAL DE SÃO PAULO
Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, CEP 01045-001, São Paulo/SP, fone (011) 220-0488, fax (011) 220-0686, E-MAIL granjasp@mandic.com.br Home page http://www.agranja.com César Perini (gerente)

RIO GRANDE DO SUL
Av. Getúlio Vargas, 1556/58, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS, fone/fax (051) 233-1822, E-MAIL mail@agranja.com Home page http://www.agranja.com Paulo Dahne (gerente RS/SC)

Representantes/Publicidade
RIO DE JANEIRO - *Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Av. Osvaldo Cruz, 99, Apto. 707, Flamengo, CEP 22250-060, Rio de Janeiro/RJ, fone (021) 552-0732. Bip (021) 542-9977, Código 524.76.33 E-MAIL lobato@domain.com.br*
MINAS GERAIS - *José Maria Neves, Av. do Contorno, 8.000, conj. 509, Edif. Wall Street, CEP 30110-120, Belo Horizonte/MG, fone/fax (031) 291-6791*
PARANÁ - *Helenara Rocha de Andrade, Rua Dr. Faivre, 750, conj. 302, CEP 80060-140, Curitiba/PR, fone/fax (041) 262-7446, celular (041) 9720690 Outros Estados, ligue para o fone/fax abaixo*

A Granja *é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS, fone/fax (051) 233-1822. Exemplar atrasado: R$ 5,50*

Para assinar A GRANJA LIGUE (051) 233-1822

NESTA EDIÇÃO

12 *EXPOINTER/98: vai começar a maior feira da agropecuária na América Latina*

24 *MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS: é hora de proteger os cultivos de plasticultura*

26 *ADUBAÇÃO: fósforo em plantio direto*

28 *ENSINO RURAL: a contribuição da Universidade Federal de Viçosa*

32 *DEFENSIVOS: Paraná "aperta" o setor de defensivos*

36 *TODOS OS DEFENSIVOS: tabelas de produtos fitossanitários*

40 *MECANIZAÇÃO RURAL: trator precisa de manutenção*

47 *PASTAGENS: fatos e boatos sobre pastoreio rotativo*

53 *PLANTIO DIRETO NEWS: cobertura do 6º Encontro Nacional, realizado em Brasília*

NOSSA CAPA

Tem como principal chamada a Expointer, mostra agropecuária que acontece de 29 de agosto a 6 de setembro, no Parque Assis Brasil, em Esteio/RS

SEÇÕES

Aconteceu	7
Cartas, Fax, Internet	8
Aqui Está a Solução	9
Eduardo Almeida Reis	10
Porteira Aberta	11
Sementes	51
Pecuária	56
Agribusiness	58
Flash	62
Ciência e Tecnologia	64
Novidades no Mercado	65
Ponto de Vista	66

Destaques/98 - A Granja do Ano

No início de setembro próximo, o leitor terá em mãos **A Granja do Ano**. Trata-se do único anuário existente no segmento das publicações dirigidas para a agropecuária. Será a 13ª edição. Treze, um número cabalístico. O anuário divide-se em três partes editoriais. A primeira mostrará em profundidade um corte transversal do que ocorreu, está acontecendo e, provavelmente, irá ocorrer com as commodities, em termos de produção, tecnologia, demanda e comercialização. A parte final, como sempre, apresentará a listagem atualizada de todos os fabricantes de produtos e/ou prestadores de serviços no segmento do agronegócio. E, como ocorre desde o primeiro número, **A Granja do Ano** vai divulgar a relação das 25 empresas, pessoas e entidades que foram eleitas Destaque pelo voto direto dos leitores d'**A Granja**. Elas irão receber as devidas homenagens e o respectivo troféu num evento que já faz parte do calendário oficial das festividades da Expointer.

A novidade, neste ano, é que quatro empresas receberão uma homenagem especial. Elas foram eleitas durante 13 anos, sucessivamente, como referências em suas respectivas áreas de atuação.

Trata-se da Purina (Nutrição Animal), SLC-John Deere (Máquinas de Colheita), Kepler Weber (Silos e Armazenagem) e AGCO-Massey Ferguson (Tratores). Ou seja, nestes 13 anos, em 21 subsegmentos, houve mudança de posições. Em apenas quatro deles houve fidelidade repetitiva. Não é pouca coisa...

Sementes transgênicas

Fique de olho. Elas estão avançando a passos largos na Argentina. Em pouco tempo, deverão tomar conta da agricultura de nossos "hermanos". Com a utilização de sementes transgênicas, vai ser mais fácil aos países do Mercosul baterem a produção de 200 milhões de toneladas de grãos para a safra de 2001. É só o clima ajudar. Afinal, somente a safra de soja neste ano, considerando o Mercosul (Brasil, Argentina e Paraguai) mais a Bolívia, já ultrapassou a marca das 50 milhões de toneladas do grão. Um recorde.

Vantagem competitiva sustentável

Cada vez mais, caro leitor, V. irá ouvir a expressão acima. As palavras mudam. Agora, por exemplo, o termo da moda é globalização. Como se esta tal de globalização não tivesse sido responsável pela descoberta do Brasil, por exemplo.

Aliás, durante muito tempo, no século passado, o charque foi o grande produto de consumo interno dos gaúchos. Assim com a principal riqueza exportadora para os demais estados do Brasil. Pelotas foi sua capital. As charqueadas eram operacionalizadas por mão-de-obra escrava e analfabeta. Aparentemente barata.

Foi quando o Uruguai resolveu competir com o Brasil. Seu charque era de carne de melhor qualidade, feito com equipamentos modernos. E com mão-de-obra safrista. Hoje, a gente diz temporária, ou terceirizada. Enquanto isso, os escravos tinham que ser alimentados e cuidados o ano inteiro.

É fácil imaginar quem ganhou essa guerra industrial e comercial.

Em qualquer tempo, a tecnologia e os custos competitivos sempre ganharam no jogo. Portanto, não é de hoje que isto ocorre. Apenas, e tão-somente hoje, as mudanças são mais rápidas. A diferença está na velocidade.

A boca falou demais. A cabeça não pensou. A mão não caneteou. E o pé não chutou

Tudo isto aconteceu quando o governo, novamente, falou demais antes da hora. Comunicou ao mercado o seu projeto de troca privilegiada de equipamentos agrícolas por outra máquina zero quilômetro. Isto aconteceu há dois meses. O resultado? Bem, o resultado foi um imediato stop na venda de tratores e colheitadeiras. Claro, todo mundo está esperando pelo novo plano de aquisição de maquinário agrícola, com a entrega do velho equipamento como entrada no negócio. Só que tem um *mas*. O *mas* é que o Banco do Brasil alega desconhecer o mecanismo da operação, pois não recebeu instruções.

Dá pra entender? Pois é... Mais uma vez, o amadorismo boquirroto e irresponsável atrapalha a vida dos agronegócios.

"Se hay ambiente, hay movida"

Esta expressão popular espanhola define, como nenhuma outra, o estado de espírito, o sentimento de luta ou apatia. Pois bem, o campo — apesar das trapalhadas governamentais, de algumas dívidas bem grandes, ainda não-equacionadas, e, como tal, não-pagas — indiscutivelmente respira uma atmosfera de bom astral, como há muito tempo não se percebia.

Pecuaristas e agricultores estão investindo em maquinário e nos insumos modernos. Se no momento não estão fixando compras, pelo menos estão pensando em fazê-las, em breve.

Há perspectivas no horizonte, e é isto que realmente importa.

Existe luz no túnel para quem planta e cria gado, apesar de todas as dificuldades. Esta percepção subjacente está a apontar um rumo favorável à agricultura e pecuária.

E, neste sentido, a busca de profissionalização rural é um movimento de ação plenamente detectável.

A média de 60 consultas diárias ao *site* d'**A Granja** e a penetração cada vez maior da revista dão uma boa mostra do empenho do produtor em obter informação abalizada e tecnologia adequada ao crescimento e lucratividade das lides agropastoris.

CARTAS - FAX - INTERNET

Obrigado, obrigado!

"A revista do líder rural faz por merecer o prestígio que adquiriu e vem se expandindo a cada dia. A qualidade editorial e gráfica da publicação merece reconhecimento nacional. Congratulo-me com a equipe que a produz pelo profissionalismo e pela qualidade com que somos brindados a cada edição."

Márcio Chaer
São Paulo/SP

"Merecem registro as pautas e o visual das últimas edições de **A Granja**. A cada mês, nota-se uma evolução nestes dois aspectos... Na condição de agrônoma, sei que não é fácil tratar de assuntos técnicos com a competência devida, haja visto os demais veículos deste segmento editorial. Parabéns a todos."

Efigênia de Souto Costa
Campinas/SP

Nordeste quer investimentos

"Gostei muito da reportagem publicada na edição nº 592, do mês de abril, que fala sobre fruticultura. Ela mostra que possível tirar proveito de regiões carentes de investimentos e que são pouco valorizadas. O nosso País tem muito a oferecer. Vamos aproveitar as oportunidades e tentar reverter a situação em que o setor agrícola, principalmente o nordestino, se encontra; ou seja, de total desprezo do governo... Depois, criticam os saques."

Joaquim Ramos Dias
Aracaju/SE

Contra o corporativismo

"O Brasil possui todos os atributos necessários para, em 20 anos, figurar entre as quatro maiores potências econômi-

cas do planeta. Basta que tenha a coragem exigida de fazer em si uma poda drástica, cortando todas as instituições que só drenam recursos e em nada retribuem para o engrandecimento da nação. Antes, abafam o seu vigor natural. O lobby e a força corporativista destas instituições devem ser enfrentados por todos aqueles que desejam ser participantes na construção de uma grande nação. Chega! Basta de instituições cujas únicas áreas nas quais demonstram competência são as do marketing enganoso e das calúnias insidiosas. Governo nenhum constrói um grande país. Grandes países são construídos pelo seu povo, por sua população consciente do seu poder transformado; da sua força empreendedora, que não tem medo de correr riscos, mas, mesmo diante destes, quer transformar seus sonhos em realidade. Somente seremos uma potência econômica quando deixarmos de ser um país corporativista e incestuoso, e nos tornarmos um país de empreendedores. Dos ramos improdutivos que mais têm abafado o desenvolvimento do Brasil, ainda que vendam imagem oposta, destacam-se o Banco do Brasil e os bancos estaduais, cujas portas somente permanecem abertas às custas do sacrifício de toda uma nação. Estas instituições são, hoje, as reais responsáveis pela maior parcela deste enorme custo-Brasil que tanto pesa sobre a classe produtiva nacional. Elas tornam-se literalmente peso-Brasil. Se antes havia como disfarce a máscara da inflação, refúgio de todos os incompetentes, e os artifícios contábeis que transformavam prejuízos em lucros, hoje só lhes resta a certeza de serem a maior piada financeira mundial, convenientemente dourada por fora. Entretanto, continuam a insistir na busca de 'bodes expiatórios' que lhes possibilitem uma sobrevida, quando é sabido que seus fracassos explicam-se na perda de função que há muito deixaram de ter. Governo sério não pactuaria com tamanha farsa nem conjeturaria em injetar mais dinheiro do contribuinte nestas fantasias, criando-lhes um PODER particular, sob pretextos incoerentes, cuja única razão é manter intocado os privilégios dos que deles fazem parte. Sendo assim, tal qual uma célula cancerosa cujo único benefício é a sua própria existência, ainda que às custas da morte final de todo o organismo, outra razão não há para justificar a existência destas instituições. Parafraseando o poeta português Fernando Pessoa, podemos dizer: 'uma nação que insiste em privilegiar instituições improdutivas e falidas, em detrimento dos setores produtivos, acabará por merecer o conceito de nação leviana. Podar os ramos improdutivos é preciso, para que possamos voltar a sonhar com a possibilidade de um futuro sem tanta miséria e tamanha desigualdade social'. O Brasil agradece."

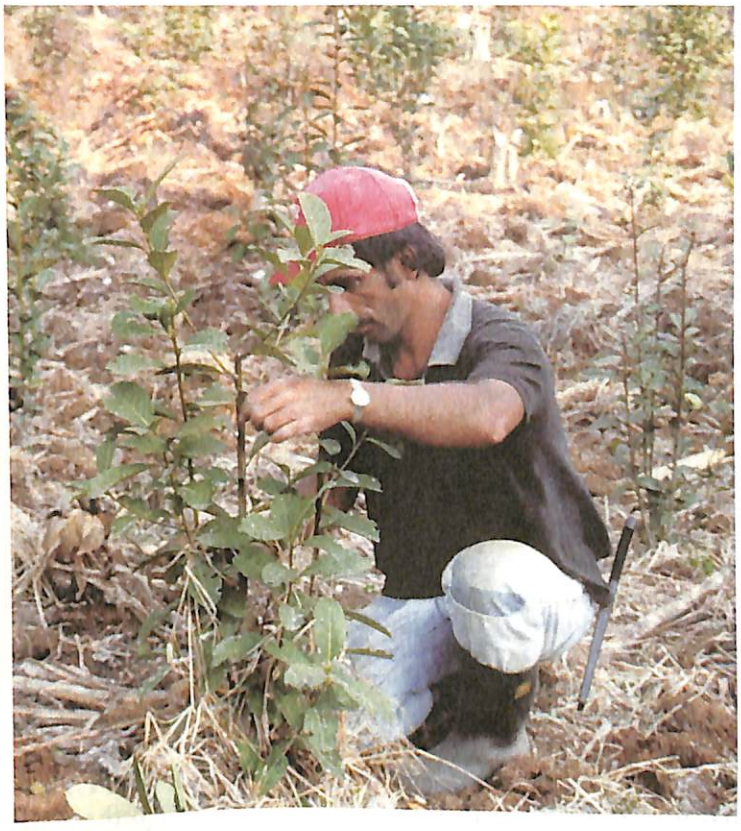
João Dewet Moreira de Carvalho
Nanuque/MG

Alô!, Almeida Reis

"Sou apreciador incontestável do cronista-mor do agribusiness, Eduardo Almeida Reis. Pela sua cultura, criatividade, ironia fina e, até, por sua coragem. Quando quer, pode ser um menestrel de finesse; noutras vezes, chega a ser um 'trator', sem querer, aqui, tirar o título do ex-governador mineiro Newton Cardoso... Enfim, o Eduardo dá vida, ânimo, inteligência a coisas tão simples como receber a visita de parentes indesejáveis... Enfim, se fosse elogiar, precisaria de uma edição extra de **A Granja**. Por isso, como admirador, exijo, peço, suplico, imploro, enfim, que o nosso cronista volte a contar 'causos' rurais, principalmente aqueles ligados à escassa (e deficitária) mão-de-obra. Acho que não faltará assunto..."

José Carlos O. Ribeiro
Rio de Janeiro/RJ

Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.
Escreva para redação da revista
A GRANJA, Av. Getúlio Vargas, 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS.
O fax é: (051) 233-2456.
E o nosso E-mail: mail@agranja.com
Home Page http://www.agranja.com
As cartas ou mensagens poderão ser publicadas de forma resumida.



A Granja

Plantando erva-mate

"Estou pensando em iniciar uma plantação de erva-mate. Para isso, necessito de algumas informações sobre o seu cultivo, semeadura, plantio etc. Conto com vocês!"

Rogério Pasqualini
Santa Maria/RS

R — *Cultivada, tradicionalmente, por gaúchos, a erva-mate* (Ilex paraguarienses) *tem grande valor comercial. Suas folhas rendem chá, chimarrão ou tererê, bebida fria muito apreciada no Brasil Central. A árvore pode atingir até 15m de altura, apresentando tronco curto e reto, casca marrom, copa alongada e folhagem verde-escura. Ocorre nas regiões subtropicais e prefere solos úmidos, compactos e pouco inclinados. A propagação da erva-mate é feita por sementes e, para a sua separação, recomenda-se a maceração dos frutos em água. Como o tegumento (casca) das sementes é duro, a germinação é dificultada. Esta dificuldade desparece com o amolecimento das sementes, o que se consegue deixando-as em contato com a terra bem umedecida, durante vários meses. Recomenda-se que este processo seja efetuado entre os meses de abril a setembro, que é a época de temperaturas mais baixas, quando o crescimento vegetativo não é favorecido. As mudas são repicadas quando apresentam de quatro a seis folhas e o plantio definitivo deve ser feito após um ano, aproximadamente, quando as mudas tiverem de 30 a 40cm de altura, de preferência em dias nublados ou mesmo chuvosos. O leitor poderá obter maiores detalhes com técnicos da área agrícola e preservação ambiental da Souza Cruz, pelo fone (021) 276-9080.*

Qual é o endereço?

"Gostaria, se possível, saber o endereço do sr. Eduardo Almeida Reis, o 'mestre', pois aprecio suas excelentes crônicas publicadas nesta revista."

Ruy Thormann Alves
Pelotas/RS

R — *Anote aí: Rua Santa Catarina, 883/901, Bairro Lourdes, CEP 30170-080, Belo Horizonte/MG, fone/fax (031) 291-3160.*

"Solicito o endereço da empresa Agrisat, citada na matéria 'Agricultura de Precisão', publicada na edição nº 593, do mês de maio."

Carlos Suguitani
Araras/SP

R — *O endereço da Agrisat é o seguinte: Av. Marcos de Freitas Costa, 761, CEP 38400-328, Uberlândia/MG, fone (034) 238-3632.*

Manejo reprodutivo

"Tempos atrás, tive perdas em meu rebanho, decorrentes de castração cirúrgica. Já ouvi falar a respeito de um método anticonceptivo vendido por uma empresa do Paraná. Vocês teriam alguma informação sobre este método?"

Jorge Barros
Lages/SC

R — *Trata-se do Dispositivo Intra-Uterino (DIU) Bovino Turin — que está sendo comercializado no Brasil pela Sinuelo Genética Agropecuária. É um dispositivo de corpo plástico com formato de 'Y' invertido, que é introduzido em cada colo uterino da vaca ou novilha. Além da substituição do processo de castração cirúrgica convencional, o DIU permite o manejo conjunto dos machos e fêmeas em Sistema de Pastoreio Geral ou Rotativo. A empresa Sinuelo está coordenando a difusão, distribuição e comercialização nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Anote aí o endereço da empresa: Av. Albino Raschendorfer, 317, CEP 80810-180, Curutiba/PR, fone (041) 335-5005, fax 335-2324.*

Informática auxiliando o pecuarista

"Ouvi falar de um software que auxilia o pecuarista na alimentação do rebanho. Não sei ao certo, mas parece que é um tal de 'evuluator', segundo fiquei sabendo numa feira. Poderiam pesquisar o assunto?"

Marcos Aurélio Veiga Lima
Cuiabá/MT

R — *Existem, no mercado, uma série de softwares que auxiliam o pecuarista na tomada de decisão sobre alimentação bovina. No entanto, o leitor está se referindo, com certeza, ao software 'Decision Evaluator for the Cattle Industry' (DECI), desenvolvido por dois americanos, Thomas Jenkins e Charles Williams, cientistas do Centro de Pesquisa em Carne Animal Roman L. Hruska, em Clay Center, Nebraska. O programa ajuda a combinar recursos alimentares e genéticos para satisfazer as demandas do mercado. Para receber maiores informações, acessar o e-mail: jenkins@email.marc.usda.gov, ou enviar correspondência para Thomas Jenkins, P.O. Box 166, Clay Center, NE 68933.*

EDUARDO ALMEIDA REIS

O irmão do craque

Se é pai de dois ou mais filhos, do mesmo sexo, o leitor de **A Granja** conhece o fenômeno. Filhos dos mesmos pais, nascidos na mesma casa, educados nas mesmas escolas, criados com o mesmo carinho e os mesmos recursos, podem ser tão diferentes como o vinho do azeite. Têm gostos, manias, hábitos diferentes e objetivos diversos em suas vidas. Vai daí que, muito antes de o abade Mendel estabelecer os princípios básicos da genética, a sabedoria dos hipódromos ingleses já recomendava: "Compre o craque, não o irmão do craque". Conselho válido até hoje, porque a mesma filiação e o mesmo haras estão longe de garantir que o irmão do craque também será um craque.

De vez em quando, só para contrariar a máxima do turfe inglês, a genética nos prega uma peça. É assim que o arquiteto Oscar Niemeyer tem como irmão o neurocirurgião Paulo Niemeyer. Há outros exemplos ilustríssimos, não só na mesma profissão, como também em profissões diversas, caso dos irmãos Niemeyer. Pensei no ditado inglês quando recebi o livro "Gente Pantaneira (Crônicas da sua História)", escrito pelo fazendeiro Abílio Leite de Barros. Havia lido, em algum lugar, que Abílio é irmão de Manoel da Barros, também fazendeiro no Pantanal, unanimidade nacional em termos de poesia.

É meio difícil "medir" poesia, mas é certo que Manoel de Barros freqüenta, faz algum tempo, a lista dos três melhores poetas da Língua Portuguesa.

Quase fiz uma lista de dois, como também poderia inventar a lista de um, em se tratando da poesia mágica de Manoel de Barros. Como tenho diversos amigos poetas, já tive a ousadia de poetar alguma coisa e moro numa cidade em que há mais poetas do que postes da CEMIG, Centrais Elétricas de Minas Gerais S.A., optei pela lista de três para dizer aos meus amigos: os outros dois são vocês... Pensei e temi que Abílio Leite de Barros fosse "o irmão do craque".

Enganei-me e dou a mão à palmatória: é escritor excelentíssimo e nos deu livro delicioso, em português da melhor água, sobre a História da Gente Pantaneira: livro de craque. Fazendeiro a vida inteira no Pantanal da Nhecolândia, entre os rios Negro e Taquari, Abílio formou-se em Direito e é licenciado em Filosofia pela antiga Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, tendo sido professor universitário. Vem daí sua imensa cultura literária. Seu livro reúne a prosa saborosa do causeur pantaneiro com a técnica do professor universitário, de que resulta precioso material histórico, sociológico, antropológico, folclórico, lingüístico e genealógico. Imperdível para os fazendeiros de qualquer lugar do país, tantas são as ligações que se podem tirar da pecuária pantaneira com as do Planalto Central, do Norte-Nordeste e dos Pampas, de enorme influência em todo o Pantanal, é também livro que muito aproveita aos amantes da boa literatura, das lições de bem escrever sem a preocupação de mostrar serviço, do arabesco, do gongorismo, do pedantismo besta. Sim, porque também existe o pedantismo jovial, que não me desgosta no texto diário.

Muita gente tromba nos fios de iluminação quando se mete a fazer crônica

Abílio, que me dizem ser cronista excelentíssimo, começa com uma paulada nos colegas de ofício: "...chamei de crônicas este trabalho, querendo usar certa 'irresponsabilidade' que este gênero literário, de vôo raso, se permite". O vôo é raso, efetivamente: deve ser por isso que tanta gente tromba nos fios de iluminação, quando se mete a fazer crônica. Os exemplos aí estão em nossos melhores jornais e não me deixam mentir.

A história da região da Nhecolândia, que deve seu nome ao apelido "Nheco" do pioneiro Joaquim Eugênio Gomes da Silva, suas terras, sua conquista fundiária, em que não foi disparado um só tiro, as famílias fundadoras, o vaqueiro do Pantanal que vive de carne vermelha, três refeições diárias, e não se conhecem casos de miocárdios enfartados, a onda ecológica depois da "descoberta" da região em 1970 — é tudo relatado de maneira deliciosa por um escritor nato, que tinha uma história para contar e sabia como contar.

Não vou privar o leitor de **A Granja** do prazer de descobrir o texto de Abílio Leite de Barros. Já os títulos são de apetite: NOTÍCIAS HISTÓRICAS DE EMPACAMENTO DE UMA MULA E SUA EXPLICAÇÃO SOCIOLÓGICA E FILOSÓFICA. RELIGIOSIDADE E MISTICISMO NUMA SOCIEDADE TEOCRÁTICA. O escritor esclarece: "Apresso-me a dizer que a busca ou exercício da ironia, tão freqüente na gente cuiabana, deve ser motivo maior de envaidecimento. O humor é manifestação da inteligência, pois o homem é o único animal que ri. Os maldotados não fazem graças, nem as entendem. Não me entenderão. Aos outros, o meu respeito". Lá se foi a paz do fazendeiro Abílio na hora do sol quente, deitado na rede armada na varanda telada. Ao computador! que deve aos seus leitores, entre os quais me incluo, outros livros deliciosos como este primeiro, vitória editorial da Lacerda Editores, que entra com o pé direito no mercado.

Medidas dividem mercado do álcool

Divulgação

No final de junho, o governo editou a Medida Provisória 1.670 e o Decreto 2.635 e volta a regular o mercado do álcool, definindo cotas de produção e comercialização e penalidades para os infratores. A medida satisfez muitos e desagradou outros. De um lado, contrários à interferência do governo, estão Coopersucar, Cosam e outros, representando 30% da produção nacional de 15 bilhões de litros de álcool/ano; de outro, arcando com 70% da produção e fevoráveis à decisão oficial, estão produtores independentes de São Paulo e várias entidades que reúnem usinas paulistas, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Nordeste. O grupo contrário à medida do governo classifica a interferência como retrocesso, alegando que estava tudo praticamente pronto para a liberação do mercado do álcool hidratado, em maio. Pelo outro lado, há produtores — e não são poucos — que festejam a decisão estatal. "Trata-se de uma iniciativa necessária e benéfica para o setor, porque institui a regulamentação mínima que faltava na comercialização do álcool e dos derivados de petróleo." A afirmação é de Pedro Luciano Pena de Oliveira, da Associação Brasileira dos Produtores de Álcool (ALCO).

Fim dos suplementos minerais sem qualidade

O Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), a Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (Asbram) e a Associação Nacional para Difusão de Fontes de Fósforo na Alimentação Animal (Andif) estão juntando suas forças para incentivar o uso de suplementos minerais na pecuária brasileira. A idéia é também orientar o produtor sobre a importância de se mineralizar corretamente o gado e informar sobre a qualidade dos suplementos disponíveis no mercado. A pecuária brasileira consome cerca de 950 mil toneladas de sais minerais, anualmente. Há 727 empresas registradas no Ministério da Agricultura habilitadas a produzir suplementos minerais. No entanto, há uma parcela dessas fábricas — especialmente as pequenas e médias — que precisa se adequar a padrões mínimos de qualidade e melhorar a composição dos seus produtos. A proposta, chamada "Campanha Institucional para Uso e Consumo de Suplementos Minerais", é trabalhar em duas frentes. De um lado, definindo normas de fabricação e, de outro, levando informações aos pecuaristas sobre a importância da correta mineralização. Já era hora de alguém tomar uma atitude...

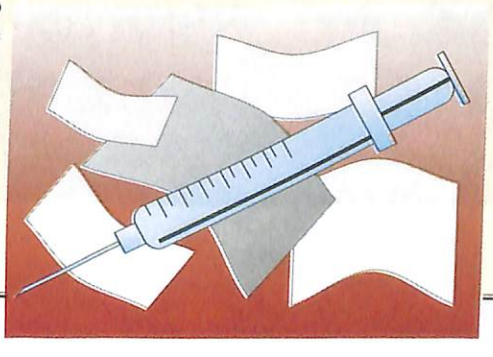
Divulgação

Pragas, go home!

Em tempos de economia globalizada, não dá pra brincar com a sanidade de produtos agrícolas, porque a briga por mercados é acirradíssima. E como esta preocupação não é só do produtor, o governo também resolveu entrar na briga para proteger o agribusiness. O secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Ênio Marques, pediu um recrudescimento na fiscalização de produtos agrícolas dos postos de fronteira, para defender a lavoura nacional. E está fazendo isto com motivos de sobra: nos países vizinhos, existem 38 pragas que podem entrar em nosso território com certa facilidade. Na Guiana, por exemplo, existe a cochonilha-rosada, que ataca 200 gêneros de plantas; na Argentina, há o problema da *Tiletia indica* no trigo; e no Equador, a incidência da sigatoka-negra está destruindo os bananais, apenas pra citar dois países latino-americanos que exportam para o Brasil.

Vacina de papel

A denúncia partiu de casa de produtos veterinários de Alta Floresta/MT, chegou ao Fundo Emergencial de Febre Aftosa do Mato Grosso (FEFA) e passou pelo Sindicato Nacional da Indústria de produtos para Saúde Animal, que encaminhou à Coordenadoria de Produtos Veterinários, do Ministério da Agricultura. Alguns revendedores do Mato Grosso do Sul estão vendendo apenas a nota fiscal da vacina contra a febre aftosa, pela metade do preço normal do produto. É a chamada vacina de papel, que aproveita falhas na fiscalização. Na seqüência, esses mesmos comerciantes desovam os lotes de vacina que deveriam acompanhar as notas nas regiões de Rondonópolis e Alta Floresta, também por preços mais atrativos aos criadores.



EXPOIN

Com as melhorias na infra-estrutura do Parque Assis Brasil e promessa de mais recursos para a agricultura, a maior feira agropecuária da América Latina tem tudo para repetir o sucesso de outras edições

Gilberto Severo

TER 98

A o que tudo indica, a Expointer 98, que acontece de 29 de agosto a 6 de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, reforça definitivamente o discurso de retomada de crescimento do agribusiness brasileiro. Ancorados na boa performance do segmento agropecuário no primeiro semestre deste ano, sobretudo pelas boas vendas de máquinas e equipamentos obtidas durante o Agrishow, ocorrido em abril, na cidade de Ribeirão Preto/SP, tanto a comissão organizadora quanto os expositores vislumbram uma feira recheada de bons negócios. E se nos dois últimos anos o clima foi de apreensão e de um justificável pessimismo em relação ao evento e ao futuro do setor, neste ano o discurso é mais leve e, principalmente, otimista. Como finalmente o Governo Federal resolveu priorizar a atividade primária, adotando algumas medidas (embora tímidas) de estímulo aos produtores — como a diminuição das taxas de juros do custeio da próxima safra e a implantação de linhas de crédito para investimentos em máquinas e infra-estrutura com juros mais baixos —, a expectativa é de que os agro

empresários voltem às compras. Os animais inscritos somam 5.070, apenas 0,21% superior aos catalogados na feira de 97.

Além de inaugurar uma nova fase da pecuária de corte do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, recentemente declarados livres de febre aftosa pela Organização Internacional de Epizootias (OIE), órgão sediado em Paris, a 21ª edição da Expointer também vai mostrar aos visitantes um parque de exposições totalmente remodelado. Os trabalhos ainda não foram concluídos, mas a partir da abertura dos portões, no dia 29, o público poderá observar de perto a nova roupagem que o governo gaúcho está dando ao local. Para isso, a Secretaria da Agricultura investiu cerca de R$ 12 milhões em obras de infra-estrutura e desapropriação de áreas que margeiam o lugar.

Dentre as mudanças mais importantes já implantadas estão a ampliação do Parque, de 64ha para 141ha; o novo pavilhão para remates de rústicos e eqüinos, com 1.571m²; pavilhão de bretes com 2.400m² e mangueira com desembarcadouro e rodolúvio; tratamento paisagístico e ajardinamento, com a plantação de 40 mil mudas de plantas ornamentais, obras de pavimentação, numa área de 20ha, batizada de Jardins de Estância, na entrada principal; entre outros. O secretário da Agricultura do RS, Caio Tibério da Rocha, justifica os investimentos salientando a importância da feira no contexto nacional. "A Expointer é a mostra agropecuária mais importante da América Latina e a terceira do mundo. Isso nos obriga a melhorar tanto visualmente como a estrutura do local, ainda mais agora que finalmente conseguimos o certificado internacional de zona livre de aftosa", comemora. O próximo passo da Secretaria será a implantação de um parque temático — menina-dos-olhos do atual governo —, que depende apenas de uma licitação internacional. O objetivo do governo estadual é viabilizar o Parque Assis Brasil para os mais variados eventos, tornando-o auto-sustentável.

Promessas — Embora a Expointer não seja caracterizada como um agroshopping, mas um evento institucional, dada a dimensão de seu prestígio político e econômico no Brasil e no Mercosul, os expositores — que neste ano deverão ser cerca de 1.200, entre criadores, comerciantes, fabricantes de máquinas, equipamentos e serviços — sempre sonham com um bom faturamento. Pelo menos 11 países já confirmaram presença, dentre eles Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Inglaterra e França. A expectativa é de que o volume de negócios seja 20% superior ao verificado no ano passado, quando o montante de vendas de animais e máquinas atingiu R$ 15 milhões. A boa nova em 98 é que o Executivo Federal destinou R$ 10 bilhões para o custeio da safra 98/99 (37% superior ao liberado a 97) e com taxas reduzidas de 9,5% para 8,75% ao ano, e mais de R$ 1 bilhão para programas de investimento (este último ainda em fase de definição até o fechamento desta edição). Além disso, os pequenos produtores que prestigiarem a mostra vão poder contar com recursos R$ 2,35 bilhões do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), já liberados pelo Tesouro, com juros de 5,5% ao ano. No entanto, os expositores esperam pela liberação dessas linhas antes da feira, até por que no final de agosto as vendas já estarão em curva descendente, pela proximidade do plantio das culturas de verão.

O ministro da Agricultura, Francisco Turra, espera firmar 800 mil contratos através do Pronaf em 98, contra 450 mil do ano anterior. Do total destinado ao Programa, R$ 200 milhões serão utilizados para financiar obras de investimento para produtores com renda bruta anual de até R$ 8 mil. Para as médias e pequenas empresas é uma boa notícia desde, é claro, que o dinheiro chegue nos bancos antes dos agricultores iniciarem o plantio. Aos grandes fabricantes, o Banco do Brasil leva novamente o BBAgro, já utilizado na feira passada, só que com taxas de juros de 8,75%. Uma novidade apresentanda no BBAgro deste ano — que só vale durante a Expointer — é a incorporação de pequenos e médios fabricantes de equipamentos ao programa.

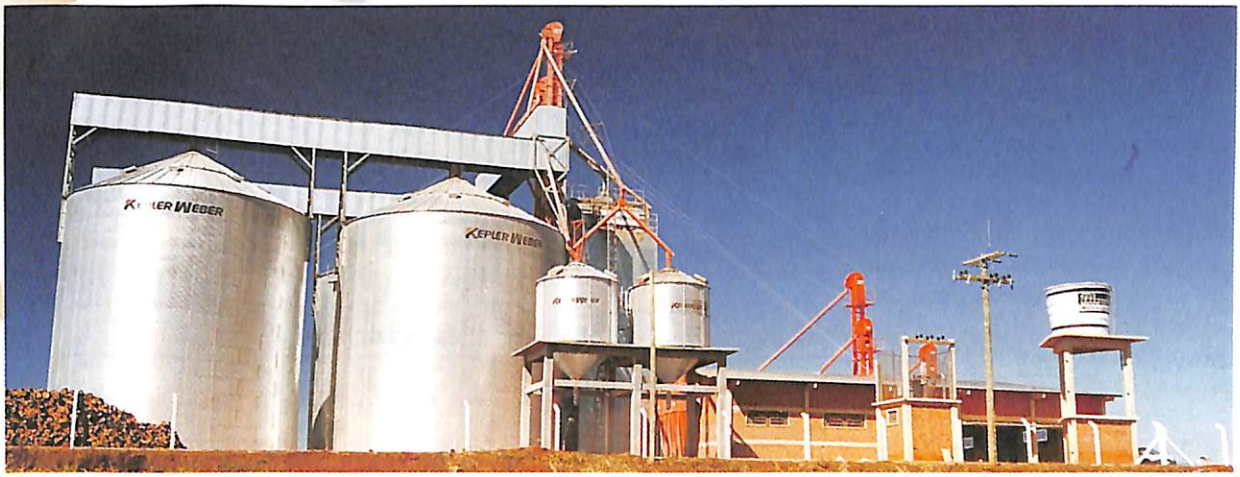
Como sempre acontece nos meses que antecedem a feira, o governo anunciou outra boa-nova: o retorno dos financiamentos para adubação e correção de solo, suspensos desde o final dos anos 70. Segundo Wilson Vaz de Araújo, gerente de Economia Agrícola da Secretaria Nacional de Política Agrícola, o Tesouro já definiu e aprovou o montante que será destinado ao programa: R$ 500 milhões. Destes, cerca de R$ 200 serão liberados ainda em 98. Araújo só lamenta que a aprovação do crédito tenha ocorrido um pouco tarde, quando o ideal seria logo após o término da safra de verão. "Mesmo assim, é uma vitória já poder contar com esses recursos. Afinal, estamos trabalhando no projeto desde o ano passado", finaliza Araújo.

Tentando sair do atoleiro

O segmento leiteiro ainda é um dos que mais padecem com a falta de definição do governo brasileiro. E isso, de alguma maneira, se reflete no número de animais inscritos na feira. Neste ano, deverão participar 466 animais, contra 572 do ano anterior, uma queda de 18,5%. A falta de uma política clara para o setor é apontada como a principal razão para o afastamento dos expositores de Esteio. Tudo bem que os produtores estejam recebendo cerca de R$ 0,25 por litro produzido, mas trata-se de uma medida-tampão que inquieta o setor, pois ela expira no final de agosto, quando completa os 60 dias. Segundo o superintendente-técnico da Associação dos Criadores do Gado Holandês do RS (Gadolando), José Luiz Rigon, a maior limitação continua sendo a falta de crédito que leve em conta a capacidade de pagamento dos pecuaristas, além da pressão muito grande da cadeia produtiva sobre a propriedade.

Para Rigon, como a maioria dos agroempresários está descapitalizada, nem sempre é viável participar da mostra. Mesmo assim, a expectativa de quem expõe é atingir um volume de negócios igual ou superior a 97, quando os leilões movimentaram mais de R$ 140 mil. Apesar da crise do setor leiteiro, o dirigente acredita que participar da Expointer é a estratégia de marketing mais barata para os expositores, pois é a principal vitrine agropecuária do País. "Expor na feira é garantia certa de vendas no ano todo", salienta. No RS, existem 80 mil produtores de leite, a grande maioria de pequeno porte, o que dificulta bastante a participação na mostra.

Mais Qualidade e Rendimento Para as Safras.



Marasca Com. de Cereais - Cruz Alta - RS

Equipe sua propriedade com uma instalação de armazenagem Kepler Weber e obtenha benefícios concretos:

- *Maior valor agregado, através de grãos limpos, secos e armazenados na propriedade;*
- *Comercialização dos produtos nos momentos mais oportunos;*
- *Tecnologia desenvolvida para gerar maior competitividade, com menor consumo de energia, combustível e mão-de-obra;*
- *Produtos e serviços com qualidade certificada ISO 9001.*

ISO 9001 KEPLER WEBER Empresa Certificada BVQI

KEPLER WEBER®

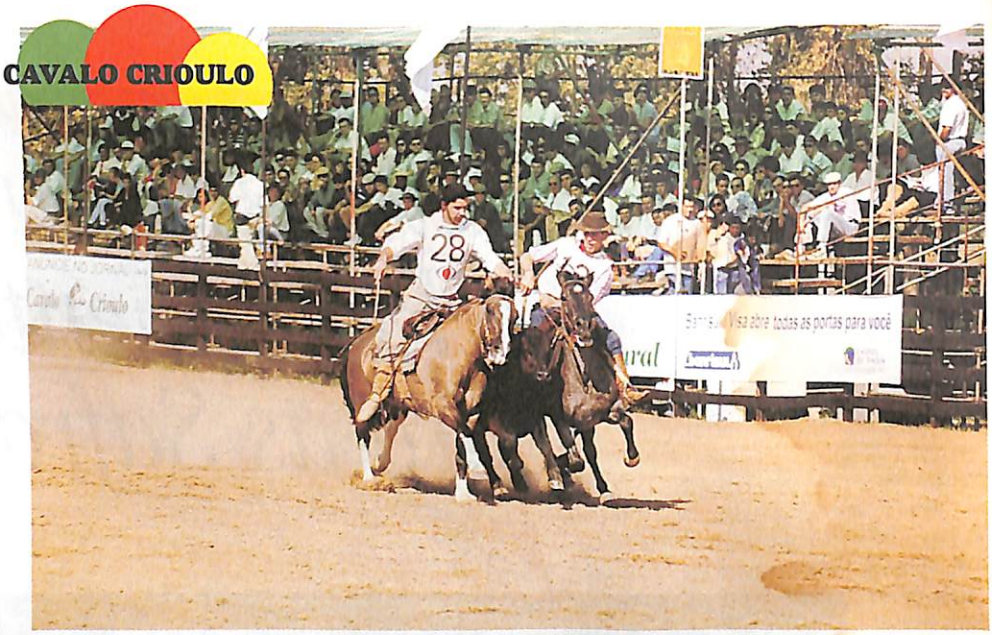
SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA.

FONES: Panambi (055)375-4000 * **Porto Alegre** (051)341-1044 * **Cascavel** (045)226-5422 * **São Paulo** (011)825-7433 * **Goiânia** (062)233-4500
Campo Grande (067)742-3013 * **Cuiabá** (065)627-1087 * **INFORMAÇÕES** DDG (051)800-2104 * **<e-mail>marketing@kepler.com.br** * **http://www.kepler.com.br**

SONDER

CAVALO CRIOULO

O dono da festa inova na premiação



Performance no Freio de Ouro: maior competição eqüina do País

Responsável por 30% do volume comercializado nos leilões da Expointer 97, quando sozinho movimentou R$ 485 mil, o cavalo crioulo é marca registrada da feira. Começa pelo Freio de Ouro, sucesso absoluto de público, que leva milhares de pessoas a Esteio nos dois primeiros dias da exposição. E é para dar ainda mais brilho ao evento que a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC) fez algumas modificações no sistema de premiação da competição e no leilão oficial da raça. Na premiação deste ano, além de oferecer dois carros zero quilômetro — um para o proprietário do vencedor macho e outro para o da campeã fêmea —, a ABCCC vai sortear um terceiro veículo entre os participantes das outras etapas do concurso, da morfologia e da marcha de resistência, presentes no evento. Ao todo, participam da etapa final do Freio de Ouro 60 animais: 30 cavalos e 30 éguas. A marca e o modelo dos automóveis serão definidos na primeira quinzena de agosto.

De acordo com Henrique José Marim Teixeira, presidente da ABCCC, a modificação no sistema de premiação busca incentivar ainda mais a participação dos criolistas. "É uma forma de valorizarmos premiações antes não muito prestigiadas e difundir ainda mais a raça junto aos criadores gaúchos e de outros estados", garante. Atualmente, existem no País cerca de oito mil criadores da raça crioula, sendo mais de 80% em território gaúcho. A entrega de prêmios da Associação e o sorteio do automóvel extra acontecem no dia 2 de setembro, quarta-feira, no Restaurante Internacional, no Parque de Exposições. As chances de cada participante variam em função da premiação alcançada pelos animais nas provas. Pelos cálculos do departamento de eventos da entidade, estarão presentes na feira 283 exemplares da raça participando das provas de morfologia, freio, paleteada, tiro-de-laço, guri, juvenil e feminina.

Outra estratégia adotada para a Expointer é a antecipação do leilão oficial da raça crioula para sábado, dia 29 de agosto, na pista G do Parque Assis Brasil. Trata-se de um projeto arrojado, até por que, ao contrário de outros anos, o remate acontece antes do julgamento morfológico dos animais. "Queremos adotar um sistema semelhante ao já utilizado em outras feiras do gênero no mundo, mas inédito no Brasil, que busca aumentar a média das vendas sem a influência dos julgamentos. Com isso, evita-se preços muito altos ou abaixo do esperado, tanto pelos proprietários quanto como pelos leiloeiros", explica. Segundo Teixeira, a nova medida permite que o próprio comprador avalie o animal por sua ótica. Além disso, o pregão poderá ser o caminho mais rápido para um crioulista chegar ao grande campeonato de Esteio ou até mesmo ser grande o vencedor do Freio de Ouro, pois algums animais negociados no sábado concorrerão a grande final de domingo em nome dos novos proprietários.

Estes são os finalistas do Freio de Ouro

Machos:

BT Johnnie Walker do Junco — Estância do Junco, Uruguaiana/RS
TJ Entonado — ACentro de Treinamento Urutu, Bento Gonçalves/RS
Colibri da Carovy — Cabanha Carovy, Rio Grande/RS
BT Florete do Junco — Paulo Brochier Lopes, Montenegro/RS
BT Bailongo — Cabanha Dom Teju, São Borja/RS
PO Formoso — Estância Quizilia, Uruguaiana/RS
BR Laçador do Junco — Estância do Junco, Uruguaiana/RS
JBP Farrapo — Estância Renascer, Uruguaiana/RS
São Martin Trovador — Cabanha Carovy, Rio Grande/RS
BT Favorito — Cabanha Mauffer, Cruzeiro do Sul/RS
Libertador da Reconquista — Gustavo de Lima Trindade, Porto Alegre/RS
BT Hebreu — Fazenda da Palma, Pelotas/RS
Lanceiro do Capão Redondo — Fazenda Capão Redondo, Barra do Ribeiro/RS
BT Debret — Cabanha Infinito, São Sepé/RS
Herói da Água Funda — Cabanha Água Funda, Julho de Castilhos/RS
Patriarca da Lagoa — Cabanha da Lagoa, Bagé/RS
Campana Farrapo — Cabanha Nossa Senhora da Conceição, São Jerônimo/RS
Delc Boca do Orelhano — Hugo Mariani Neto, Chapada/RS
Quero-Quero da Santa Edwiges — Cabanha Santa Edwiges, São Lourenço do Sul/RS
Buenacho do infinito — Agropecuária Infinito, São Sepé/RS
BT Fanfarrão — Cabanha Paineiras, Uruguaiana/RS
Orgulho do Solteirão — Estância do Continente, Lavras do Sul/RS
Jotacê Destaque — Cabanha do 38, Viamão/RS
JD Nevoeiro — Fazenda São João, Júlio de Castilhos/RS
Bagunça do Strass — Márcia Regina Gonçalves de Castro, Chiapeta/RS
Delgado do Carrucho — Cabanha do Carrucho, São Sepé/RS
Dingo da Magnólia — Cabanha Moenda, Caxias do Sul/RS
Butiá Aragano — Cabanha Jacireta, Passo Fundo/RS
Fandango do Sol de Maio — Fazenda Sol de Maio, Santa Bárbara do Sul/RS
Butiá Guarani — Cabanha Oca, Mafra/SC

Fêmeas:

Punhalada de Santa Edwiges — Cabanha Santa Edwiges, São Lourenço do Sul/RS
Invernada de Sol de Maio — Fazenda Sol de Maio, Santa Bárbara do Sul/RS
Taipa de Santa Margarida — Cabanha Santa Margarida, Bagé/RS
OEA Índia — Haras Imbaa — Uruguaiana/RS
Paisana da Canhada — Estância da Canhada, Bagé/RS
Berachi Butiá — Estância Berachi, Cerro Largo/Uruguai
Gulosa dos Castanheiros — Cabanha dos Castanheiros, Pejuçara/RS
Dengosa do Rodeio — Cabanha Viamara, Viamão/RS
Butiá Ibiara — Cabanha Boa Vista, Vacaria/RS
Milonga da Fascinação — Fazenda Santa Rita — Bom Jesus/RS
Pólvora da Santa Edwiges — Cabanha Santa Edwiges, São Lourenço do Sul/RS
Butiá Jurerê — Cabanha Butiá, Passo Fundo/RS
Posteiro Chica — Estância Santo Antônio do Cerro, Pinheiro Machado/RS
Notícia Charrua — Cabanha Fajalema, Rio Grande/RS
Esponja da Fama — Cabanha Vencedor, Portão/RS
Luana de Mi Flor — Cabanha DC de Mi Flor, Santo Antônio das Missões/RS
Descoberta do Itapororó — Cabanha Santa Etelvina, São Gabriel/RS
OEA Hada — Haras Imbaa, Uruguaiana/RS
Chispa de Santa Odessa — Cabanha Quinta Santo Antônio, Lavras do Sul/RS
Havana dos Campos Neutrais — Cabanha Campos Neutrais, Santa Vitória do Palmar/RS
BT Índia do Junco — Cabanha Vencedor, Portão/RS
Capela Fanfarrona — Cabanha AZ, Osório/RS
BT Demonica — Cabanha Nossa Senhora da Conceição, São Jerônimo/RS
Famosa de São Pedro — Estância São Pedro, Uruguaiana/RS
Galopera La Invernada do Pastoreio — Cabanha Boa Vista, Vacaria/RS
Cambará Tupambaé — Fazenda Serra Azul, Canela/RS
LS Venera — Estância São Crispim, Lavras do Sul/RS
BT Libra do Junco — Estância do Junco, Uruguaiana/RS
Pozo Azul Cigarra — Cabanha Bibbarrense, Duas Barras/RJ
Capanegra Vespúcia — Cabanha Capanegra, Dom Pedrito/RS

Quem trabalha no mercado florestal sabe que a Stihl é do ramo.

25

Há 25 anos esta é nossa bandeira.

Quem trabalha no mercado florestal sabe muito bem o que é ter a Stihl ao seu lado: nossas motosserras fizeram história junto aos técnicos, engenheiros florestais e os próprios operadores. Não é por acaso que a Stihl é a nº 1 no mundo. É porque, além da confiabilidade de seus produtos, a Stihl oferece treinamento às companhias florestais e empreiteiras, assistência técnica permanente nas revendas e peças de reposição originais de fábrica. É por tudo isso, que quem está no mercado florestal sabe que a Stihl é do ramo.

Andreas Stihl Moto-Serras Ltda.
Fone: (051) 579.8139 - Fax: (051) 579.8366

STIHL®

Nº 1 no mundo.

Certificação abre novas perspectivas para a carne bovina

Na carona da recente conquista do certificado de zona livre de febre aftosa pela pecuária de corte dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina no contexto internacional, os produtores de bovinos-carne chegam a Esteio repletos de otimismo e acreditam que este é o ano da virada na produção de carne no sul do Brasil. Pelo menos esta é a síntese do discurso de algumas das associação que congregam as raças de corte participantes da Expointer 98. O aumento do número de animais inscritos neste ano em relação ao ano passado ilustra bem este quadro. Em 98, são 1.024 bovinos contra 934 de 97, o que representa um crescimento total de 9%. Quanto a comercialização, a superintendência do Banco do Brasil no RS já disponibilizou a linha de crédito para a compra de animais via BBAgro, com prazo de pagamento de 12 meses e juros anuais de 8,75%.

Para o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Aberdeen-Angus (ABCAA), Fernando Bonotto, a possibilidade de ampliar a exportação de carne está deixando os produtores eufóricos. "Ainda não temos um caminho bem-definido, mas só a possibilidade de estarmos liberados para comercializar nosso produto no mercado internacional é uma vitória que há muito tempo perseguíamos. Significa dizer que os investimentos em carne de qualidade vão aumentar, o que nos dá confiança num crescimento acelerado, pois o perfil da raça aberdeen se encaixa perfeitamente nos programas de cruzamento", comemora. O número de bovinos aberdeen-angus inscritos para a feira é 20% superior a 97, quando estiveram na Expointer 98 animais.

A ABCAA já está trabalhando na criação de um selo de qualidade para a carne angus no mercado nacional e na implantação de uma marca de qualidade para exportação do produto. Para esclarecer as dúvidas dos visitantes e criadores em geral, a Associação vai manter técnicos de plantão no estande da raça nos oito dias da mostra. Os leilões aberdeen-angus não sofreram alterações em relação a 97.

BOVINOS DE CORTE

Aberdeen-angus: de olho no mercado internacional

Já o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Charolês — raça bovina de corte com o maior número de animais inscritos: 187 —, José Feijó Garcia, prefere cautela ao comentar a expectativa dos criadores em relação ao evento. Como o governo ainda não definiu de forma concreta os recursos para o setor investir no melhoramento da produção, Garcia acredita que fica difícil fazer qualquer prognóstico sobre a performance comercial dos criadores na feira. Para ele, o panorama não deverá sofrer alterações e acena para um desempenho similar ao verificado no ano passado, quando o charolês comercializou 21 animais e faturou um montante de R$ 53 mil.

BÚFALOS

Crescendo a passos largos

A pesar do número de animais expostos neste ano cair de 56 para 35, a bubalinocultura gaúcha vai muito bem. Dentro do segmento de produção de carne, o búfalo foi um dos que apresentou o melhor desempenho nos anos 90. A começar pelo rebanho estadual — hoje em 140 mil cabeças, contra menos da metade no início da década. O número de criadores também sofreu um aumento pra lá de satisfatório nos últimos quatro anos: pulou de 400 para 600, segundo informou Erizolei Silva, presidente da Associação Sulina de Criadores de Búfalos (Ascribu). A carne de búfalo, antes vendida a preço inferior, hoje está nos mesmos patamares que a dos bovinos em geral, e com uma vantagem: praticamente não há entressafra.

O sucesso da carne de búfalo junto aos consumidores traz um novo desafio para os pecuaristas: aumentar a oferta, hoje restrita a 30 pontos de venda em todo o estado. Conforme o dirigente, algumas medidas já estão sendo implementadas. Dentre elas, a organização do abate e o apelo para que as fêmeas não sejam abatidas. Outro item que está sendo desenvolvido é a certificação sanitária dos animais. Com isso, a Ascribu espera cada vez mais difundir a espécie junto a um mercado cada vez mais exigente. "Nosso maior trunfo é nunca termos no campo animais com idade superior a 30 meses, o que aumenta significativamente a taxa de desfrute", complementa Silva.

Na busca de novas alternativas

Depois da eqüinocultura, a criação de ovinos foi a atividade que mais levou animais à Expointer no ano passado. No entanto, neste ano, o segmento deverá mostrar menos animais. Serão 672 exemplares ao todo, o que representa uma queda de 2,4% sobre 97. De certa forma, esta redução ilustra o desempenho da ovinocultura no Rio Grande do Sul na última década. A análise feita pelas associações que congregam as 10 raças criadas no estado revela sistemas produtivos com níveis tecnológicos completamente desatualizados, aliados à pouca informação e o desinteresse dos produtores. Para se ter uma idéia, na década de 60, o estado detinha 12 milhões de cabeças. Hoje, o efetivo total não ultrapassa seis milhões.

Para fugir da crise da lã, perpetuada sobretudo nos anos 80, os criadores acabaram migrando para a produção de carne, buscando, com isso, obter uma rentabilidade maior via encurtamento do ciclo de produção. Uma das âncoras para tirar o setor do atraso é o Fundo de Desenvolvimento da Ovinocultura (Fundovinos), um programa de incentivo do governo gaúcho à produção, circulação e comercialização da carne, lã e seus derivados.

Avaliação dos ovinos: tecnologia a serviço do melhoramento genético

De acordo com Marcelo Spinelle Grazziotin, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Ile de France, uma das primeiras entidades a aderir aos programas de melhoramento, é necessário cada vez mais aprimorar a genética de cada raça no estado e no Brasil. "A maior limitação acontece porque a procura ainda é infinitamente superior à oferta. Temos carência de reprodutores", salienta. Neste ano, a Associação resolveu modificar os critérios de avaliação e utiliza a tecnologia para auxiliar no julgamento de seus animais. Segundo Grazziotin, é preciso inovar em todos os aspectos. E isso implica na alteração de alguns conceitos. A avaliação morfológica, que antes era só no "olhômetro", conta, agora, com a ajuda da ultrassonografia, onde a área de olho-de-lombo, espessura de gordura e peso ajustado à idade passam a valer 50% da nota final, diminuindo o peso do jurado.

FANKHAUSER®

SEMEADEIRAS - PLANTADEIRAS - CARRETAS - PULVERIZADORES

QUALIDADE CERTIFICADA

ISO 9002:

ORGULHAMO-NOS
EM TER PARTICIPADO
JUNTOS NESSA CONQUISTA.

DET NORSKE VERITAS
CERTIFICADO DE SISTEMA DA QUALIDADE
INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS FANKHAUSER LTDA.
NBR ISO 9002: 1994
FABRICAÇÃO DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS E COMERCIALIZAÇÃO DE PULVERIZADORES

ARWI SANDVIK Coromant · INDEPA ROLAMENTOS · BANCO DO BRASIL · AÇOKRAFT · rodaço RODAS AGRÍCOLAS · rex PARAFUSOS · SOPRANO · CORAL · ADERE INDÚSTRIA SERIGRÁFICA LTDA · INCOBOR IND. E COMÉRCIO DE BORRACHAS LTDA · MERCANTE TUBOS E AÇOS LTDA · CERCENA FUNDIÇÃO E USINAGEM · NACHI ROLAMENTOS · ED Ind. de Molas Edwiges Ltda · RESPLASTIC · PIRELLI · RGC ROLAMENTOS LTDA. · HIDROVER EQUIPAMENTOS OLEODINÂMICOS S.A. · Rexnord · QT

Indústria de Máquinas Agrícolas Fankhauser Ltda - Fone (055) 543-1108 - Fax (055) 543-1148 - E-mail: fankhauser@missoes.com.br - Tuparendi - RS

MÁQUINAS

Engatando a segunda marcha

Para a indústria de máquinas e implementos agrícolas, o mercado está bom, mas bem que poderia estar melhor. Mesmo assim, o segmento chega a Esteio disposto a engrenar de vez e espantar para sempre o fantasma da crise que assombrou a feira nos três últimos anos. Quem alimenta o otimismo do setor industrial para com a Expointer é o desempenho obtido no primeiro semestre deste ano.

De janeiro a junho deste ano, foram comercializadas no País 1.494 colheitadeiras; ou seja, um aumento de 63% sobre igual período do ano passado. No segmento de tratores, o aumento foi menor mas, mesmo assim, pra lá de satisfatório se for tomado como base o ano de 1997. O mercado absorveu, nos primeiros seis meses, 8.410 máquinas, contra 6.346 do primeiro semestre de 97, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). O objetivo do segmento é encerrar 98 com um crescimento global de 20% sobre 97.

Na Expointer, dinheiro para financiamento não faltará. Pelo menos assim garante o superintendente do Banco do Brasil no Rio Grande do Sul, Edemar Mombach. Segundo o diretor, a instituição financeira encerrará a feira com um balanço muito acima do obtido no ano passado, quanto o banco movimentou R$ 11,2 milhões. Destes, cerca de R$ 9,3 milhões foram obtidos com a comercialização de máquinas e equipamentos financiados pelos convênios GCOOP, Finame, Proger e Pronaf.

Aos pequenos e médios produtores, a boa notícia é a possibilidade de utilizar linhas específicas do BBAgro nas negociações envolvendo fabricantes de equipamentos de menor porte, que no ano passado não tiveram acesso ao programa.

Pelo menos assim esperam empresas como a Semeato S.A., de Passo Fundo/RS, apreensiva com a falta de definição dos financiamentos oficiais. "Acredito que até a abertura de feira o BNDES já tenha disponibilizado o dinheiro para os agentes financeiros. Se isso acontecer, temos a certeza que o evento será comercialmente bem satisfatório", esclarece Everton Corrêa, gerente comercial da empresa.

Quintão, da New Holland: banco novo

Mombach, do Banco do Brasil: mais dinheiro

Mais opções — Disposta a desburocratizar a liberação de verba para a compra de máquinas e equipamentos, a New Holland Latino Americana, sediada em Curitiba/PR, está trazendo seu mais recente projeto: o Banco New Holland. O gerente financeiro da companhia, Élvio Quintão, informa que até o final do ano a instituição já estará operando a pleno vapor.

Além de trabalhar com recursos da Finame, o banco também vai disponibilizar linhas em dólar para maquinário agrícola. Já os equipamentos destinados à mineração, construção civil e silvicultura, da FiatAllis, terão à disposição três opções: repasses do BNDES com TJLP, financiamento em dólar e uma linha com taxa fixa. "Além de tornar o processo menos burocrático, queremos evitar transtornos, como o cliente ter de se deslocar até a instituição financeira para encaminhar a papelada.

Através do nosso banco, a concessionária fica encarregada de despachar os documentos", garante. Os produtores também terão à disposição o leasing, modalidade de financiamento que mais ganha adeptos após a implantação do Plano Real.

Um aspecto negativo que o setor vem enfrentando é o clima de apreensão em decorrência da antecipação do programa para a renovação da frota — em que o preço dos tratores e colheitadeiras seria reduzido em até 20% — feito no mês de junho pelo ministro Francisco Turra. Só que, até então, o

Gerdau premia soluções inovadoras

A 16ª edição do Prêmio Gerdau Melhores da Terra tem como Slogan "A Tecnologia Vencendo em Todos os Campos". A premiação — concedida a empresas que contribuem para o desenvolvimento tecnológico da mecanização agrícola — será entregue em sessão solene que acontece no dia 2 de setembro, às 12h, na Siderúrgica Rio-Grandense, em Sapucaia do Sul/RS, cidade vizinha a Esteio. E para tirar as dúvidas dos concorrentes sobre a premiação, o Grupo Gerdau também estará lançando o ABC da Participação, um guia prático para auxiliar os empresários sobre os critérios de avaliação utilizados pelos técnicos da comissão julgadora.

Governo Federal ainda não havia definido as regras do projeto. O impacto caiu como uma bomba no setor e fez as vendas despencarem no mês de julho. Os efeitos do desastre só serão conhecidos no início de agosto, quando os números forem tabulados, até por que as empresas evitaram falar sobre o assunto até o fechamento desta edição.

Aos que fazem a riqueza do campo

Desde sua instituição, em 1986, a cerimônia de entrega dos troféus aos 25 eleitos como **Destaque A Granja do Ano** se tornou um dos eventos mais concorridos da Expointer. Além de aglutinar num só local as principais autoridades do setor rural, a entrega do prêmio reúne as mais importantes personalidades de diferentes segmentos do agribusiness brasileiro. Neste ano, o Auditório da Secretaria da Agricultura, no Parque Assis Brasil, novamente será o palco da festa e, também, de discussões sobre os rumos do setor agropecuário nacional. A premiação acontece na sexta-feira, dia 4 de setembro, às 19h30min. Neste ano, quando o anuário comemora com sucesso sua 13ª edição, o troféu Destaque apresenta um novo formato.

Através da eleição dos **Destaques**, a revista **A Granja** também proporciona a participação de seus milhares de leitores/eleitores. São eles que, de forma direta e democrática, escolhem os profissionais de 25 diferentes categorias do agribusiness do País. À revista, cabe apenas acatar e reafirmar a decisão de seus milhares assinantes espalhados pelas mais distintas regiões do Brasil. É uma forma justa de ouvir aqueles que são a razão da publicação existir no mercado. Graças a eles, **A Granja** está em seu 54º ano de atividades e dá ao luxo de ser o único veículo do setor a ter acompanhado de perto, e até participado, das mais importantes mudanças no contexto agrícola e pecuário do Brasil nos últimos 50 anos.

Aqui, as 25 categorias premiadas de A Granja do Ano

DESTAQUES A GRANJA DO ANO

- Pecuária de corte
- Pecuária de leite
- Eqüinos
- Ovinocultura
- Suinocultura
- Avicultura
- Nutrição animal
- Defensivos animais
- Sementes
- Tratores
- Implementos de preparo de solo e plantio
- Adubos e corretivos
- Máquinas de colheita
- Sistema de irrigação
- Defensivos agrícolas
- Silos e armazenagem
- Caminhões e utilitários
- Produtor de arroz
- Produtor de vinho
- Produtor de milho
- Produtor de soja
- Produtor de Trigo
- Pesquisa agropecuária
- Cooperativismo
- Banco

A SOLUÇÃO ECONÔMICA PARA EXTERMINAR FORMIGUEIROS.

A isca formicida **ATTA MEX - S** *à base de sulfluramida é destinada ao combate de formigas cortadeiras dos gêneros Atta spp e Acromirmex spp (Saúvas e Quenquéns), em área agrícola ou florestal.*
De fácil manuseio, seguro ao aplicador, pouco agressivo ao meio ambiente e 100% eficaz.

ARZ

UNIBRÁS
AGRO QUÍMICA LTDA.
R. Uruguai, 2100 - Parque Industrial - Tel.: (016) 626-1010
Fax (016) 626-1123 - CEP 14075-330 - Ribeirão Preto - SP

Tradição, qualidade e eficácia em isca formicida.

Atendimento ao Cliente:
0800 18 3000

SERVIÇOS

Como chegar e se instalar bem

HOTÉIS

Hotel Alfred - (051) 226-2555
Rua Otávio Rocha, 270
Diárias:
single: R$ 86,00 + 10% de taxas
duplo: R$ 103,00 + 10% de taxas
triplo: R$ 123,00 + 10% de taxas

Hotel Continental - (051) 211-2344
Largo V. J. Veppo, 77 (defronte rodoviária)
Diárias:
single: R$ 96,00
duplo: R$ 105,00
triplo: R$ 131,00

Hotel Everest - (051) 228-3133
Rua Duque de Caxias, 1357
Diárias:
single: R$ 130,00
duplo: R$ 145,00
triplo: R$ 174,00

Hotel Embaixador - (051) 228-2211
Rua Jerônimo Coelho, 354
Diárias:
single: R$ 120,00
duplo: R$ 145,00
triplo: R$ 195,00

Hotel Plaza São Rafael - (051) 211-5767
Av. Alberto Bins, 514
Diárias:
single standart - R$ 176,00 + 10% de taxas
single luxo - R$ 218,00 + 10% de taxas
duplo standart - R$ 198,00 + 10% de taxas
duplo luxo - R$ 236,00 + 10% de taxas

Hotel Plaza Porto Alegre - (051) 226-1700
Rua Senhor dos Passos, 154
Diárias:
single standart - R$ 126,00 + 10% de taxas
single luxo - R$ 143,00 + 10% de taxas
duplo standart - R$ 143,00 + 10% de taxas
duplo luxo - R$ 159,00 + 10% de taxas

Hotel Ritter - (051) 228-4044
Largo V. J. Veppo, 55
Diárias:
single: R$ 98,00
duplo: R$ 108,00
triplo: R$ 135,00

TRANSPORTE AÉREO

VARIG

Campo Grande - Porto Alegre
Horários: 12:00, 16:45, 17:25 - diários com conexão em São Paulo

Cuiabá - Porto Alegre
Horários: 13:10, 15:55 - diários com conexão em São Paulo

Goiânia - Porto Alegre
Horários: 7:00, 17:15 - diários com conexão em São Paulo

Brasília - Porto Alegre
Horários: 9:15, 9:45, 10:15, 16:30 - diários com conexão em São Paulo
18:00 - diário com escala em Curitiba
19:15 - não opera no sábado, com conexão em São Paulo

Belo Horizonte - Porto Alegre
Horários: 11:25, 18:35 - diários com conexão no Rio de Janeiro
20:05 - diário com conexão em São Paulo

Rio de Janeiro - Porto Alegre
Horários: 8:15, 13:00, 16:15, 20:30 - diários

São Paulo - Porto Alegre
Horários: 10:00, 12:00, 12:45, 14:30, 17:15, 18:45, 19:30, 22:10 - diários
7:00 - segunda à sexta
21:15 - não opera no sábado

Curitiba - Porto Alegre
Horários: 18:05 - diário com escala em Florianópolis
20:15 - diário

Florianópolis - Porto Alegre
Horários: 10:20, 19:20 - diários

* As informações dos vôos da Varig foram obtidas pelo fone: (051) 358-7999.

VASP

Campo Grande - Porto Alegre
Horário: 3:50 - diário com conexão em São Paulo

Cuiabá - Porto Alegre
Horários: 2:15 - diário com conexão em São Paulo
4:10 - diário com conexão em Brasília

Goiânia - Porto Alegre
Horários: 6:55 - diário com conexão em Brasília
7:35, 9:05, 9:10 - diários com conexão em São Paulo

Brasília - Porto Alegre
Horários: 8:00 - diário e direto
8:05, 8:10, 18:15, 19:00 - diários com conexão em São Paulo
8:10, 18:35, 19:10 - diários com conexão no Rio de Janeiro

Belo Horizonte - Porto Alegre
Horários: 7:30, 9:45, 13:50, 17:00 - diários com conexão em São Paulo
19:35 - diário com conexão no Rio de Janeiro

Rio de Janeiro - Porto Alegre
Horários: 7:30, 11:00, 18:00, 21:35 - diários
18:40 - diário com conexão em São Paulo

São Paulo - Porto Alegre
Horários: 9:10, 10:15, 12:45, 19:30, 21:00 - diários

Curitiba - Porto Alegre
Horários: 10:30 - diários
16:35 - conexão no Rio e em São Paulo

* As informações dos vôos da Vasp foram obtidos pelo fone: 0800 99-8277

TAM

Campo Grande - Porto Alegre
Horários: 5:00 - de seg. à sex. c/conexão em São Paulo
12:45, 14:40 - de dom. à sex. c/ conexão em São Paulo

Cuiabá - Porto Alegre
Horários: 3:53, 16:13 - seg. à sex. c/ conexão em São Paulo
11:30 - dom. à sex. c/ conexão em São Paulo

Goiânia - Porto Alegre
Horários: 6:10, 12:30 - dom. à sex. c/ conexão em São Paulo
16:05, 18:37 - seg. à sex. c/ conexão em São Paulo

Brasília - Porto Alegre
Horários: 7:00 - diário c/ conexão em São Paulo
9:00 - seg. à sex. c/ conexão em São Paulo
15:30 - só ter. e qui, direto
20:00 - diário com escala em São Paulo

Belo Horizonte - Porto Alegre
Horários: 7:15, 11:05 - saída de Confins, seg. a sab., c/ conexão em São Paulo
7:10, 10:00, 15:32, 17:48 - saída de Pampulha, seg. à sex., c/ conexão em São Paulo

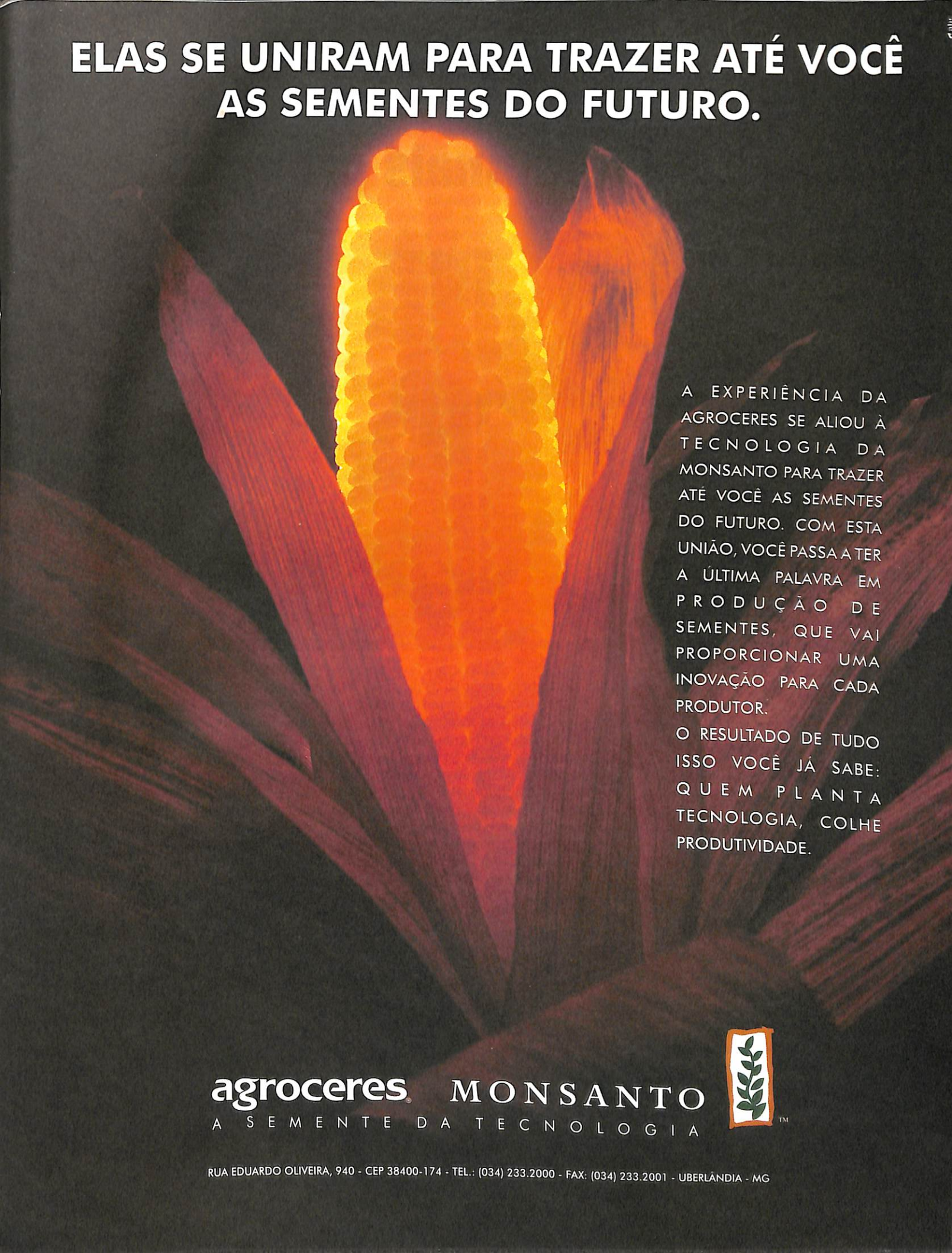
Rio de Janeiro - Porto Alegre
Horários: 7:15 - diário com escala em São Paulo
11:00 - diário com escala em São Paulo e Curitiba
15:45 - dom. à sex. com escala em São Paulo
20:30 - diário com conexão em São Paulo

São Paulo - Porto Alegre
Horários: 9:00, 22:00 - diário
12:30 - diário com escala em Curitiba
17:15 - dom. à sex.

Curitiba - Porto Alegre
Horários: 13:40, 18:55 - diários
9:46 - não opera no sábado
16:30 - não opera ter., qui. e sab.
22:00 - seg. à sex.

***Mais Expointer na revista AG Leilões**

ELAS SE UNIRAM PARA TRAZER ATÉ VOCÊ AS SEMENTES DO FUTURO.



A EXPERIÊNCIA DA AGROCERES SE ALIOU À TECNOLOGIA DA MONSANTO PARA TRAZER ATÉ VOCÊ AS SEMENTES DO FUTURO. COM ESTA UNIÃO, VOCÊ PASSA A TER A ÚLTIMA PALAVRA EM PRODUÇÃO DE SEMENTES, QUE VAI PROPORCIONAR UMA INOVAÇÃO PARA CADA PRODUTOR.

O RESULTADO DE TUDO ISSO VOCÊ JÁ SABE: QUEM PLANTA TECNOLOGIA, COLHE PRODUTIVIDADE.

agroceres® MONSANTO

A SEMENTE DA TECNOLOGIA™

RUA EDUARDO OLIVEIRA, 940 - CEP 38400-174 - TEL.: (034) 233.2000 - FAX: (034) 233.2001 - UBERLÂNDIA - MG

Cultivo (bem) mais protegido

Neste artigo, o professor Odair Fernandes, da Unesp de Jaboticabal/SP, analisa as vantagens do MIP na plasticultura

Fotos: A Granja/Divulgação

Quando o agricultor utiliza estufas para produzir alimentos, a primeira idéia é de que pragas e doenças deixarão de ser problemas, pois as plantas estarão protegidas. Será que isso realmente ocorre? A experiência dos produtores que cultivam hortaliças em estufas mostra que a infestação por pragas, em geral, pode ser maior sob condições de cultivo protegido do que no campo. Por outro lado, o inverso pode ocorrer com algumas doenças, pois a disseminação das mesmas pode ser causada por respingos de chuva, o que, obviamente, não ocorre dentro da estufa.

Mas, ainda não ficou respondida a pergunta: por que há maior infestação por pragas no interior das estufas? Esta não é uma pergunta tão difícil de ser repondida. Basta lembrar que, ao proteger uma cultura, o produtor está objetivando principalmente reduzir os efeitos adversos do clima sobre as plantas. Pois bem, tais adversidades climáticas também são responsáveis pela redução de pragas nas lavouras. Assim, se as plantas estão protegidas, as pragas também estarão. Ainda: a temperatura no interior das estufas, em geral, é maior. E, de acordo com o manejo de cortinas (movimentação do plástico lateral) que os produtores podem fazer, há menor oscilação de temperatura (diferença entre temperatura alta e baixa) no interior da estufa quando comparada com cultivo a céu aberto. Essa menor oscilação de temperatura favorece o desenvolvimento dos insetos. Portanto, pode-se perceber que os fatores que favorecem a cultura também ajudarão as pragas.

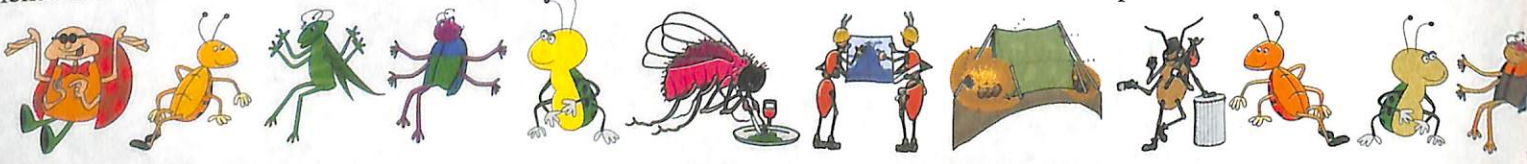
As propriedades que possuem diversas estufas e mantêm as mesmas culturas durante todo o ano podem facilitar o desenvolvimento de algumas pragas devido à manutenção de alimento para estes insetos nocivos. Portanto, a falta de rotação de culturas ou de período de entressafra leva ao aumento da infestação pelas pragas.

Problemas em áreas protegidas — Na região de Jaboticabal/SP, onde a utilização de estufas está crescendo a cada dia, há infestações elevadas de pragas. Nos anos de 1996/97, diversos insetos destacaram-se como pragas sérias de cultivos protegidos: a broca-pequena-do-tomateiro, a traça-do-tomateiro e o tripes (transmissor do vira-cabeça). Ainda: tem havido grandes perdas devido à ação da larva-minadora, que ocorre em tomate, pepino, melão etc. O ataque destas e de outras pragas tem também ocorrido em diversas outras regiões do País.

O controle tem sido, invariavelmente, através do uso exclusivo de inseticidas. Isto tem levado a diversos problemas, tais como:

Fitotoxicidade: as dosagens utilizadas em estufas são as mesmas empregadas no campo (às vezes, os produtores aumentam tais doses no momento da aplicação). As plantas cultivadas em casa de vegetação são menos rústicas do que aquelas implantadas a céu aberto. Portanto, alguns produtos podem causar a queima de folhas ou brotações.

Intoxicação do aplicador: os cultivos em estufa, em geral, são tutorados (através de fitas plásticas ou bambu), permitindo com que a planta cresça muito. O aplicador (que não utiliza equipamento de proteção individual- EPI) é obrigado a pulverizar plantas que podem ter até 2m de altura. Devido à reduzida deriva que ocorre dentro da casa de vegetação, equipamento inadequado e proximidade das plantas, o aplicador acaba entrando em



contato com os produtos, podendo se intoxicar.

Aumento da infestação de pragas e possibilidade de resistência: o excessivo uso de defensivos pode levar muito rapidamente ao surgimento de raças resistentes aos produtos. Isso tornará a aplicação ineficiente e/ou aumentará os custos de tratamento. Diante disso, o que fazer?

Manejo integrado de pragas — Já conhecido e adotado há diversos anos em muitos países (inclusive o Brasil), o manejo integrado de pragas (MIP) é o método ideal para auxiliar o produtor na redução dos danos causados pelas pragas e, dessa forma, tornar o cultivo sustentável. O MIP não é uma receita de bolo, na qual se adicionam ingredientes e o produto final será o mesmo. O MIP é uma filosofia de trabalho que envolve a adoção de algumas táticas, as quais devem ser devidamente adequadas para cada região ou propriedade.

Em linhas gerais, as táticas podem ser resumidas em:

Reconhecimento das pragas-chaves: nem todas as que ocorrem na cultura são necessariamente pragas-chaves. Um exemplo disso é a larva-minadora-das-folhas. Apesar de ser tida como uma praga importante, ela aparece em decorrência do abusivo uso de inseticidas. Há diversos agentes de controle biológico (inimigos naturais). Entretanto, com o uso excessivo de produtos, ocorre a mortalidade de tais agentes de controle biológico.

Reconhecimento dos inimigos naturais: diversos insetos atuam como agentes de controle biológico e podem reduzir a infestação de pragas nas lavouras. Eles atuam gratuitamente. Assim, a preservação dos mesmos é muito importante.

Amostragem: monitorar a presença das pragas (ovos, larvas, adultos etc.) e seus danos, bem como dos inimigos naturais. Essa é a melhor maneira do produtor avaliar a real necessidade de controle através de inseticidas ou de qualquer outro meio. Portanto, no MIP, o controle das pragas deve ser corretivo e não preventivo, na maioria dos casos.

Táticas de controle: o controle químico destaca-se como opção mais comum, mas deve ser empregado com racionalidade. É imprescindível que os produtores evitem o esquema de calendário, ou seja, aplicações pré-estabelecidas em determinados dias da semana. As aplicações, se necessárias, devem ser feitas mediante resultado da amostragem, a qual não demanda muito tempo nas estufas. Ainda: qualquer pessoa pode ser treinada para realizar tais amostragens. O controle das pragas deve levar em consideração os aspectos toxicológicos ao homem e também aos inimigos naturais. Portanto, os agricultores devem preferir os produtos seletivos aos inimigos naturais. Tabelas contendo informações sobre a seletividade de inseticidas estão disponíveis em diversas publicações (ou podem ser solicitadas ao autor). Além do controle químico, diversos outros métodos podem funcionar muito bem em condições de ambiente protegido, tais como: armadilha luminosa para captura de mariposas; placas amarelas contendo substância adesiva (graxa ou cola), para captura de mosca-branca e mosca-minadora; bacias ou pratos coloridos contendo água e algumas gotas de detergente para atração e captura de insetos (a cor amarela atrai mosca-branca, pulgões e mosca-minadora, enquanto a cor azul atrai tripes) etc.

Resultados excelentes

Em novembro de 1996, o produtor paulista Paulo Fogaça teve uma de suas quatro estufas de tomate completamente destruída pela traça-do-tomateiro. Trata-se de uma praga que danifica folhas, ponteiros e frutos do tomateiro. A despeito da aplicação de diversos defensivos, o produtor não conseguiu evitar a perda. De modo a preservar os outros plantios nas estufas vizinhas, algumas medidas dentro do contexto de MIP foram adotadas, tais como: enterrio imediato dos restos culturais, os quais podem servir de foco de reinfestação de pragas ou fonte de inóculo de doenças; início de amostragem de ovos da traça-do-tomateiro (foto acima), os quais são depositados nas páginas inferiores dos folíolos; liberação do parasitóide Trichogramma pretiosum, *para controle dos ovos e, ainda, uso de inseticidas seletivos (ex: biológicos e fisiológicos). Tratou-se de um trabalho pioneiro, e os resultados foram excelentes. Isso permitiu que o produtor conseguisse manter a produção das outras estufas. Hoje, o sr. Paulo Fogaça é um adepto do MIP e do controle biológico na cultura do tomate.*

Outro problema que tem afligido os produtores de tomate e alface em estufa, principalmente durante o segundo semestre, é a transmissão da doença vira-cabeça, causada por tripes. O tripes adquire o vírus após alimentar-se de plantas infectadas e/ou plantas daninhas. Após sua migração para a estufa, inicia a alimentação e, conseqüentemente, a transmissão da doença. A utilização de extrato de folhas de primavera (Bougainvillaea) *pode reduzir os danos causados pela doença. O extrato deve ser preparado em liquificador, colocando-se 200g de folhas e 1 litro de água. Esse caldo deve ser coado e, depois, diluído em um tanque com 20 litros de água. Isso é suficiente para a pulverização de uma estufa (cerca de 500m²). No caso do tomate, a aplicação dever ser repetida semanalmente até 60 dias após o transplantio. Para a cultura do alface, as aplicações devem ser mais freqüentes (duas a três vezes por semana) durante todo o ciclo. Esse extrato pode ser misturado a outros produtos eventualmente aplicados naquelas culturas. Os resultados têm sido excelentes, mostrando redução de mais de 90% na incidência do vira-cabeça na cultura do tomate.*

***Outros exemplos** — Em Santa Maria/RS, armadilhas com feromônio para atração de machos da traça-do-tomateiro têm sido utilizadas. Trata-se de uma excelente alternativa para o monitoramento e controle desta praga. Entretanto, o uso de feromônio é específico; ou seja, o feromônio da traça-do-tomateiro só funciona para esta praga.*

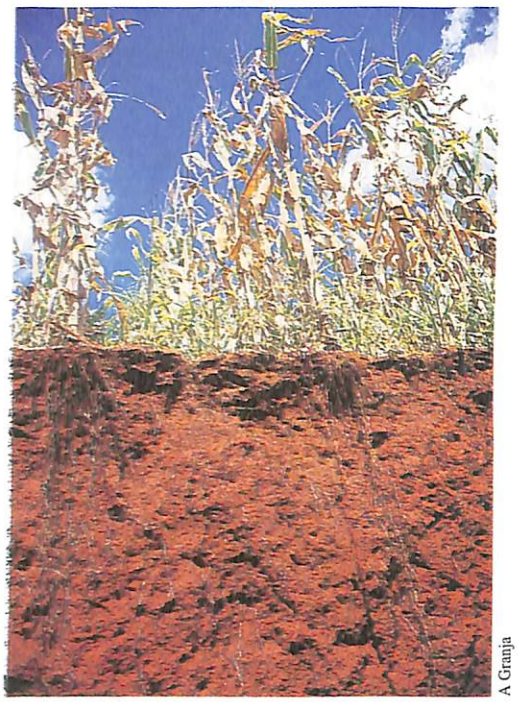
Em países como a Holanda, onde o cultivo protegido é fundamental para a produção de alimentos, o uso de controle biológico é bastante disseminado. Há, inclusive, empresas que criam e comercializam inimigos naturais. Isso, aliás, deverá ser implementado no Brasil muito brevemente. Apesar de ainda necessitarmos de maiores informações da pesquisa, diversos inimigos naturais têm sido criados e, num curto período, poderão ser utilizados em programas de liberação, a exemplo do que foi realizado com Trichogramma pretiosum *em Jaboticabal/SP.*

Outras informações:

Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - Unesp/Campus de Jaboticabal - Fone (016) 323-2500

Aplicando fósforo em PD

Delmar Pottker
Pesquisador da Embrapa Trigo
Passo Fundo/RS



A Granja

Diversos trabalhos foram realizados para avaliar modos de aplicação de fósforo sob o sistema convencional de preparo do solo (aração + gradagens). A mesma ênfase não tem sido observada para o sistema plantio direto (SPD). No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, recomenda-se aos agricultores, antes de adotarem o sistema de cultivo mínimo ou o SPD, aplicarem os fertilizantes fosfatados e potássicos a lanço, fazendo a incorporação dos mesmos na camada arável. As aplicações posteriores podem, então, ser feitas nas linhas de semeadura ou a lanço, na superfície do solo. No entanto, essa última recomendação carece de informações técnicas, uma vez que não se considera o teor de P, ou de K, disponível no solo. Assim, é lícito imaginar que a eficiência desses dois modos de aplicação de P_2O_5 deve variar de acordo com a disponibilidade de P no solo.

Para comprovar essa hipótese, dois experimentos foram iniciados em 1994: um em solo com teor alto de P (Passo Fundo/RS, 13,6mg P/dm³ de solo) e outro em solo com teor médio de P (Marau/RS, 4,3mg P/dm³ de solo), sendo que o primeiro apresenta 420g de argila/kg de solo e o segundo, 630g de argila/kg de solo. Os experimentos foram conduzidos com uma única dose de P_2O_5, que, em dois cultivos, não foi a mesma para os dois locais. Nitrogênio e potássio também foram aplicados em todos os cultivos. Foi possível observar que no solo com alto teor de P não houve resposta à aplicação de P_2O_5 nas culturas de trigo, soja, aveia e milho (1995/1996), havendo efeito negativo na aplicação de P_2O_5 nas linhas de plantio do milho, em 1996/97, motivada por deficiência de zinco (Tabela 1). O experimento mostrou que é possível realizar vários cultivos sem a aplicação de P_2O_5, o que resulta em redução dos custos de produção. O experimento conduzido em solo com teor médio de P (Marau) mostrou que tanto a aplicação de P_2O_5 em linha como a lanço aumentou o rendimento de grãos de trigo, sendo a aplicação em linha mais eficiente que a de lanço.

Soja e aveia mostraram resposta à adição de P_2O_5, sem apresentarem diferenças no rendimento de grãos, quanto aos modos de aplicação (Tabela 2). Os cultivos de milho (1995/96 e 1996/97), em Marau, foram perdidos devido às secas ocorridas nos dois anos. No entanto, foi possível observar que, pela matéria seca produzida em 1996/97, a aplicação nas linhas de semeadura foi mais eficiente que a aplicação a lanço.

— Tabela 1 —
RENDIMENTOS DE GRÃOS DAS CULTURAS DE TRIGO, SOJA, AVEIA- BRANCA E MILHO EM RESPOSTA A DIFERENTES MODOS DE APLICAÇÃO DE FÓSFORO, EM PASSO FUNDO/RS

Tratamento	Rendimento de grãos				
	Trigo	Soja	Aveia	Milho	Milho
			kg/ha	95/96	96/97
1. Sem fósforo	1536	2684	2124	5260	8319
2. Fósforo em linha em todos os cultivos	1517	2793	2153	5734	7763
3. Fósforo a lanço em todos os cultivos	1463	2660	2182	5381	8504
4. Fósforo em linha no inverno e a lanço no verão	1462	2598	2110	5310	8239
5. Fósforo a lanço no inverno e em linha no verão	1422	2813	2181	5684	7853
6. Fósforo a lanço no trigo, soja e aveia e em linha no milho	1512	2722	2116	5528	7980

— Tabela 2 —
RENDIMENTOS DE GRÃOS DAS CULTURAS DE TRIGO, SOJA, AVEIA EM RESPOSTA A DIFERENTES MODOS DE APLICAÇÃO DE FÓSFORO, EM MARAU/RS

Tratamento	Rendimento de grãos			Matéria seca
	Trigo	Soja	Aveia	Milho
		kg/ha		
1. Sem fósforo	861	2036	1140	7387
2. Fósforo em linha em todos os cultivos	1977	2808	2008	16786
3. Fósforo a lanço em todos os cultivos	1642	2945	2021	14948
4. Fósforo em linha no inverno e a lanço no verão	2023	2809	2173	15300
5. Fósforo a lanço no inverno e em linha no verão	1685	2797	2030	16713
6. Fósforo a lanço no trigo, soja e aveia e em linha no milho	1681	2844	2116	17136

Economia na pulverização. Economia no plantio direto.

Trilha é o agente espumante para marcação de linha que evita a superposição na pulverização ou no plantio direto.
Conheça também os exclusivos corantes Vermelho Brilhante e Amarelo Fluorescente para visualização noturna ou sobre palha.

RIGRAN - Coml. e Indl. Químicos Ltda. - FONE: (051) 341.3225

PREÇOS REDUZIDOS

TRILHA® Agente Espumante

A Ultragaz inova na secagem de grãos.

Ganhos de 20% a 30% no resultado final.
Armazenamento e secagem em condições ideais.

No mundo todo o GLP é utilizado como fonte de energia nos processos de secagem de grãos. Sua característica principal – controle total do processo – garante a produtividade e a qualidade que tornam seu produto mais competitivo, além de contribuir para a preservação dos recursos naturais e não gerar resíduos.

Vantagens do uso de GLP na secagem de grãos:

- Controle de temperatura: adequada às necessidades de cada produto, sem risco de oscilações.
- Controle operacional: dosagem programada do energético e outras variáveis (umidades de entrada, de saída do produto e temperatura de secagem), e operação contínua dia e noite, mesmo com chuva (o que não é possível com o uso da lenha, armazenada a céu aberto).
- Operação segura: o tanque estacionário proporciona maior segurança. O risco de vazamento é reduzido aos menores níveis que a engenharia moderna permite, e a Ultragaz faz a manutenção preventiva regular, com equipe técnica especializada.
- Otimização de espaço: o GLP ocupa um espaço muito menor que a lenha, para a alimentação do secador.

Os resultados na qualidade:

- Secagem homogênea, dentro do padrão desejado.
- Produto final limpo, sem resíduos de queima.
- Otimização do consumo de energia.
- Simplificação da operação e administração.

Para saber mais, ligue grátis:

São Paulo: 832 7344

Demais regiões: (011) 800 7344

Na Internet: www.ultra.com.br

Para maiores informações, visite o stand da Ultragaz na Expointer, no Pavilhão do Governo - lote 1.

Fotos: Divulgação/UFV

Um mundo chamado Viçosa

No interior da Zona da Mata Mineira, a Universidade Federal de Viçosa forja técnicas que alavancam a produção agropecuária

Giovani Weber Scarascia
Assessor de Comunicação Social da UFV

Brasil, anos 20. Num País dominado pelas oligarquias rurais, onde o café era a principal atividade econômica, dois estados se destacavam no contexto nacional: Minas Gerais e São Paulo. Minas, pelo fato de ser o maior colégio eleitoral do Brasil, o que aumentava seu peso político-institucional; e São Paulo, pela sua importância econômica inequívoca. A vocação agroexportadora brasileira, que vem desde o descobrimento, passando pela colonização, era o esteio de oligarquias rurais que encontravam na terra e na agricultura sua fonte de poder. Mas, afinal de contas, por que uma escola de agricultura e por que no interior de Minas Gerais?

Uma escola de agricultura seria fundamental para repassar os conhecimentos e subsídios necessários para a contínua afirmação da "vocação agrária" nacional. Em Minas Gerais, especialmente em Viçosa, por, ao mesmo tempo, ser a economia mineira baseada na agropecuária extensiva e/ou de subsistência e, também pelo fato de a maioria da sociedade viver no campo. Por fim, por ser aquele município a terra natal do então presidente da República, Arthur da Silva Bernardes. Mais: seria uma forma de competir com São Paulo no jogo político e no desenvolvimento econômico. No entanto, ainda restava a pergunta: qual o modelo de ensino a ser adotado? Foi aí que começou a nascer a versão brasileira dos "grand colleges" norte-americanos, um sistema de escolas ligadas à agricultura, criado em 1862, a partir do Vale do Mississipi.

Expectativas de expansão e progresso, influência da visão e metodologia americana são características que se articulam a partir do discurso do primeiro diretor da então Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), Peter Henry Rolfs, e que se refletem até hoje, na agora Universidade Federal de Viçosa (UFV). Setenta e dois anos se passaram, sobrepondo etapas como a ESAV, que passou a ser Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e, finalmente, UFV, sigla que já virou sinônimo de qualidade e respeitabilidade quando o assunto é pesquisa.

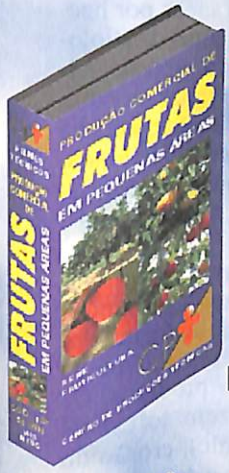
A concepção do "aprender fazendo" foi o elo de ligação entre o Brasil e os Estados Unidos na década de 20 e fortalecido ao longo dos tempos por meio de convênios, acordos bilaterais e ações conjuntas. O crescimento do setor agrícola e a localização da UFV na Zona da Mata Mineira aumentaram consideravelmente as perspectivas de milhares de famílias de produtores rurais quanto à formação de seus filhos, tradição esta que seria repassada aos netos e assim por diante. Até hoje, quando da edição da Semana do Fazendeiro — primeira expressão extensionista da universidade brasileira —, famílias de pequenos, médios e grandes produtores ru- ▶

RECEBA EM CASA

FILMES CPT

O MELHOR TREINAMENTO DO MERCADO

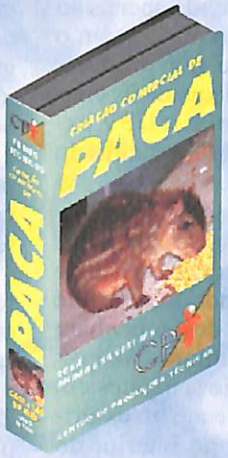
Informações Práticas - Técnicas Comprovadas



PRODUÇÃO COMERCIAL DE FRUTAS EM PEQUENAS ÁREAS

Planejamento e implantação, escolha das variedades, aquisição das mudas, preparo da área, plantio, podas, capinas, adubação, controle de pragas e doenças.
Coord. Técnica:
Prof. Dalmo Siqueira Lopes, Doutor em Fruticultura da Universidade Federal de Viçosa.

55 min. Com manual.



CRIAÇÃO COMERCIAL DE PACA

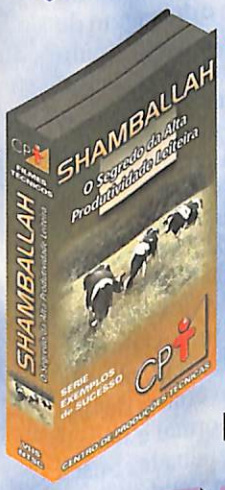
Gravado no primeiro criatório com registro comercial do país, implantado com base em projeto da FAO. É a carne de caça mais procurada. Instalações, manejo dos animais, nutrição, manejo sanitário, legislação e comercialização.
Coordenação Técnica:
Zootecnista Fábio Hosken, Especialista em Animais Silvestres e Consultor do SEBRAE-MG.

53 min. Com manual.

CRIAÇÃO COMERCIAL DE PAPAGAIOS, ARARAS E MARITACAS

Conheça os principais criatórios comerciais e científicos de psitacídeos do Brasil e veja como eles são criados. Criação natural e artificial e instalações necessárias. Práticas de manejo. Nutrição das aves nos criatórios. Legislação. Mercado.
Coordenação Técnica: Biólogo Paulo Augusto R. Machado da Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte, e do Zootecnista Fábio Hosken, especialista em Animais Silvestres e Consultor do SEBRAE-MG.

55 min. Com manual.



SHAMBALLAH

O Segredo da Alta Produtividade Leiteira

Conheça todos os segredos de Muntaha Dagher, do sítio Shamballah, para alcançar 40 litros/animal/dia de leite de alta qualidade, em apenas 12 Ha. A maior produtividade do Brasil com o menor custo de produção.
Participação e Apoio Técnico:
Prof.º Sebastião Teixeira Gomes - UFV;
Prof.º Paulo Fernando Machado - ESALQ; e
Pesquisador José Henrique Bruschi - EMBRAPA

56 min., Com manual.

PRODUÇÃO E PROCESSAMENTO DE PIMENTA DO REINO

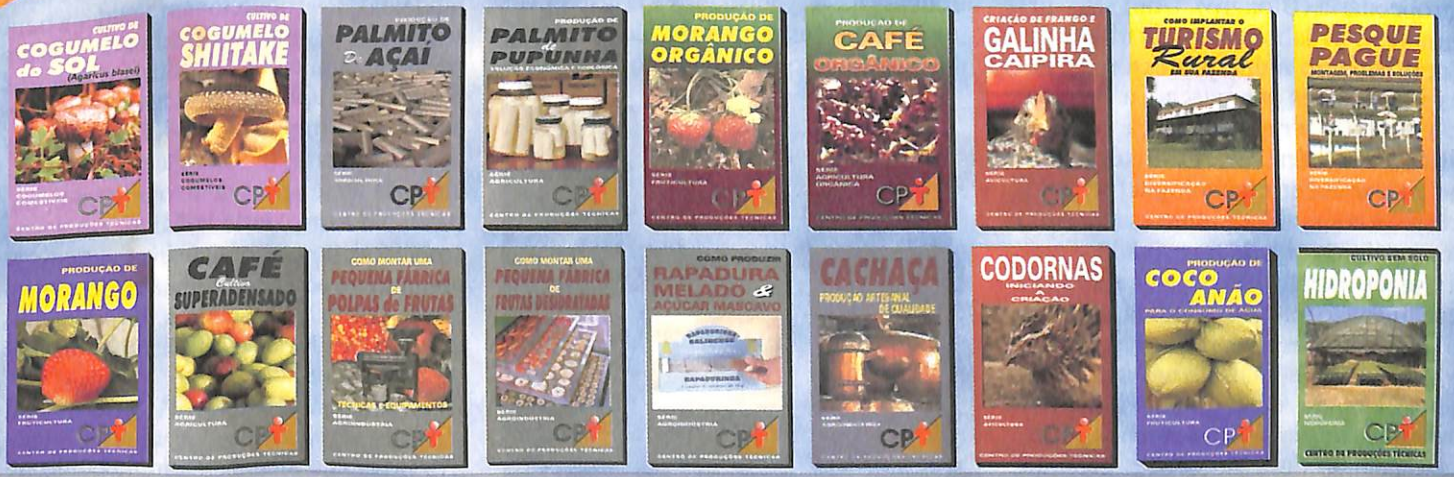
Produto de alto valor comercial. Clima e solo, propagação, plantio, tratos culturais, irrigação, adubação, controle de pragas e doenças, colheita e beneficiamento.
Coord. Técnica:
Agrônomo Barachisio Lisboa Casali, extencionista da CEPLAC da Bahia.

55 min. Com manual.

CRIAÇÃO DE PEIXES EM TANQUE-REDE

Conheça neste videocurso a criação em represas e em grandes açudes de propriedades rurais. Veja ainda: as espécies que podem ser cultivadas em tanques-rede; diferentes estruturas, formatos e dimensões de tanques; alimentação e manejo e aspectos legais da criação. Apresenta como são instalados os tanques-rede em reservatórios sob concessão da CESP.
Cordenação Técnica: Prof. Dr. Newton Castagnolli, Especialista em criação de peixes, do Centro de Aqüicultura da UNESP - Campus de Jaboticabal - SP.

54 min., Com manual.



140 TÍTULOS NA ÁREA AGROPECUÁRIA

Solicite **GRATUITAMENTE** a revista "Tecnologia e Treinamento Agropecuário" com o catálogo completo de Filmes CPT e matérias assinadas pelos coordenadores técnicos.

FAX: (031)891.7807 **INTERNET:** www.cpt.com.br
E-mail:vendas@cpt.com.br - Caixa Postal 01 - VIÇOSA/MG CEP: 36570.000

Ligue e Faça Seu Pedido

(031)891.7000

CENTRO DE PRODUÇÕES TÉCNICAS

rais acorrem ao campus da UFV para receber novos ensinamentos e assimilar novas tecnologias.

Conhecida como "referência nacional no ensino, na pesquisa e na extensão", a UFV é uma das instituições que fazem do ensino, da produção científica e do repasse das novas tecnologias desenvolvidas em seus laboratórios a interface perfeita com a sociedade brasileira. Desde 1926.

Um salto no tempo nos recoloca dentro uma realidade absolutamente diferente daquela vivenciada em décadas passadas. Agora, não há limite para a produtividade. Ao mesmo tempo, as universidades públicas brasileiras vêem-se no epicentro de uma discussão sobre sua qualidade, sua capacidade de pesquisar, sua condição de graduar profissionais competentes e sobre seu verdadeiro papel no desenvolvimento do País. Afinal de contas, qual a contribuição das universidades federais brasileiras? A resposta para algumas destas perguntas, com certeza, está no interior de Minas Gerais, na Zona da Mata.

A Universidade Federal de Viçosa tem adotado, ao longo dos tempos e das necessidades de mudança, uma postura diferente em relação às demais, justamente pelo seu embrionário processo iniciado no modelo norte-americano dos "grand colleges". Embora com perfil de universidade agrária (setor onde tem recebido excelentes indicações de órgãos de fomento à pesquisa e também daqueles ligados ao setor governamental, público e privado), a Universidade também desenvolve trabalhos nas áreas das ciências exatas e tecnológicas; humanas, letras e artes; e biológicas e da saúde.

Biotecnologia — A UFV buscou, neste setor, melhorar a qualidade de diversas pesquisas nas áreas animal e vegetal, através do Núcleo de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária (Bioagro). Com sete subprogramas e 27 laboratórios de última geração, o Bioagro reúne professores cientistas e estudantes que buscam a excelência na pesquisa e na qualificação de suas habilidades acadêmicas. A estratégia adotada é a de transferir tecnologia (produto/processo) à comunidade interessada, tanto no setor público quanto no privado.

Os investimentos em pesquisa atingem especialmente o setor de grãos. Já são mais de 20 as variedades de soja desenvolvidas. Elas ocupam, hoje, mais de um milhão de hectares plantados em todo o território nacional. Grandes, médios e pequenos podutores trabalham estas variedades gerando negócios da ordem de US$ 1 bilhão por ano. Tratam-se de grãos resistentes a doenças e com alta produtividade, superior a quatro toneladas/hectare. Desde 1962, quando foi criado o Programa de Melhoramento de Soja da UFV, pesquisas têm sido conduzidas na direção de desenvolver grãos de soja sem o característico sabor desagradável, que inibe seu consumo humano.

A Universidade tem 448 laboratórios

Contudo, o desenvolvimento de novas variedades não se prende apenas ao Brasil. Recente convênio assinado com o governo boliviano acabou por produzir nova variedade de soja, adequada às condições daquele país andino. É a UFV exportando tecnologia além das fronteiras do Brasil.

Responsáveis pelo desenvolvimento do primeiro milho híbrido no Brasil, as pesquisas da Universidade Federal de Viçosa têm formado grande número de técnicos que, atualmente, desempenham importantes funções em empresas agropecuárias e de produção de sementes em todo o território nacional e até no exterior. A Agroceres, nascida no interior do campus universitário, em Viçosa, é um claro exemplo da perfeita sincronia com o setor privado. Além de visar o aumento, e qualidade, da produção vegetal, a Universidade se dedica a criar soluções para as áreas de armazenamento e processamento de grãos. O Centro Nacional de Treinamento em Armazenagem (Centreinar), por exemplo, oferece uma série de cursos já neste mês de agosto: racionalização de energia, de 10 a 14; e processamento e armazeamento de sementes, de 24 a 28.

O café, produto importantíssimo na pauta de exportações, é outro grão que tem sido alvo de pesquisas e estudos. Um dos produtos mais requisitados e já disponível no mercado brasileiro é a "Calda Viçosa", que proporcionou um aumento de produtividade da ordem de até 30 sacas por hectare. Por outro lado, ferramentas da Biologia Molecular estudam a ferrugem-do-feijoeiro, cereal que não pode faltar na mesa do brasileiro. A UFV estuda esta planta há 43 anos. O Bioagro desenvolve, ainda, pesquisas nas áreas de sondas biológicas, cultura de tecidos vegetais, saúde animal e fermentações industriais.

O reitor: Luiz Sérgio Saraiva

Informática — Desenvolver softwares de fácil leitura e aplicação, tornando-os acessíveis ao setor agrícola, foi um desafio enfrentado e vencido facilmente, a julgar pela procura destes produtos. Os 28 departamentos produzem softwares para: hidroponia (Hidrocalc), erosão do solo (Erosys), conservação e drenagem de superfícies (Terraço for Windows) e para inventário florestal (SIFcub 98), dentre outros. O "Terraço for Windows", aliás, rendeu aos pesquisadores um prêmio nacional neste segmento, em cerimônia realizada recentemente em Brasília.

Reciclagem — Preocupações com o meio ambiente, depósitos de lixo urbano e rural, melhoria da qualidade de vida, educação ambiental e proteção dos recursos hídricos são partes de um contexto ambientalista na qual a UFV se insere, obrigatoriamente. A preocupação com o desenvolvimento comunitário, normal e necessário dentro de uma universidade, busca modelos que proporcionem atender a bem sociedade. A integração entre os setores públicos municipais, estaduais e federais e a pesquisa aplicada conseguiu realizar o sonho de se implantar em 400 municípios de Minas Gerais (ao todo, são 800) miniusinas de reciclagem de lixo urbano e, ou, rural. No rastro deste trabalho, educação ambiental, hortas comunitárias, desenvolvimento de pequenas comunidades e produção de adubos orgânicos. E o mais importante: a educação e a alteração da cultura do desperdício.

Contextualmente, a UFV busca parcerias para viabilizar seus estudos. A iniciativa privada e a pública têm recebido reforço das pesquisas geradas nos 448 laboratórios e produzidas pelos seus aproximadamente 900 professores. Em cada um deles, um cientista, multiplicador de avanços científicos.

Se você toma decisões na sua empresa, deveria tomar mais uma: ler o Jornal do Comércio.

Um jornal especializado e, ao mesmo tempo, acessível para utilização, que trata de empreendimentos, resultados e traz todas as informações necessárias para isso: desde leis até índices e notícias sobre o mercado. E como as empresas e profissionais fortes não têm medo de mudança, o JC também mudou nesses anos para acompanhar e ser sempre interessante para o ritmo de vida dos seus leitores. Por isso mesmo, foi considerado, através de recentes pesquisas, um jornal útil e não somente informativo. Se você não conhece o JC, leia. Se conhece, confira as novidades editoriais e veja como ele está ainda mais interessante.

Jornal do Comércio
O jornal de quem decide.

Av. João Pessoa, 1282 - Fone: (051) 221.8688 - Fax: (051) 221.8481 - CEP 90040-001 - Porto Alegre - RS - Brasil

No Paraná, a lei é mais dura

Émerson Urizzi Cervi

A Granja

Desde o início da década passada, quando os apelos ecologistas começaram a sensibilizar os legisladores brasileiros, a indústria de defensivos químicos agropecuários vem tendo que se adaptar a controles cada vez mais rigorosos de seus produtos. A lei federal em vigor que trata deste assunto foi sancionada em 1989 e é considerada uma das mais rigorosas entre os países em desenvolvimento, embora os ecologistas reclamem que ela não tem sido aplicada como deveria em todos os estados. Com base nela, os governos estaduais oficializam seus próprios dispositivos legais para regularizar a produção, comercialização, uso e destinação das embalagens de defensivos dentro de seus territórios.

É quase uma unanimidade entre os produtores e comerciantes de defensivos químicos que o estado que possui as leis mais rigorosas de controle destes produtos é o Paraná. Depois da lei federal de 89, o governo paranaense já publicou nada menos do que sete resoluções e um decreto-lei que tratam especificamente de regras para produção e venda de defensivos no estado. Isto sem contar dois decretos e uma lei, do início dos anos 80, que já tratavam especificamente deste assunto.

O controle é tão rigoroso que os fabricantes reclamam até das dificuldades que encontram para fazer a publicidade de seus produtos através de folhetos e folders técnicos. Em uma das resoluções estaduais é determinado que se a publicidade contiver informação errada — como recomendação para uso em cultura para a qual ele não está autorizado no Paraná —, o material será apreendido, a empresa notificada a fazer as alterações necessárias e ainda pagar multa. É comum encontrar embalagens de defensivos feitas especificamente para os produtos que serão comercializados no Paraná, bem mais completas.

Para o engenheiro agrônomo Gil Oliveira da Costa, da divisão de sanidade vegetal da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento do Paraná (SEAB), este controle tem a finalidade de benefici-

Chefe da Fiscalização espera que as exigências sejam cumpridas

Para o chefe do setor de Fiscalização do Comércio e Uso de Agrotóxicos, da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (SEAB), Alvir Jacob (foto abaixo), muitos impasses são causados porque o estado do Paraná é um dos poucos que cumpre a lei federal e fiscaliza. Existem dois erros principais que levam uma empresa a ser autuada pela fiscalização de agrotóxicos da SEAB. O primeiro deles é quando o fabricante apresenta uma documentação falha ao Ministério da Agricultura e consegue aprovar o registro de seu produto mesmo sem estar totalmente de acordo com a lei. Quando estes defensivos chegam ao mercado paranaense, são apreendidos por descumprirem o que determina a lei federal. O outro erro se dá quando o fabricante apresenta todas as informações necessárias, mas fora dos padrões, e o produto não consegue o registro.

"Muitas vezes, as informações são incompletas, e isso termina culminando num impasse. E quem desrespeita as exigências da lei federal — seja na área de saúde, de agricultura ou de meio ambiente — é autuado", explica Jacob. Para ele, as empresas reclamam porque são multadas no estado por descumprimento de uma lei federal, mesmo tendo o registro no Ministério da Agricultura. O chefe da fiscalização diz que é facultada aos estados a fiscalização das leis federal e estadual.

Em média, todos os anos, mais de 600 processos contra fabricantes de defensivos agrícolas dão entrada na SEAB. As irregularidades apontadas ferem determinações dos ministérios da Saúde e do Meio Ambiente. As multas variam de R$ 16,72 a R$ 16.720,00 — duplicadas no caso de reincidência.

Para Alvir Jacob, a alternativa seria uma reunião entre representantes do Ministério da Agricultura, SEAB e fabricantes para resolver os impasses. Isso deve acontecer em breve, porque representantes das empresas já solicitaram uma audiência com o Secretário Estadual de Agricultura do Paraná, Antonio Poloni.

Alcione Bacil

ar principalmente os agricultores. "Só para citar um exemplo, se nós não fizermos esta fiscalização no comércio, os produtos podem deixar resíduos e atrapalhar a venda de determinado grão que possa ser destinado à exportação, sem contar o risco para a saúde humana", afirma.

A maneira que a SEAB encontrou para fazer este controle é através do registro de produtos. Para isso, o ex-secretário de Agricultura, Hermas Brandão, assinou uma resolução, a 20/96, que tem gerado as maiores reclamações dos fabricantes. Segundo esta Resolução, desde fevereiro de 1997, os pedidos de cadastramento de defensivos que tiverem princípio ativo sem registro na SEAB terão que passar por pelo menos um teste de eficácia e praticabilidade agronômica em um instituto agronômico do estado. O teste precisa ser feito por cultura e alvo biológico. Ou seja, um novo produto, mesmo que já tenha registro no Ministério da Agricultura, terá que passar por testes de validação no Paraná para ser registrado na SEAB. Caso contrário, não poderá ser vendido legalmente no em território paranaense. Se o agroquímico for indicado para mais de uma cultura, será necessário um teste específico para cada uma delas. E se tiver mais de um alvo biológico, sua eficácia precisará ser validada em cada um deles.

A explicação para esta exigência inédita no País é que, até a entrada em vigor da Resolução, 90% dos testes de eficácia apresentados ao setor de cadastramento da SEAB eram feitos em outros estados. Considerando as diferentes condições ambientais, nem sempre um produto conseguia, no Paraná, a mesma eficácia obtida no campo de testes de outras regiões do País.

A posição da Andef

Em primeiro lugar, há que se entender que as empresas associadas à Andef obedecem, rigorosamente, às exigências estabelecidas pela legislação federal no tocante ao registro de produtos, apresentação de rótulos e bulas. Os eventuais aprimoramentos que a fiscalização do Paraná vem exigindo, por exemplo, podem ser incorporados às peças...., por representar a possibilidade de melhoria de entendimento da informação pelo agricultor. Entendemos, contudo, que não se justificam as apreensões de produtos, como vêm acontecendo, algo capaz de comprometer o abastecimento dos insumos fitossanitários no momento em que o agricultor está entrando em pleno planejamento da safra de verão. Em função desta expectativa, nosso pleito às autoridades sugere a suspensão dos autos-de-infração e, concomitante, passarmos a estudar melhor a forma de aperfeiçoamento da comunicação.

Cristiano Walter Simon, presidente da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)

O agrônomo da SEAB conta que a Secretaria possui listagens atualizadas periodicamente, onde constam os nomes dos agroquímicos, as culturas em que eles podem ser utilizados no estado, seus alvos biológicos e as restrições que apresentam. Todas estas informações também precisam estar na bula do produto. Se ele não possuir todas as informações obrigatórias por lei, será recolhido, até que os dados sejam completos. "Todos os estados têm os seus cadastros de agrotóxicos, mas o Paraná é um dos poucos que exige um teste de eficiência agronômica específico para fazer o registro na região."

Um dos exemplos de restrição total é o caso do herbicida Verdict, indicado para a cultura da soja, fabricado pela Dow. Ele é comercializado em todo o Brasil, menos no Paraná, porque a empresa não apresentou o registro em seu país de origem, os Estados Unidos.

Segundo mercado — A obrigatoriedade do receituário agronômico para a venda de defensivos agrícolas também é seguida à risca no Paraná. Esta determinação, que originária da lei federal, já levou até comerciante para a cadeia. "Além de fiscalizarmos a venda dos produtos, ainda vamos a campo para conferir se a cultura citada no receituário é a mesma em que o agricultor está utilizando o químico", conta o fiscal. Inconformados com o excesso de rigorismo, alguns fabricantes entraram na Justiça contra as exigências paranaenses, mas até agora não ganharam nenhuma ação.

A vontade dos fabricantes em conseguir uma liberalização maior para a venda de seus produtos no Paraná tem também sua justificativa econômica. Apesar do controle, o estado é o segundo maior consumidor de defensivos agrícolas de todo o País e responsável por 25% da produção nacional de grãos. E este mercado continua crescendo, principalmente nos últimos quatro anos. Entre os meses de janeiro a abril de 98, foram comercializados nada menos do que US$ 407 milhões em produtos químicos da área agrícola no Brasil. Um aumento de 17,7% em relação ao mesmo período de 1997.

Daqui pra frente, agricul
E trator é New Holla

Não importa se você precisa de uma versão básica, ou com os maiores avanços que a tecnologia mundial pode oferecer. Agora, você escolhe entre dezenas de modelos de 52 a 240 HP o trator perfeito para sua necessidade. Porque na era do agribusiness, seu trator não pode ser qualquer um, tem que ser New Holland.

Conheça no seu concessionário os nossos planos

tura é agribusiness.
nd.

Faça como o
mundo inteiro.

Conte com a New Holland.

NEW HOLLAND

de financiamento e o Consórcio Nacional 100 meses. Mais fácil, impossível.

FEIJÃO

Cuidado com as doenças fúngicas

Texto: Gilberto Severo
Pesquisa: Priscila Castro

Nos últimos anos, o perfil da lavoura de feijão brasileira sofreu sensíveis modificações. A cultura, antes relegada a pequenas propriedades, tida como atividade de subsistência, aos poucos migrou para grandes áreas tecnificadas. Principalmente aquelas que se utilizam da irrigação e produzem na entressafra. De certa forma — embora 1998 não seja parâmetro, porque a seca praticamente dizimou a lavoura nordestina —, esse novo modelo vem contribuindo para melhorar o abastecimento, evitando oscilações bruscas de preço. As fazendas que possuem pivô central respondem hoje por mais de 10% da produção total do cereal e a tendência é aumentar esta participação nos próximos anos. As estatísticas demonstram uma evolução nos níveis de produtividade em todas as regiões do País. Destaque para Goiás, onde o desempenho do grão na safra de 97 ficou em 23 sacas/ha (1.380kg), o maior do Brasil. Com a queda da produção e a conseqüente redução da oferta do produto, os agricultores que contam com plantações irrigadas conseguiram comercializar a saca de 60kg, no início do mês de junho, por históricos R$ 80,00.

Apesar da produção nacional da leguminosa ultrapassar três milhões de toneladas, o volume é insuficiente para atender a demanda interna, estimada em 3,2 milhões de toneladas, o maior consumo mundial. Para suprir o déficit, o Brasil importa cerca de 200 mil toneladas, principalmente da Argentina e do México. Falta muito pouco, no entanto, para o País ser auto-suficiente. Basta apenas melhorar ainda mais os níveis de produtividade. Em 97, foram plantados cinco milhões de hectares, com produtividade média de 630kg/ha em todo o País. Para a pesquisa, é possível obter um desempenho superior a 3.000kg/ha. Técnicos e produtores acreditam que a adoção de medidas como a regionalização da produção, definição de políticas agrícolas estaduais, melhoramento da extensão rural e investimentos em novas tecnologias tanto em sementes como em maquinário são os grandes aliados do setor para resolver o desafio de aumentar o desempenho da lavoura.

Sanidade — A briga, neste caso, é com as variações climáticas e, principalmente, com as mais de 200 doenças fúngicas e bacterianas que atacam o feijoeiro. As mais importantes são a antracnose, ferrugem, oídio, murcha-de-fusarium, mancha-angular, rizoctoniose, mofo-branco e mosaico-dourado. A murcha-de-fusarium, por exemplo, transmitida pelo fungo *Fusarium oxysporum*, ataca o sistema vascular da planta, causando amarelecimento das folhas. O fungo é transmitido pela semente e pode sobreviver no solo por vários anos.

Além das doenças, a lavoura de feijão também sofre com ataque de dezenas de pragas que, se não forem controladas com eficiência, limitam em até 80% a produtividade. Dentre as mais agressivas estão a mosca-branca, vaquinhas, cigarrinha-verde, lagarta-enroladeira-de-folhas e os ácaros branco e vermelho. A mais nociva é, sem dúvidas, a mosca-branca *Bemisia tabaci*, um inseto minúsculo, mas que provoca severas perdas nas lavouras durante a safra da seca. O controle químico ainda é o método mais eficaz no combate dos patógenos e insetos, mas seu efeito pode ser insignificante se o produtor não estiver atento a aspectos como qualidade da semente, variedades resistentes e rotação de culturas. Quanto ao controle por agroquímicos, é imprescindível utilizar produtos indicados pelos agrônomos (receituário), observando os cuidados necessários para o manuseio de cada defensivo.

CLASSIFICAÇÃO TOXICOLÓGICA	
I	Extremamente tóxicos
II	Altamente tóxicos
III	Medianamente tóxicos
IV	Pouco tóxicos

A Granja

FEIJÃO

HERBICIDAS

AgrEvo

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Iloxan CE	Diclofop-metílico	III	Capim-carrapicho	3,0 l/ha
Podium S	Fenoxapro-P-ethyl + cletodim	II	Capim-marmelada, papuã, capim-colchão	1,0 l/ha Obs.: deve ser utilizado com óleo mineral na dosagem de 1,0 l/ha

Basf

Blazer	Acifluorfen	I	Amendoim-bravo, caruru, corda-de-viola, joá-de-capote	2 aplicações de 0,5 l/ha com intervalo de 7 dias entre a 1ª e a 2ª aplicação
Basagran	Bentazon	III	Beldroega, botão-azul, carrapicho-rasteiro, carrapicho-de-carneiro, carrapichão, gorga, guanxuma, corda-de-viola, joá-de-capote, losna-branca, mostarda, nabiça, mentrasto, picão-branco, picão-preto, roseta, mentruz, erva-de-touro, esparqura, trapoeraba	1,2 l/ha
Poast	Setoxidim	II	Amargoso, colchão, milhã, marmelada, papuã, camalote, capim-arroz, timbete, carrapicho, custódio, capim-pé-de-galinha, milho-voluntário	1,25 l/ha

Cyanamid

Herbadox 500 CE	Pendimetalin	II	Capim-marmelada, papuã, capim-carrapicho, timbete ou amargoso, capim-pé-de-galinha, capim-colchão ou milhã, capim-arroz, capituva, capim-jaú ou capim-colônia, capim-canevão-do-banhado, capim-macho, capim-colonião, capim-oferecido, capim-rabo-de-raposa ou rabo-de-gato, capim-massambará ou sorgo-de-alepo, apaga-fogo, beldroega, caruru ou bredo, serralha	Solo leve: 1,5 a 2,0 l/ha Solo médio: 2,0 a 2,5 l/ha Solo pesado: 2,5 a 3,0 l/ha
Sweeper	Imazamox	III	Amendoim-bravo, leiteiro, apaga-fogo, beldroega, caruru, caruru-de-espinho, poaia-branca, picão-preto, trapoeraba, corda-de-viola, guanxuma, maria-pretinha, nabiça	60g/ha no estágio de 2 a 4 folhas

Defensa

Premerlin 600 CE	Trifluralin	II	Beldroega, capim-arroz, capim-braquiária, capim-carrapicho, capim-amoroso, capim-colchão, milhã, capim-colonião, capim-marmelada, papuã, capim-oferecido, capim-custódio, capim-pé-de-galinha, caruru, gorga, silene, sorgo-de-alepo, capim-massambará-de-sementes	Pré-emergência: 3,0 a 4,0 l/ha

Dow

Treflan	Trifluralina	II	Beldroega, capim-arroz, capituva, capim-jaú, capim-da-colônia, capim-avião, capim-oferecido, capim-custódio, capim-carrapicho, carrapicho, timbete, capim-amoroso, capim-colonião, capim-sempre-verde, capim-colchão, milhã, capim-de-tapete, capim-massambará, sorgo-de-alepo, capim-marmelada, papuã, capim-guatemala, capim-mimoso, barbicha-de-alemão, capim-pé-de-galinha, capim-rabo-de-raposa, capim-rabo-de-gato, caruru-rasteiro, caruru-roxo, caruru-de-espinho, carurur-de-mancha, erva-de-bicho, falsa-erva-de santa-maria, poaia	Solo leve: 1,2 l/ha Solo médio: 1,8 l/ha Solo pesado: 2,4 l/ha

Hokko

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Select 240 CE	Cletodim	II	Capim-marmelada ou papuã, capim-colchão ou milhã, capim-carrapicho, capim-pé-de-galinha, capim-rabo-de-raposa, capim-custódio, capim-arroz, capim-camalote, capim-mimoso Milho-voluntário, milheto-voluntário Trigo-voluntário, arroz-voluntário Capim-colonião, capim-massambará, capim-amargoso	Estágio de 4 folhas a 2 perfilhos: 0,35 l/ha Estágio de 2 a 3 perfilhos: 0,40 l/ha Estágio de 4 ou mais perfilhos: 0,45 l/ha Estágio de 15 a 30cm: 0,35 a 0,45 l/ha Estágio de 10 a 15cm: 0,35 a 0,45 l/ha Estágio de 20 a 40cm: 0,40 a 0,45 l/ha

Iharabras

Pramato	Paraquat + Bentazone	I	Guanxuma Caruru-de-mancha, beldroega, picão-branco, capim-marmelada	1,5 l/ha 2,5 l/ha

Nortox

Trifluralina Nortox	Trifluralina	II	Beldroega, capim-arroz, milhã, capim-carrapicho, capim-mimoso, capim-marmelada, capim-pé-de-galinha, capim-cevadinha, capim-massambará, capim-oferecido, capim-rabo-de-gato, capim-de-tapete, caruru, erva-de-bicho, erva-de-queimada, erva-de-santa-maria, grama-azul-anual, painço, alfinete-da-terra, poaia, salsola, sorgo, urtiga	Solo arenoso: 1,2 l/ha Solo areno-argiloso: 1,8 l/ha Solo argiloso: 2,4 l/ha

Novartis

Dual 960 CE	Metolaclor	II	Capim-colchão, milhã, capim-marmelada, papuã, capim-carrapicho, timbete, capim-pé-de-galinha, capim-arroz, trapoeraba, caruru, carrapicho-de-carneiro, beldroega, poaia-branca, picão-preto, fazendeiro	Solos médio a pesado: de 2,5 a 3,0 l/ha

Sipcam

Banir	Bentazon	II	Guanxuma, corda-de-viola, carrapicho-de-carneiro, picão-preto, cipó-de-veado, quinquilho, vara-de-rojão, carrapichão, nabiça, mostarda, trapoeraba, erva-de-bicho	1,5 a 2,0 l/ha

Zeneca

Gamoxone 200	Paraquat + dicloreto	I	Mentrasto, caruru, bredo, capim-gigante, picão-preto, capim-marmelada, fedegoso, capim-carrapicho, timbete, trapoeraba, capim-colchão, capim-arroz, angolinha, capim-pé-de-galinha, leiteiro, amendoim-bravo, picão-branco, fazendeiro, azevém, arroz-vermelho, arroz-preto, beldroega, poaia-branca, capim-rabo-de-raposa, maria-pretinha, serralha	1,5 a 3,0 l/ha (pós-emergência)
Flex	Fomesafen	I	Erva de 2 a 4 folhas: carrapicho-rasteiro, trapoeraba, corda-de-viola, poaia-branca Erva com 4 folhas: leiteiro, amendoim-bravo Carrapicho-de-carneiro, caruru, caruru-de-folha-larga, caruru-comum, picão-preto, erva-quente, picão-branco, fazendeiro Erva de 4 a 10 folhas: mentruz Erva de 2 a 6 folhas: mastruço Erva com 6 folhas: mentrasto, falsa-serralha, joá-de-capote, beldroega, nabiça, maria-pretinha	1,0 l/ha 1,0 l/ha 0,9 l/ha 1,0 l/ha 1,0 l/ha 1,0 l/ha

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Reglone	Diquat	II	Carrapicho-rasteiro, leiteiro, amendoim-bravo, corda-de-viola, mastruço, cordão-de-frade, guanxuma	1,5 a 3,0 l/ha (pós-emergência)
Robust	Fluazifop-p-butil + fomesafen	III	Caruru-de-folha-larga, picão-preto, erva-quente, capim-marmelada, capim-carrapicho, timbete, trapoeraba, capim-colchão, capim-pé-de-galinha, leiteiro, amendoim-bravo, nabiça	0,8 a 1,0 l/ha (pós-emergência)
Fusilade 250 EW	Fluazifop-p-butil	III	Capim-marmelada, capim-carrapicho, timbete, grama-seda, capim-colchão, capim-pé-de-galinha, trigo, milho Arroz	0,5 a 0,75 l/ha 0,75 l/ha

INSETICIDAS/ACARICIDAS

AgrEvo

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Hostathion 400 BR	Triazofós	I	Ácaro-branco Minador-de-folhas-largas	0,8 a 1,0 l/ha 1,0 l/ha
Decis 25 CE	Deltametrin	III	Lagarta-falsa-medideira	120 a 160ml/ha

Agripec

Folisuper 600 BR	Paration-metílico	I	Tripes Lagarta-da-soja, vaquinha-verde, cigarrinha-verde	0,27 a 0,35 l/ha 0,45 a 0,675 l/ha
Stron	Metamidofós	I	Pulgão-da-raiz-do-feijoeiro, vaquinha-verde, tripes-do-fumo, tripes-do-feijoeiro, cigarrinha-verde, mosca-branca	0,5 a 1,0 l/ha
Agritoato 400	Dimetoato	I	Ácaro-vermelho, ácaro-rajado, mosca-branca, vaquinha-verde Tripes, cigarrinha-verde Manhoso	0,4 a 1,2 l/ha 0,3 a 0,75 l/ha 0,6 a 1,4 l/ha
Agrophos 400	Monocrotofós	I	Mosca-branca Cigarrinha-verde Manhoso	0,5 a 0,75 l/ha 0,75 a 1,25 l/ha 1,25 l/ha

Basf

Kumulus	Enxofre	IV	Ácaro-branco	300g/100 l de água
Faro	Metamidofós	I	Mosca-branca Cigarrinha-verde	0,50 a 1,0 l/ha 0,50 l/ha

Bayer

Bulldock 125 SC	Betacyflutrin	II	Cigarrinha, mosca-branca, vaquinha	6,25 l/ha
Confidor 700 GrDA	Imidacloprid	IV	Cigarrinha-verde Mosca-branca Vaquinha-verde	105g/ha 175g/ha 105g/ha
Gaucho	Imidacloprid	IV	Mosca-branca, cigarrinha, vaquinha-verde, vaquinha	200g/100kg de sementes
Tamaron BR	Metamidofós	II	Tripes-do-fumo, tripes-do-feijoeiro, mosca-branca, vaquinha-verde-amarela Cigarrinha-verde Ácaro-rajado	0,3 a 0,6 l/ha 0,30 l/ha 0,75 l/ha

Cyanamid

Azodrin 400	Monocrotofós	I	Mosca-branca Cigarrinha-verde Lagarta-enroladeira-de-folhas	0,50 a 0,75 l/ha 0,75 a 1,25 l/ha 1,25 l/ha
Belmark 75 CE	Fenvalerate	I	Mosca-branca	0,60 a 0,80ml/ 100 l de água
Granutox	Phorate	I	Pulgão-da-raiz, tripes-da-cebola, tripes, cigarrinha-verde, ácaro-verde, ácaro-rajado, ácaro-branco, mosca-branca	Aplicar 20 a 30kg/ha (1kg por 600 a 1.000m de sulco) ao lado das sementes por ocasião do plantio. Evitar contato com as sementes

Dow

Lorsban 480 BR	Clorpirifós	II	Cigarrinha Broca-da-vagem, lagarta-da-vagem Mosca-branca	0,8 l/ha 1,25 l/ha 1,0 l/ha

Enro

Microsulfan 800 PM	Enxofre	IV	Ácaro-rajado	400g/100 l de água

Fersol

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Acefato Fersol 750 PS	Acefato	IV	Manhoso	0,5 a 1,0kg/ha
Fermag	Fosfeto de magnésio	I	Caruncho-pequeno-do-feijão, caruncho-do-feijão	1 pastilha de 3g p/15 sacos de 60kg

FMC

Furadan 50 G	Carbofuran	I	Tripes, cigarrinha-verde Mosca-branca	20kg/ha 30 a 40kg/ha
Furadan 350 SC	Carbofuran	I	Tripes, cigarrinha	2,0 a 3,0 l/ha
Marzinc 250 TS	Carbosulfan	II	Tripes, cigarrinha-verde, vaquinha	1,5 a 2,0kg/100kg de sementes
Marshal 200 SC	Carbosulfan	II	Mosca-branca	600ml/ha

Herbitécnica

Metafós	Metamidofós	I	Pulgões, tripes, vaquinha, cigarrinha-verde, mosca-branca	0,5 a 1,0 l/ha

Hokko

Tedion 80	Tetradifon	III	Ácaro-vermelho, ácaro-rajado, ácaro-branco, ácaro-verde	1,2 a 2,5 l/ha
Applaud 250	Buprofezin	IV	Mosca-branca	1,0kg/ha
Diafuran 50	Carbofuran	I	Tripes, cigarrinha-verde, mosca-minadora Mosca-branca	20kg/ha 30 a 40kg/ha
Naled 860	Naled	II	Pulgão, lagarta-da-soja, lagarta-militar, vaquinhas, cigarrinha-verde	1,0 l/ha
Orthene 750 BR	Acefato	IV	Manhoso, lagarta-enroladeira, vaquinha-verde Tripes Mosca-branca, cigarrinha-verde	0,5 a 1,0kg/ha 1,0kg/ha 0,2 a 0,5kg/ha
Orthene 750 BR p/sementes	Acefato	IV	Pulgão, minadora, mosca-branca, cigarrinha-verde, pulgão-da-raiz, vaquinha, bicheira-do-feijoeiro, lagarta-rosca, broca-elasmo	1,0kg/100kg de sementes
Meothrin 300	Fenpropa-trin	I	Cigarrinha-verde, mosca-branca Ácaro-rajado	100 a 200ml/ha 200 a 300ml/ha
Hamidop 600	Metamido-fós	I	Tripes, tripes-do-feijoeiro, pulgão, pulgão-da-raiz-do-feijoeiro, vaquinha-verde, cigarrinha-verde, mosca-branca Ácaro-vermelho Ácaro-rajado	0,5 a 1,0 l/ha 1,0 l/ha 1,25 l/ha

Iharabras

Danimen 300 CE	Fenpropatrin	I	Cigarrinha-verde, mosca-branca Ácaro-rajado	100 a 200ml/ha 200 a 300ml/ha
Sumithion 500 CE	Fenitrotion	II	Tripes, cigarrinha-verde, vaquinha-verde	1,0 a 1,5 l/ha
Sumigran 500 CE	Fenitrotion	II	Caruncho	10 a 20ml/t de grãos
Cartap BR 500	Cartap, cloridrato	III	Mosca-minadora Ferrugem	175g/100 l de água 300g/100 l de água
Sumidan 25 CE	Esfenvale-rate	I	Mosca-branca, tripes, cigarrinha, vaquinha	0,4 l/ha
Sumicidin 200	Fenvalerate	II	Mosca-branca	225 a 330ml/ha

ML

Sulfure 750	Enxofre	IV	Ácaro-vermelho, ácaro-branco	2,0 a 2,6 l/ha

Novartis

Trigard 750 PM	Ciromazine	IV	Mosca-minadora-da-folha	100g/ha
Promet 400 CS	Furatiocarb	III	Mosca-branca	0,8 l/100kg de sementes
Solvirex GR 100	Disulfoton	III	Cigarrinha-verde, pulgão-do-feijoeiro, pulgão-da-raiz	15kg/ha
Nuvacron 400	Monocrotofós	I	Mosca-branca Cigarrinha-verde Lagarta-enroladeira-de-folhas	500 a 750ml/ha 750 a 1.250ml/ha 1.250ml/ha
Thiovit Sandoz	Enxofre	IV	Ácaro-branco, ácaro-vermelho	300g/100 l de água

Rhodia

Temik	Aldicarb	I	Tripes, mosca-minadora Mosca-branca	6,5kg/ha 6,0 a 13,0kg/ha

Samaritá

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Nutrixofre 800	Enxofre	IV	Ácaro-branco, ácaro-rajado	2,5 a 3,0 l/ha

Sipcam

Cefanol	Acefato	III	Manhoso	100g/100 l de água
Tiomet 400 CE	Dimetoato	I	Pulgão, tripes, lagarta-da-soja, cigarrinha-verde Lagarta-militar Mosca-branca, ácaro-rajado	320 a 640ml/ha 400 a 800ml/ha 640 a 1.250ml/ha

Zeneca

Pirimor 500 PM	Pirimicarb	II	Pulgão-do-feijoeiro, pulgão-da-raiz	100g/100 l de água
Karate 50 CE	Lambdacialo-trin	II	Vaquinha-verde	150 a 200ml/ha
Actellic 500 CE	Pirimifós-metílico	II	Tripes	160ml/ha

FUNGICIDAS

AgrEvo

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Derosal 500 SC	Carbendazin	III	Antracnose Trat. sementes: antracnose, murcha-de-fusarium	0,5 l/ha 100ml/100kg de sementes
Brestanid SC	Fentin hidróxido	I	Antracnose, ferrugem	0,33kg/ha
Brestan PM	Fentin acetato	II	Antracnose, ferrugem	0,65 a 1,0kg/ha

Agripec

Agrinose	Oxicloreto de cobre	IV	Antracnose, mancha-angular, mofo-cinzento, ferrugem, ascoquitose	4,5 a 6,0kg/ha

Basf

Kumulus	Enxofre	IV	Oídio	30g/100 l de água

Bayer

Euparen M 500 PM	Tolylfluanid	III	Tombamento, antracnose	150g/100kg de sementes
Folicur 200 CE	Tebucona-zole	III	Ferrugem Mancha-angular, mancha-de-alternaria	0,75 l/ha 1,0 l/ha
Persist SC	Mancozeb	III	Antracnose, ferrugem, mancha-angular	3,6 l/ha

Cyanamid

Saprol	Triforine	II	Oídio, ferrugem, isariopsis	1,5 l/ha

Du Pont

Benlate 500	Benomyl	III	Antracnose, mancha-angular, tombamento, podridão-radicular-seca, podridão-cinzenta-do-caule, murcha-de-fusarium, mofo-branco Antracnose (tratamento de campo)	100g/100kg de sementes 0,5kg/ha
Manzate 800	Mancozeb	III	Ferrugem, míldio, antracnose, mancha-angular	2,0kg/ha

Enro

Mayran PS	Thiram	III	Fusariose, damping-off, podridão-cinzenta-do-caule, podridão-das-sementes	200g/100kg de sementes
Vetran PM	Thiram	III	Fusariose, damping-off, podridão-cinzenta-do-caule, podridão-das-sementes	200g/100kg de sementes

Giulini

Garant	Hidróxido de cobre	IV	Queima-das-folhas, mancha-bacteriana	1,0 a 3,0kg/ha

Hokko

Dacostar 500	Clorotalonil	I	Antracnose	2,0 a 3,0 l/ha
Dacostar 750	Clorotalonil	II	Antracnose, mancha-de-ascoquita, oídio	1,4 a 2,0kg/ha
Hokko Plantvax 750	Oxicarboxin	III	Ferrugem	0,5 a 0,8kg/ha
Hokko Suzu 200	Fentin acetato	II	Antracnose, ferrugem	0,65 a 1,0kg/ha
Kobutol 750	Quintozene	III	Tombamento, murcha-de-esclerócio, antracnose	350g/100kg de semente
Sialex 500	Procimidone	II	Mofo-branco	1,0 a 1,5kg/ha

Iharabras

Cercobin 700 PM	Tiofanato metílico	IV	Podridão-de-esclerotinia, antracnose, mancha-de-ascoquita, mofo-cinzento, oídio	70g/100 l de água
Cercobin 500 SC	Tiofanato metílico	IV	Podridão-de-esclerotinia, antracnose, mancha-de-ascoquita, mofo-cinzento, oídio	100ml/100 l de água

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Dithiobin 780 PM	Mancozeb + tiofanato metílico	II	Oídio, antracnose, septoriose, ascoquita, míldio, podridão-de-esclerotinia, cercospora, mancha-púrpura, queima-da-haste-e-das-vagens	250g/100 l de água
Daconil BR	Clorotalonil	II	Antracnose, mancha-de-ascoquita, oídio	1,4 a 2,0kg/ha
Daconil 500 SDS	Clorotalonil	I	Antracnose	2,5 a 3,0 l/ha
Dacobre PM	Clorotalonil + oxicloreto de cobre	II	Antracnose, ferrugem	2,5 a 3,0kg/ha
Cerconil PM	Tiofanato metílico + clorotalonil	II	Míldio, manchas-foliares, ferrugem, mancha-angular, podridão-de-esclerotinia, antracnose, oídio	1,5 a 2,0kg/ha
Cerconil SC	Tiofanato metílico + clorotalonil	III	Antracnose, oídio, ferrugem, mancha-angular, manchas-foliares	2,0 a 2,5 l/ha
Frowncide 500 SC	Fluazinam	II	Mofo-branco	1,0 a 1,5 l/ha

Microquímica

Microzol	Enxofre	IV	Ferrugem	300ml/100 l de água

Novartis

Tilt	Propicona-zole	III	Ferrugem, mancha-angular	0,4 l/ha
Spectro	Difenocona-zole	III	Tombamento, podridão-cinzenta-do-caule, antracnose	33,4ml/100kg de sementes
Score	Difenocona-zole	I	Mancha-angular, ferrugem	0,30 l/ha
Mertin 400	Trifenil hidróxido de estanho	I	Antracnose, ferrugem, mancha-parda, mancha-angular	325 a 1.000ml/ha
Copidrol PM	Hidróxido de cobre	IV	Antracnose, ferrugem, mancha-angular	220g/100 l de água
Cobre Sandoz BR	Óxido cuproso	IV	Antracnose, ferrugem, mancha-angular	200g/100 l de água

Rhodia

Condor	Bromucona-zole	III	Mancha-angular	75ml/100 l de água

Rohm and Haas

Dithane PM	Mancozeb	III	Antracnose, ferrugem, mancha-angular, míldio	2,0kg/ha
Persist SC	Mancozeb	III	Antracnose, ferrugem, mancha-angular	3,6 l/ha

Samaritá

Nutrixofre 800	Enxofre	IV	Ferrugem, oídio	2,5 a 3,0 l/ha

Sanachem

Fungiscan 700 PM	Tiofanato metílico	IV	Antracnose, mancha-de-ascoquita, mofo-cinzento, oídio, podridão-de-esclerotínia	70g/100 l de água

Sipcam

Isatalonil 500 SC	Clorotalonil	I	Antracnose	1,0 a 2,5 l/ha
Metiltiofan	Tiofanato metílico	IV	Oídio, mancha-de-ascoquita, antracnose, podridão-de-micosferela, mofo-cinzento, podridão-de-esclerotinia	90g/100 l de água
Support	Tiofanato metílico	IV	Ferrugem, mancha-angular, antracnose	0,50 a 0,75 l/ha
Tiofanil	Clorotalonil + tiofanato metílico	II	Antracnose	1,5kg/ha

Zeneca

Vanox 500 SC	Clorotalonil	II	Mancha-de-ascoquita, antracnose, oídio	2,0 a 3,0 l/ha
Vanox 750 PM	Clorotalonil	II	Mancha-de-ascoquita, antracnose, oídio	1,4 a 2,0kg/ha
Bravonil 500	Clorotalonil	I	Antracnose	2,0 a 3,0 l/ha
Bravonil Ultrex	Clorotalonil	I	Antracnose, mancha-angular	1,5 a 1,8kg/ha
Amistar 500 WG	Azoxystrobin	IV	Antracnose, mancha-angular, ferrugem	0,08 a 0,12kg/ha

NEMATICIDAS

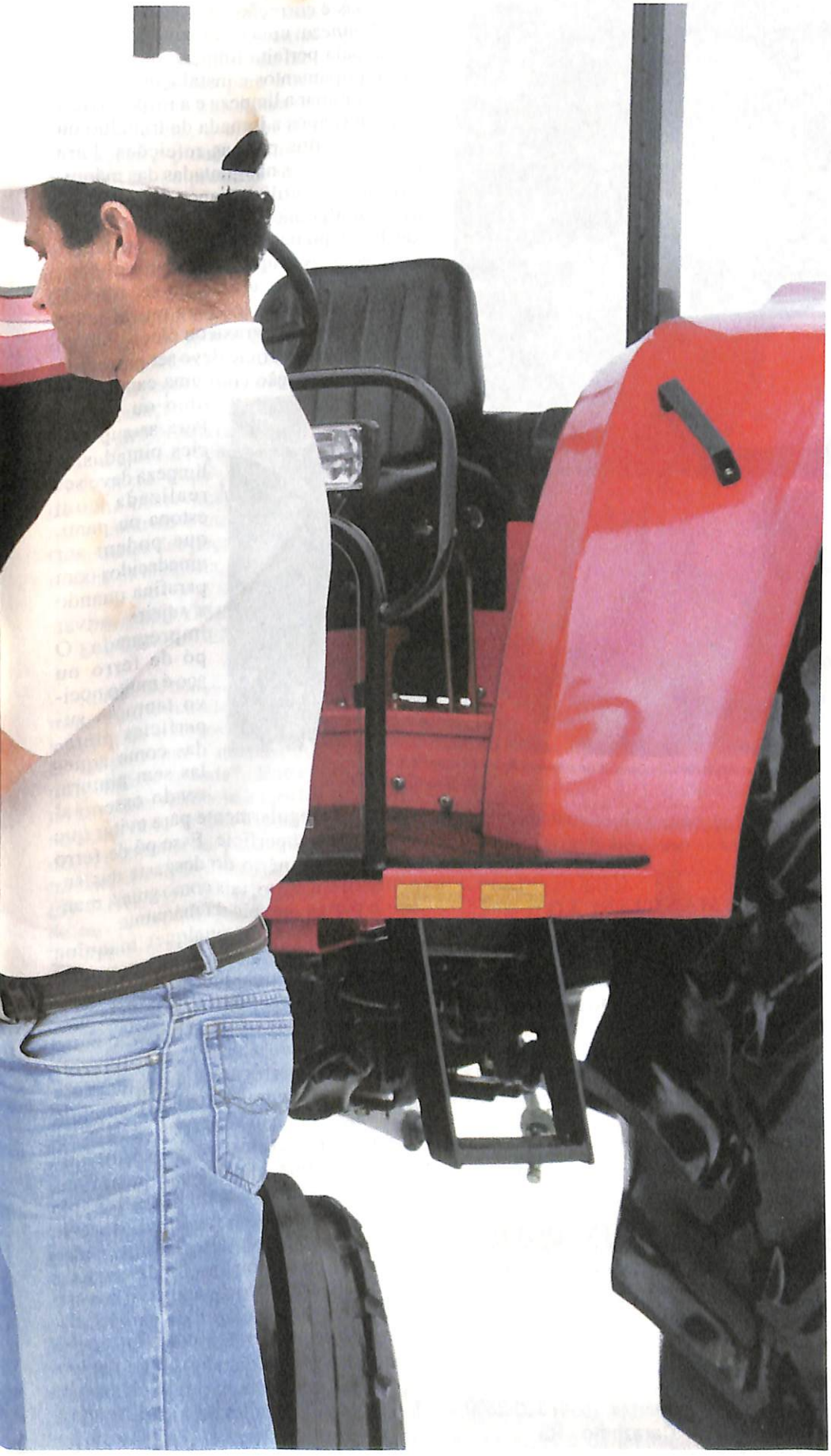
Cyanamid

Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Nematóides controlados	Dosagem
Counter 50 G	Terbufós	I	Mosca-branca, tripes, cigarrinha-verde	40kg/ha

Manutenção dá vida longa ao trator

É um procedimento que, numa ponta, proporciona ganhos operacionais às máquinas e, na outra, melhoria na produtividade da agricultura

Fotos: A Granja/Divulgação



Kléber P. Lanças / Ulisses R. Antuniassi / Carlos A. Gamero / Sérgio H. Benez
Departamento de Engenharia Rural
Faculdade de Ciências Agronômicas
(FCA/Unesp) / Botucatu/SP

No início do século, com o advento da Revolução Industrial, as máquinas eram reparadas e consertadas pelos seus próprios operadores. Durante a Primeira Guerra Mundial, surgiram as primeiras equipes organizadas para corrigir as falhas das máquinas e, na Segunda Guerra Mundial, o conceito de prevenção das falhas teve um desenvolvimento acelerado. A aviação, devido às drásticas conseqüências de uma falha, contribuiu significativamente para a evolução da manutenção preventiva, principalmente a de rotina, através da inspeção geral da aeronave e troca de peças antes que o seu limite de "vida" fosse atingido.

A manutenção é toda e qualquer atividade ligada às máquinas, veículos, equipamentos, instalações e bens duráveis em geral que não vise ou gere produção, mas sim a melhoria operacional e o prolongamento de sua vida útil.

A manutenção é, hoje em dia, uma das principais fontes de interferência para melhorar a produtividade e, por conseguinte, o lucro das empresas. Dentro deste conceito, estão incluídas as operações de:

- limpeza e lubrificação das máquinas e equipamentos;
- reparos e trocas de peças ou componentes;
- inspeções e previsões;
- preservação do local e prevenção de acidentes;
- modificações nos equipamentos atuais e instalação de novos acessórios;
- projeto e execução dos planos de manutenção;
- reformas e restaurações;
- administração e supervisão do pessoal da área.

Uma máquina dificilmente quebra totalmente, mas pára de trabalhar quando alguma parte vital para o seu funcionamento está danificada, como, por exemplo, mecanismos de transmissão, comando e controles, elementos rodantes (um pneu estourado pára um trator), atuadores (dentes quebrados em uma colhedora) e acessórios.

A manutenção, numa visão acadêmica, pode ser dividida em quatro modalidades, sendo que, na prática, algumas delas podem se sobrepor ou inexistir:

— *Manutenção corretiva*: é o con-

Retirando o filtro de ar seco para limpeza

junto de atividades para corrigir falhas e substituir peças quebradas ou desgastadas. Normalmente, as reformas podem ser consideradas como manutenção corretiva.

— *Manutenção de emergência*: é realizada quando surge queda brusca na eficiência da máquina ou no processo produtivo, sem que se saiba a causa da pane, exigindo interferência imediata na operação da máquina. Pode ser classificada como corretiva.

— *Manutenção preventiva*: visa a programação e execução de serviços nas máquinas, conservando-as em boas condições de uso e funcionamento, evitando tanto quanto possível as paradas (manutenção de emergência). A manutenção preventiva de rotina é aquela que obedece sempre a um programa pré-determinado, tornando-se repetitiva e constante. Para que se consiga instalar este tipo de manutenção, há necessidade de se ter um histórico completo e confiável das máquinas e das operações executadas.

— *Manutenção preditiva*: encerra atividades executadas através de inspeções, que indicarão o estado real e atual da máquina, com o objetivo de prever ou programar as necessidades de manutenção.

Fazendo a sangria do sistema de alimentação do combustível

MANUTENÇÃO PREVENTIVA

A implantação de um progama de manutenção preventiva sofre, normalmente, resistência por parte dos operadores e dos setores produtivos das empresas, os quais se opõem à parada das máquinas sem que estas estejam efetivamente quebradas. Esta atitude, claramente equivocada, se torna bem mais onerosa a médio e longo prazos. Todo programa de manutenção bem-elaborado congrega as seguintes operações: limpeza, lubrificação, inspeção, controle de qualidade das máquinas e correção de avarias e erros.

* *Limpeza*: uma boa manutenção inicia-se pela perfeita limpeza das máquinas, equipamentos e instalações. É normal combinar a limpeza e a inspeção das máquinas após a jornada de trabalho ou nos intervalos para as refeições. Para limpar as partes não-pintadas das máquinas, deve-se utilizar panos, e nunca estopa ou algodão, pois estes podem deixar fios e pó nas superfícies a serem lubrificadas. A limpeza deve ser realizada em duas etapas, utilizando-se, inicialmente, um pano seco para retirar a sujeira residual e a graxa ou óleos velhos. A seguir, a superfície deve ser protegida contra a oxidação com uma camada de óleo ou graxa. Para as superfícies pintadas, a limpeza deve ser realizada com estopa ou pano, que podem ser umedecidos com parafina quando a sujeira estiver impregnada. O pó de ferro ou aço é muito nocivo tanto às superfícies pintadas como aquelas sem pintura, sendo essencial eliminá-lo regularmente para evitar que se liguem à superfície. Esse pó de ferro pode ser originário do desgaste das superfícies em atrito, tais como guias, mancais e partes móveis da máquina.

* *Lubrificação*: qualquer máquina funciona melhor e com menor consumo de energia se estiver lubrificada adequadamente. A experiência de muitas empresas tem mostrado que o tempo entre as trocas de óleo não deve ser muito curto. Os óleos lubrificantes atuais têm vida longa e, por segurança, os fabricantes de máquinas indicam sua reposição em intervalos mais curtos, os quais são, normalmente, relacionados com máquinas novas e condições severas de uso. No caso da manutenção preditiva, deve-se coletar amostras de óleo em intervalos regulares para a realização de análises de acidez, conteúdo de água, viscosidade, resíduos metálicos e de carvão. Estas análises podem ser realizadas em laboratórios especializados ou no campo, utilizando kits portáteis que se encontram à venda no mercado. Se a análise apresenta resultados aceitáveis, a troca po-

PLANTADEIRA HIDRÁULICA SEED-MAX

- Plantadeira para plantio direto, versátil, moderna, fácil operação.
- Planta soja, milho e feijão.
- Com dois sistemas de sulcagem: sulcador fixo e pula-pedra.
- Disco de corte e sulcador, disco duplo defasado na semente.
- Disponíveis nos modelos de 3, 4, 5 e 6 linhas para soja.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES CONSULTE-NOS

MAX

Telefax: (054) 330-2300
Carazinho - RS

30 ANOS AO LADO DO AGRICULTOR

derá ser adiada, economizando-se óleo e mão-de-obra.

O encarregado da lubrificação deve estar sempre bem-equipado, com ferramentas adequadas, aparelhos de medição, recipientes para troca de óleo, tubos e filtros para reposição, além, é claro, das instruções e planos de lubrificação. As empresas de maior porte utilizam-se de comboios de lubrificação que, além dessas atividades, fornecem combustíveis para as máquinas.

* *Inspeção*: é a parte mais importante de todo o programa de manutenção preventiva. As inspeções não só revelam a condição da máquina ou equipamento, mas também realizam ajustes, reparos ou troca de peças. Pode variar desde uma observação simples até o controle e medidas das tolerâncias das peças componentes da máquina.

PLANEJAMENTO DA MANUTENÇÃO

A recomendação mais comum para a manutenção preventiva de tratores agrícolas é "fazer o que o manual do proprietário manda". Entretanto, observando-se a tabela ao lado, nota-se que o período recomendado para uma mesma operação de manutenção difere significativamente de um fabricante para outro. Tomando-se como exemplo o sistema de direção hidráulica, verifica-se que um determinado fabricante indica a verificação do nível do óleo a cada 10 horas de trabalho, enquanto outro recomenda a mesma operação a cada 200 horas. No caso da troca deste óleo, a diferença também é grande (500h para um fabricante e 2.400 para outro). Assim, o planejamento da manutenção fica dificultado, principalmente quando a frota de tratores é formada por diversas marcas.

Para contornar este problema, uma das formas utilizadas para a organização da manutenção de tratores em grandes frotas é a adoção do chamado "controle de pendências". Numa descrição simplificada deste sistema, cada atividade de manutenção recebe uma "nota" ou "peso", a qual é atribuída proporcionalmente à importância relativa de cada item. Assim, por exemplo, a verificação da folga dos pedais do freio receberia um peso menor do que a verificação do nível de óleo da transmissão, por considerar-se esta última operação "mais importante" do que a primeira.

Após a definição destes pesos, um sistema computadorizado analisa o tempo decorrido desde a última vez em que cada item de manutenção foi realizado, comparando este intervalo com a recomendação do fabricante do trator em questão. Desta análise são obtidos os "níveis de pendência" para cada item, sendo este número maior quanto maior for o tempo decorrido após o momento em que tal manutenção deveria ter sido realizada. Finalmente, o sistema multiplica o peso de cada item pelo seu nível de pendência, obtendo assim um nível de prioridade comparativa para cada atividade de manutenção necessária. Desta maneira, o administrador da manutenção pode decidir qual atividade tem maior prioridade para ser realizada. Ainda, quando há a necessidade de se decidir pela parada de um ou outro trator para a manutenção, a escolha pode ser feita simplesmente pela comparação entre as somas dos níveis de prioridade para cada máquina, o que mostra qual trator tem maior "urgência" de sofrer intervenção da manutenção.

No caso de pequenas frotas, basta que o plano de manutenção recomendado pelo fabricante seja seguido corretamente, adotando-se um controle individual das horas trabalhadas e da manutenção realizada em cada equipamento. Neste tipo de sistema, a participação do operador no processo de manutenção é de extrema importância, recomendando-se, portanto, um treinamento mais específico neste sentido.

PERÍODOS RECOMENDADOS PARA A MANUTENÇÃO DE TRATORES AGRÍCOLAS*

Itens de manutenção	Operações	Período recomendado (h)
Óleo do motor e filtro	Verificação Troca	10 100 a 200
Óleo da direção hidráulica e filtro	Verificação Troca	10 a 200 500 a 2400
Óleo das transmissões, sistema hidráulico e filtro	Verificação Troca	50 a 200 750 a 1500
Pinos graxeiros	Verificação	10 a 50
Água de arrefecimento	Verificação Troca	10 500 a 2400
Filtro de ar seco	Verificação Troca	10** a cada 6 limpezas
Filtro de ar com banho de óleo	Verificação Troca	10 a 50 10 a 50
Filtro de combustível primário Filtro de combustível secundário Copo sedimentador Bicos injetores	Troca Troca Verificação Verificação	200 a 600 200 a 1200 10 a 50 300 a 1000
Correia do ventilador e bomba d´água	Verificação	50 a 300
Respiros do motor e transmissões	Verificação	500
Regulagem de válvulas do motor	Verificação	200 a 1000
Solução da bateria	Verificação	10 a 50
Folga dos pedais do freio Folga dos pedais da embreagem	Verificação Verificação	50 a 300 50 a 200
Pressão dos pneus	Verificação	10 a 50

**Com manuais de diversos modelos e fabricantes*
***Para alguns modelos, verifica-se somente o indicador de restrição, e a limpeza só é realizada quando ocorre a indicação de restrição*

Aqui, os procedimentos básicos

Óleo do motor: antes da verificação do nível ou da troca do óleo, deve-se colocar o trator num local plano e nivelado. A verificação deve ser realizada diariamente, de preferência antes de ligar o motor. Em condições de extrema poeira, recomenda-se limpar em volta da vareta antes de retirá-la, utilizando um pano que não solte fiapos. O nível do óleo deve estar entre a marca de máximo e mínimo. Caso o nível esteja baixo, a reposição deve ser realizada somente com óleo da mesma classificação e marca. Nível de óleo acima do máximo pode indicar a ocorrência de contaminação do produto com água de arrefecimento ou combustível. A troca do óleo deve ser realizada com o motor do trator em temperatura normal de funcionamento. Filtro, bujão de drenagem e bocal de abastecimento devem ser limpos externamente antes da troca. Após o escoamento do óleo, o filtro deve ser solto com as mãos ou chave especial. O filtro novo deve ser preenchido com 1/3 de óleo antes da instalação. Após o abastecimento com óleo, o motor deve ser ligado para a verificação de possíveis vazamentos, principalmente no filtro.

Óleo da direção hidráulica: a direção do trator deve ser virada totalmente

para o recolhimento do pistão do cilindro antes da verificação do nível de óleo, a qual deve ser realizada com o motor em funcionamento. No caso da troca, após a drenagem do óleo, a frente do trator deve ser levantada, virando-se as rodas dianteiras com as mãos várias vezes. Filtro e anel de vedação devem ser substituídos.

Após o abastecimento com o novo óleo, a direção deve ser virada várias vezes, estando o motor do trator em marcha-lenta, com o objetivo de garantir o preenchimento de toda a tubulação. Finalmente, o nível deve ser completado com o cilindro recolhido.

Óleo da transmissão, hidráulico e reduções finais: a verificação do nível deve ser realizada com os cilindros hidráulicos recolhidos. No caso da troca, o trator deve estar em nível; entretanto, para algumas marcas de tratores, pode haver a recomendação de se levantar um dos lados da máquina. Após a drenagem, o filtro deve ser lavado ou trocado. Alguns fabricantes recomendam ainda a lavagem do sistema com querosene.

Óleo da caixa de direção: alguns modelos podem ser lubrificados com graxa e outros podem não necessitar de troca de óleo. Quando necessário, reabastecer até o nível, usando óleo da mesma marca e classificação.

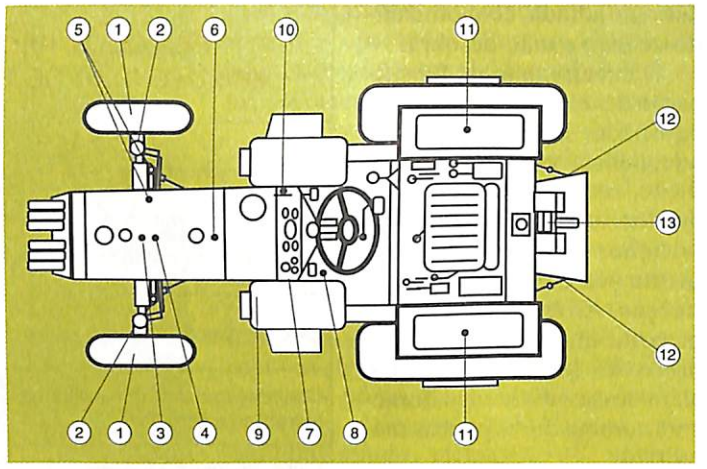
Bicos graxeiros: a lubrificação, em geral, deve ser realizada diariamente. O pino deve ser limpo antes de aplicar a engraxadeira, a qual deve ser encaixada no bocal de maneira correta. A graxa nova deve ser injetada até que toda a usada seja expelida. No caso de mancais com retentores, entretanto, a graxa deve ser aplicada somente na quantidade recomendada (usar pistola com regulagem).

Cubos das rodas: os cubos devem ser desmontados para troca da graxa e verificação dos rolamentos e retentores, periodicamente.

Sistema de arrefecimento: o nível da água e o estado da tampa devem ser verificados diariamente, com o motor frio. A colméia do radiador deve ser limpa com ar comprimido, no sentido contrário ao fluxo normal do ar. Ao reabastecer, use sempre água limpa, evitando o uso de águas contaminadas com substâncias calcárias (águas duras). No caso da troca, abastecer o sistema com água limpa e aditivo (quando recomendado pelo fabricante).

Filtro de ar com banho de óleo: limpar o pré-purificador (tela e copo) e verificar o óleo da cuba. Se estiver acima do nível, o óleo deve ser descartado, limpando-se a cuba com diesel. Reabastecer com óleo SAE 30 novo (evitar o uso de óleo queimado), não ultrapassando a marca de nível. Verificar periodicamente os elementos filtrantes internos, que podem ser lavados com diesel. A secagem deve ser realizada com ar comprimido.

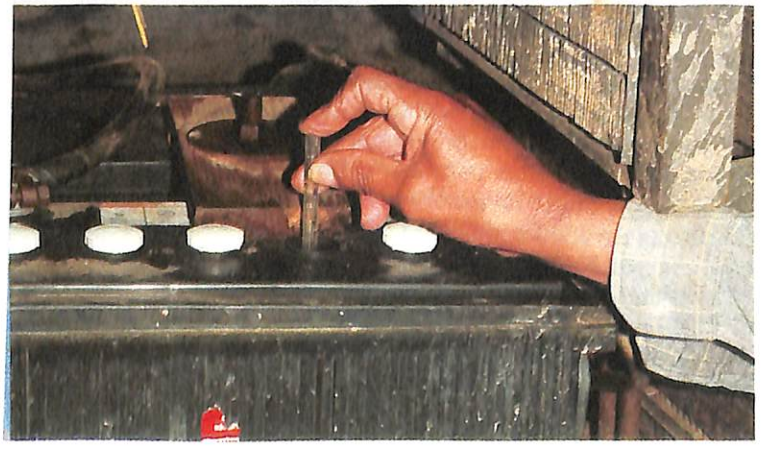
Filtro de ar seco: o indicador de restrição deve ser verificado diariamente, assim como é necessário limpar o pré-purificador e acionar manualmente a válvula de descarga de pó. Quando houver restrição, proceder a limpeza do sistema. Para tanto, o corpo principal deve ser desmontado, retirando-se os elementos primário e secundário. Após a limpeza do corpo principal com um pano úmido, recolocar o elemento secundário (trocar a cada 1.000 horas).



1 - Pinos dos rolamentos dos cubos dianteiros (1 de cada lado)
2 - Pinos dos braços do eixo dianteiro (1 de cada lado)
3 - Pino da articulação da barra do eixo dianteiro
4 - Pino do braço da direção
5 - Pinos da articulação do cilindro da direção hidrostática
6 - Pino do suporte do tensor
7 - Pino do rolamento desligador da embreagem
8 - Pino do pedal da embreagem
9 - Pino da articulação da haste do pedal da embreagem
10 - Pino dos pedais do freio
11 - Pinos dos rolamentos dos cubos traseiros (1 de cada lado)
12 - Pinos das porcas laterais (1 de cada lado)
13 - Pino do braço superior (3º ponto)

No caso do elemento primário, instalar um filtro limpo ou, ainda, limpar aquele que está sendo utilizado. A limpeza do elemento filtrante primário é um trabalho delicado, que deve ser realizado por pessoas capacitadas. Procure não bater o filtro para tirar o pó. Na limpeza com ar comprimido, utilizar compressores com filtro de ar e purgadores, eliminando-se o lubrificador de linha do compressor (caso exista), para não impregnar o filtro com óleo. Os jatos de ar (no máximo 80 lb/pol2) devem ser dirigidos no sentido contrário do fluxo normal de ar no filtro (geralmente, a limpeza é realizada de dentro para fora), acompanhando as dobras do papel, uma a uma. Após a limpeza, verificar se não houve ruptura do papel. Uma maneira fácil de identificar rupturas no filtro é a colocação de uma lâmpada acesa em seu interior. Assim, caso haja qualquer ruptura, a luz se tornará visível na face externa do filtro, indicando o problema. Cada elemento primário deve ser limpo no máximo seis vezes. Para facilitar este controle, a cada limpeza realizada recomenda-se fazer uma marca com caneta ou tinta no batente de borracha do filtro.

Para casos de contaminação com fuligem de escape ou óleo, o filtro pode ser lavado com água e sabão. Para tanto, manter água aquecida entre 40 e 50°C em um recipiente, adicionando detergente neutro não-espumante (do tipo para máquinas de lavar roupas). Emergir o elemento com a parte mais suja voltada para o fundo, por duas horas. Não movimentar o filtro neste período. Retirar o elemento com cuidado e enxaguar com água fria limpa, deixando secar ao ar naturalmente ou através de aquecimento a no máximo 80oC. Depois da lavagem, deve-se verificar possíveis rupturas, utilizando-se o método da lâmpada. Após montar o elemento recuperado, fazer funcionar o mo-



Verificando o nível de solução da bateria

tor por alguns minutos. Se o indicador acusar restrição, descartar o elemento.

Tanque de combustível: quando houver tela de entrada e/ou de saída, limpá-la periodicamente.

Copo sedimentador: deve ser verificado e drenado periodicamente, levando-se em conta as condições climáticas e de armazenamento do combustível. Desmontagem e limpeza devem ser realizadas em intervalos maiores (a cada 500 horas, por exemplo).

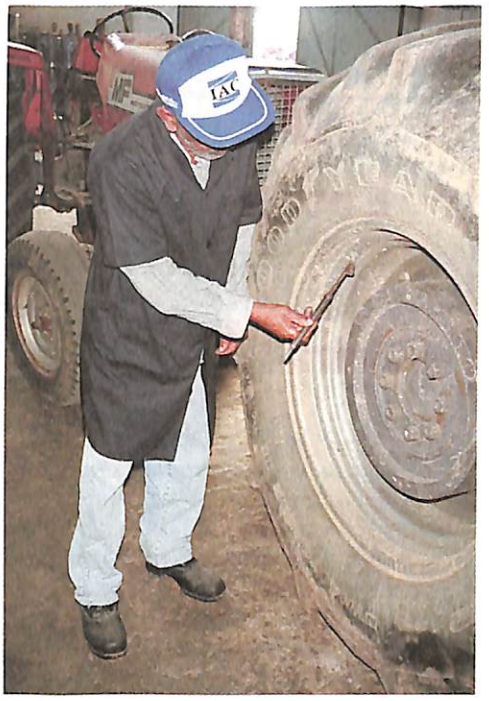
Bomba alimentadora: quando houver tela filtrante, limpar a cada 500 horas de trabalho.

Filtros de combustível: no caso de haver dois elementos, alguns fabricantes recomendam a troca dos dois ao mesmo tempo, enquanto outros indicam a troca de um secundário para cada dois primários trocados.

Bomba injetora: praticamente dispensa manutenção. Alguns modelos antigos podem ter reservatório de óleo lubrificante na bomba injetora. Neste caso, verificar o nível e trocar o óleo periodicamente.

Bicos injetores: devem ser limpos e ajustados periodicamente, de acordo com o tipo e fabricante do motor.

Tubulações em geral: verificar periodicamente o estado de conservação, com atenção especial para possíveis vazamentos.



Verificando a pressão dos pneus

Correia do ventilador: a tensão da correia deve ser verificada periodicamente, mantendo-se uma folga que deve ser aproximadamente igual a espessura da correia. Substituir sempre que aparecerem rachaduras, cortes etc. Verificar as pás da hélice, as quais não devem estar tortas nem trincadas.

Regulagem da folga das válvulas do motor: o período varia com o fabricante do motor, e deve ser realizada por mecânico especializado.

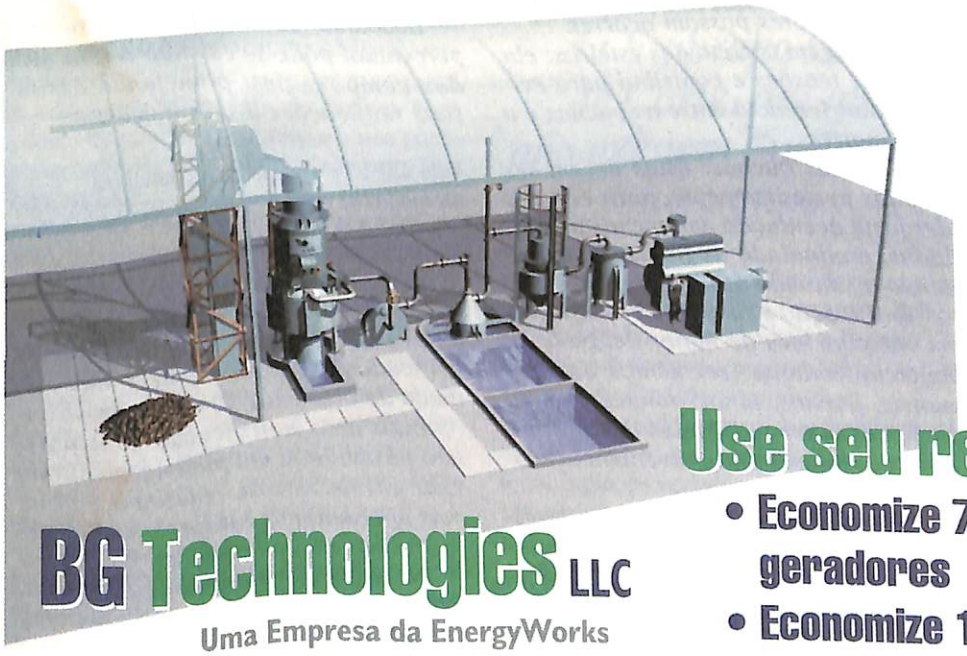
Sistema elétrico: verificar o nível da solução da bateria semanalmente, completando sempre com água destilada. Verificar periodicamente a densidade do eletrólito. Contatos, escovas e rolamentos do alternador e do motor de partida devem ser revisados anualmente.

Pedais: a folga dos pedais do freio e da embreagem deve ser regulada periodicamente.

Pressão dos pneus: a pressão dos pneus deve ser verificada semanalmente, sendo que a recomendada varia de acordo com o tipo de pneu, de operação e conforme o solo.

Sistema de direção e eixo dianteiro: a folga nas mangas dos eixos deve ser eliminada periodicamente, assim como devem ser verificados os terminais de direção e as guarnições de borracha.

Reduza seus custos com Combustíveis



BG•Systems™

Use seu resíduo de biomassa

- Economize 70% de óleo Diesel em grupos geradores
- Economize 100% de combustível em fornalhas, secadores ou estufas

Os BG-Systems usam resíduos de madeira, cascas de arroz ou outros resíduos agrícolas

BG Technologies LLC

Uma Empresa da EnergyWorks

Alameda Santos, 745, cj. 31

01419-001, São Paulo, SP

tel: (011) 253-6090

fax: (011) 287-1627

Entre em contato conosco, sem compromisso, para uma avaliação de sua aplicação

Preço baixo & produtividade

SEMENTES FORRAGEIRAS DE VERÃO CRA:

- Brachiarias: Brizantha, Decumbens, Humidícola e Libertá.
- Capins: Mombaça, Sudão e Tanzania.
- Milheto Comum e CRA2000
- Sorgo Forrageiro BR501

E mais, Alfafa Crioula, Pensacola, Setária Kazungula, Teosinto, Feijão Miúdo, Lab-lab e Mucuna Preta. Toda a linha de Sementes Fiscalizadas com os melhores preços.

Consulte a CRA:

fone/fax: (051) 481 3377

cra®

semente é o nosso chão

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS
Est. da Arrozeira, 90 - CEP: 92990-000 Eldorado do Sul - RS.
E-mail: sementescra@sementescra.com.br
www.sementescra.com.br

PARA ANUNCIAR AQUI

DISQUE

SÃO PAULO
Fone: (011) 220 0488
Fax: (011) 220 0686
RIO GRANDE DO SUL
Fone/Fax: (051) 233 1822
RIO DE JANEIRO
Fone/Fax: (021) 552 0732
PARANÁ
Fone/Fax: (041) 262 7446

E os tratores de esteira?

A manutenção periódica dos tratores de esteiras segue grande parte das recomendações para os tratores de rodas, sendo que as maiores diferenças referem-se ao material rodante (esteiras). Enquanto nos de pneus a manutenção dos rodados restringe-se à limpeza e lubrificação de rolamentos dos cubos de rodas, verificação periódica da pressão de inflação e reparos dos pneus em caso de furos, o material rodante dos tratores de esteiras requer uma série de cuidados especiais. Dentre estes, destacam-se:

Limpeza e inspeção: a lama e o entulho devem ser removidos periodicamente, a fim de garantir o correto funcionamento da esteira. Deve-se verificar, também, a ocorrência de pontos de ferrugem, desgastes anormais, desalinhamentos e outros possíveis problemas, de maneira que os ajustes e reparos sejam realizados antes que avarias maiores possam ocorrer.

Ajustagem correta das esteiras: ela reduz as tensões e contribui para evitar a interferência entre as buchas e a roda motriz.

Giro das buchas: estas devem ser giradas periodicamente, para evitar o desgaste acentuado em apenas um dos lados, diminuindo as folgas e aumentando a sua vida útil.

Retificação e substituição de peças: os componentes de maior desgaste do material rodante (segmentos da roda motriz, buchas, pinos, roletes e sapatas) podem ser retificados ou substituídos, dependendo da conveniência econômica de cada caso.

***Controlando o desgaste das esteiras** — Vários são os fatores que colaboram para o maior ou menor desgaste das esteiras, destacando-se os cuidados na manutenção e ajustagem do material rodante, velocidade de deslocamento, forma de acoplamento das máquinas e implementos, tipo de operação e tipo de solo. O monitoramento do desgaste do material rodante é realizado através da medição periódica do desgaste dos diversos componentes (dentes da roda motriz, roletes, pinos buchas e sapatas). As fábricas fornecem o desgaste limite para estas peças. Comparando-se os dados do fabricante e as medidas obtidas no trator, pode-se calcular o desgaste percentual $D_{(\%)}$:*

onde:

$$D_{(\%)} = \frac{D_{obs\,(mm)}}{D_{max\,(mm)}} \times 100$$

$D_{(\%)}$ = desgaste percentual
D_{obs} = diferença entre a medida standard (peça nova) e a dimensão observada no trator.
D_{max} = diferença máxima permitida pelo fabricante

Baseando-se no valor do desgaste percentual pode-se calcular a vida útil dos componentes, planejando assim suas retificações e substituições:

$$\text{Vida útil estimada (h)} = \frac{\text{tempo de uso atual (h)}}{D_{(\%)}} \times 100$$

O desgaste interno entre o pino e a bucha foi virtualmente eliminado com a introdução das esteiras vedadas e lubrificadas, as quais mantêm uma camada de óleo entre as peças, proporcionando uma lubrificação constante. Isto possibilitou um prolongamento da vida útil da esteira, reduzindo problemas operacionais e dispensando diversas etapas da manutenção.

No caso das esteiras de borracha, deve-se ter um cuidado especial com a entrada de pedras, tocos e outros materiais na parte interna da esteira, que pode danificar ou mesmo romper o material rodante e o amortecedor pneumático.

Fotos: A Granja

Fatos & boatos do pastejo rotativo

Jairo Mendes Vieira, da Embrapa Gado de Corte, diz que não existem "milagres" no campo

Pressões de diversas naturezas, principalmente política e ecológica, têm despertado proprietários de terras para a necessidade de aumentar o nível de adoção de tecnologia no campo, com vistas a enquadrar a propriedade nos parâmetros oficiais de produtividade para fins de taxação.

Especificamente na área de pecuária de corte, atividade tradicionalmente de baixa produtividade, essa pressão se faz sentir de forma particularmente marcante, em conseqüência da gradual e histórica degradação dos solos e dos recursos pastoris decorrente de sistemas inadequados de exploração. Além disso, as propriedades pecuárias são geralmente mais extensas e, por isso, visadas nos programas de desapropriação para fins de reforma agrária.

É grande o número de pecuaristas que procuram a Embrapa Gado de Corte em busca de informações sobre cruzamentos industriais, controle sanitário, adubação e correção de solos, pastagens consorciadas, confinamento, suplementação a pasto, mineralização, desmama, castração, espécies forrageiras, formação de pastos, métodos de pastejo e muitos outros. Isto pode ser tomado como um indício de que a terra deixou de ser uma mera forma de aplicação financeira para assumir a função que legalmente sempre teve, qual seja, de bem social com finalidade produtiva.

Influenciados por relatos freqüentes de representantes de entidades que vendem tecnologia, às vezes em termos e tons apaixonados e entusiásticos, não são poucos os que têm se interessado em utilizar pastagens com gado de corte pelo método rotacionado, caracterizado pela subdivisão da área total em áreas menores e que são usadas pelos animais em seqüência, com períodos de uso e de descanso mais ou menos rígidos e definidos. Apregoa-se que pastagens usadas por este método são mais produtivas, suportando lotações animais elevadas; que são de melhor qualidade, proporcionando ganhos por cabeça superiores aos obtidos em pastejo contínuo; que aumentam de produtividade com o passar do tempo; que a distribuição de dejetos é uniforme; que, se for *degradada*, ela se recuperará mesmo sem uso de fertilizantes; que seus resultados são de baixo custo e altamente econômicos; que elas não se degradarão jamais, pois o método respeita a fisiologia da planta; enfim, tudo, ou quase tudo, que os pecuaristas hoje em dia, em geral descapitalizados, gostam de ouvir. Alta rentabilidade com pouco ou, de preferência, nenhum investimento.

Estes "milagres" merecem algumas ponderações: o fato de o sistema ser denominado "Rotacional Racional" deixa a impressão de que outros em uso são irracionais. E isso não é verdade. O excesso de lotação é um erro constante no uso das pastagens, geralmente usadas em sistema de pastejo contínuo, e isso é uma das fortes razões para a sua rápida e acentuada degradação. Entretanto, rigoroso controle do número de animais por área é recomendação indispensável para qualquer sistema de pastejo.

O método mais simples é o contínuo — Em pastagens tropicais, a produtividade animal sob pastejo contínuo pode ser tão boa quanto em pastejos rotacionados, e, em alguns casos, até melhor. Este é um fato constatado por produtores e pesquisadores australianos, por exemplo.

Uma vez estabelecida a lotação animal mais adequada para uma dada espécie forrageira num dado local, o pastejo contínuo é um método mais simples e bem definido. Já no rotacional, pode existir variações em função do número de subdivisões, períodos de pastejo e de descanso.

Na impossibilidade de se testar todas as modalidades possíveis (leia-se: diferentes combinações entre tamanho de piquete x período de descanso x período de pastejo), a escolha daquela a ser usada é sempre subjetiva, ficando sempre a dúvida da existência ou não de interação do método x modalidade de pastejo. Em outras palavras, não se sabe se os resultados seriam os mesmos em outra modalidade rotacional em que os períodos de utilização e/ou de descanso fossem diferentes.

Estudos feitos por pesquisadores da Embrapa Gado de Leite resultaram de que não houve diferença na produção de leite quando o tempo de utilização foi de um, três ou cinco dias em capim-elefante. Entretanto, outras forrageiras e outras variáveis devem ser pesquisadas.

Espécie forrageira é fator de alta significância quando se trata de comparar métodos de pastejo rotacional e contínuo. Isto quer dizer que algumas espécies mostram-se melhor adaptadas a um determinado sistema de pastejo do que outras.

A alfafa é forrageira que não tolera pastejos contínuos. Já a leucena é mais produtiva em rotação com duas subdivisões do que em pastejo contínuo, em uma única área de pastejo. O capim-elefante tem sido usado em pastejos com gado leiteiro de média produção, e postula-se que para esta forrageira o método de pastejo deve ser rotacionado, a despeito da falta de dados comparativos com o método contínuo. Na Embrapa Gado de Corte, tem-se observado que os capins tobiatã e mombaça, em pastejos contínuos, são consumidos de forma desuniforme, pois em um mesmo piquete observa-se áreas quase não-pastadas e outras superutilizadas. Acredita-se, por isso, que estes capins e outros com estas características seriam melhor utilizados pelos animais por alguma modalidade de pastejo rotacional. Este aspecto está sendo estudado na Embrapa Gado de Corte com capim-mombaça, mas outras forrageiras comuns, como braquiária-decumbens, marandu e tanzânia, são de utilização bastante uniforme em pastejo contínuo e, por isso, é duvidoso que não haja alguma vantagem em utilizá-las em rotação.

O problema do custo elevado

Uma das grandes objeções ao método rotacional sempre foi o elevado custo, advindo da necessidade de construção de grandes extensões de cercas e instalações de aguadas. O primeiro problema parece ter sido resolvido com o advento das cercas elétricas, hoje em disponibilidade no País com grande número de marcas e modelos. Porém, o de aguadas, ainda é um fator de preocupação, pois o sistema de instalação de uma única fonte de água num corredor comum a todos os piquetes do sistema acarreta acúmulo de fezes nestes corredores e parece só funcionar para pequenos módulos. Aliás, tamanho máximo do módulo do pastejo rotacional é outra pergunta ainda à espera de resposta.

A maioria dos sistemas atualmente em uso é de pequenos módulos de observação ou experimentais, envolvendo pequenas áreas e pequeno número de animais. O aumento destes parâmetros ao nível prático real, de fazendas, pode trazer à tona novas indagações sobre tamanho e número de aguadas e saleiros, superpisoteio de corredores etc.

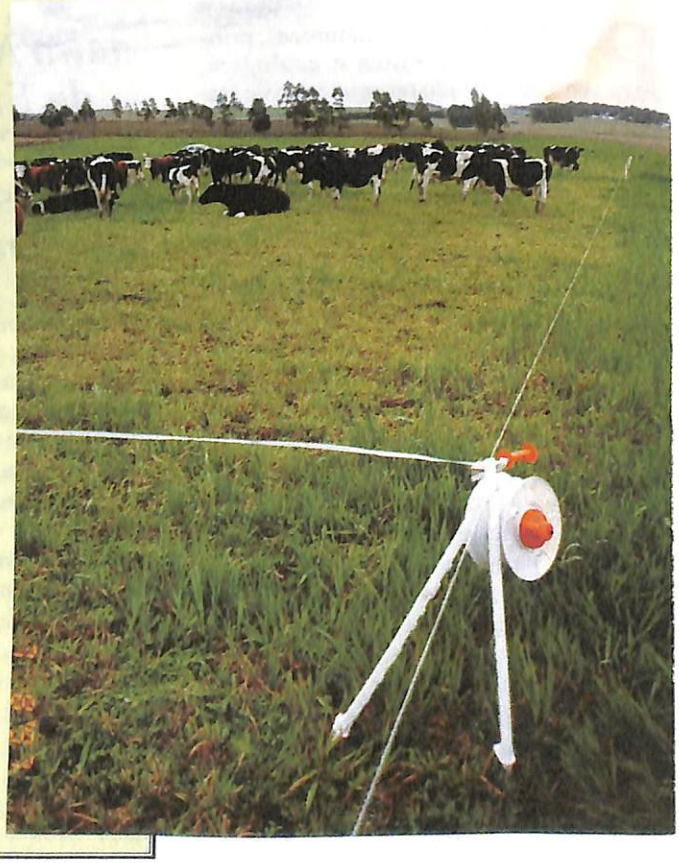
Hoje, está bastante arraigada a crença de que, apenas fazendo-se pastejo rotacional, é possível se recuperar pastagem degradadam. Este é um problema atual, da maior importância, e sabe-se que é causada pela ação simultânea de diversos fatores, dentre eles o superpastejo, em função do excesso de animais mantidos sem nenhum controle nas pastagens.

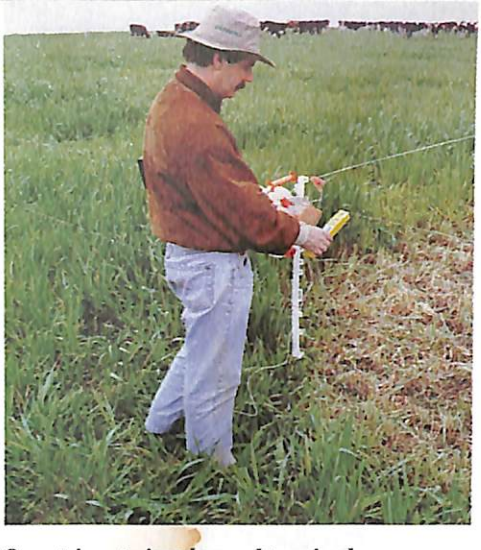
Ao se fazer a subdivisão de uma área degradada para adoção de alguma modalidade de pastejo rotacional, evidentemente preocupa-se em adequar a lotação animal à produção do pasto, eliminando-se um dos fatores da degradação. A vegetação da área deverá melhorar. Porém, isso só ocorrerá até o ponto em que a fertilidade do solo o permitir, independentemente do método de pastejo. E, em geral, ela não permite muito, pois em solos degradados as deficiências minerais são severas.

A recuperação de pastagens se faz através da correção destas deficiências. Boa utilização é apenas um meio de garantir a continuidade do processo, e isso pode ser conseguido tanto por pastejo rotacional quanto por contínuo.

Em ambos, lotação animal compatível com a capacidade produtiva do pasto é um fator-chave, e entende-se que, pelo método rotacional, é mais fácil de se fazer os ajustes necessários dado o maior volume de atenção e gerenciamento geralmente dispendido.

O tema, manejo rotacional de pastagens, é polêmico em função da indefinição gerada pelo grande número de modalidades possíveis pela combinação das diversas variáveis que o compõe. A generalizada tendência para se considerar pastejo rotacional melhor do que contínuo deve ser recebida com cautela. Segundo informações disponíveis, pouco numerosas e incompletas, é aceitável que isso pode ser verdadeiro para determinadas forrageiras, situações ou modalidades de pastejo rotacional. Porém, o pastejo contínuo, desde que bem-administrado, proporciona resultados de desempenho animal idêntico, e freqüentemente a custos de implantação e administração mais baixos.





O pastejo rotacionado, em determinadas situações, é a melhor opção do pecuarista

São escassos os trabalhos que se dedicaram a comparar métodos de pastejo e pastagens tropicais e, mesmo assim, os poucos resultados raramente se referem a períodos superiores a três anos. Assim sendo, há mais dúvidas do que certezas no que diz respeito aos efeitos de longo prazo dos sistemas de pastejo, em especial do rotacionado.

Em pastagens temperadas de diversas espécies, o acréscimo de 8% na produção de carne proporcionado pelo método rotacional quando comparado com o contínuo, registrado por pesquisadores neozelandeses, foi atribuído a uma maior quantidade de forragem conservada no período de maior produção e transferida para o período de escassez, no método rotacional. Também em revisão feita por pesquisadores alemães, ingleses e belgas dos trabalhos europeus nesta linha, foi anotada produção de carne 6% superior no sistema rotacional e apenas 1,5% para produção de leite, sendo a composição química da forragem consumida pelos animais semelhante nos dois sistemas.

Há forrageiras tropicais que, em função de suas características agronômicas e fisiológicas, se comportam melhor sob pastejo rotacional, já que proporcionam melhor aproveitamento pelos animais, evitando o pastejo em mosaico ou em reboleiras. Por outro lado, pastagens de gramíneas consorciadas com leguminosas, dadas as diferenças fisiológicas entre estes componentes, em princípio, não se adequam ao uso de rotacionais intensivos como os prescritos por André Voisin. Sistemas menos intensivos deveriam ser estudados para este caso.

Considerando debate feito por pesquisadores australianos sobre forrageiras tropicais, temos as seguintes conclusões:

* **QUALQUER** forrageira que mostra bom desempenho em pastejo contínuo apresentará também bom desempenho em pastejo rotacional. Entretanto, o contrário não é necessariamente verdadeiro, pois há forrageiras que devem ser utilizadas em rotação.

* **NÃO HÁ** evidências de superioridade de um método sobre o outro, salvo nos casos citados e, portanto, deve-se dar preferência ao método contínuo com carga fixa, por ser mais simples e menos custoso.

ANUNCIE SEU PRODUTO/SERVIÇO
NO MAIOR MERCADO CONSUMIDOR DO RIO GRANDE DO SUL
E NA EMISSORA MAIS OUVIDA PELAS PESSOAS
QUE DECIDEM E TÊM PODER AQUISITIVO.

A Região Metropolitana de Porto Alegre abriga a maior massa consumidora de nosso estado e concentra quase 100% das decisões político-econômicas do Rio Grande do Sul.
Seu potencial de consumo supera 60% do PIB.

A RÁDIO LIBERDADE FM lidera a audiência do público adulto (idade superior a 25 anos) classes A/B e A/B/C há muitos anos, em toda esta imensa massa consumidora.
GENTE QUE DECIDE E TEM PODER AQUISITIVO.

Que outros argumentos você precisa para anunciar na emissora das pessoas que decidem e têm poder aquisitivo... na região mais rica do Rio Grande do Sul.

RÁDIO LIBERDADE FM - 50kw - cobertura: 200 municípios

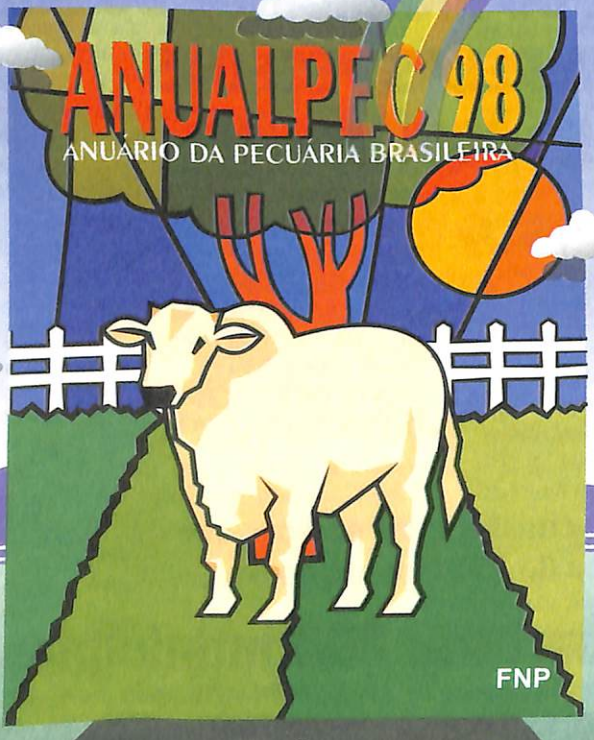
Av. Protásio Alves, 2959/306 - bairro Petrópolis - Porto Alegre - RS - Fone/fax: (051) 334-4778 - 338-4665
A PARTIR DE JULHO/98 NO SATÉLITE CONSAT (TECSAT) PARA TODO O BRASIL

Informações Profissionais para Produtores Profissionais

O mais completo conjunto de informações sobre a pecuária e a agricultura brasileiras.

ANUALPEC
ANUÁRIO DA PECUÁRIA BRASILEIRA

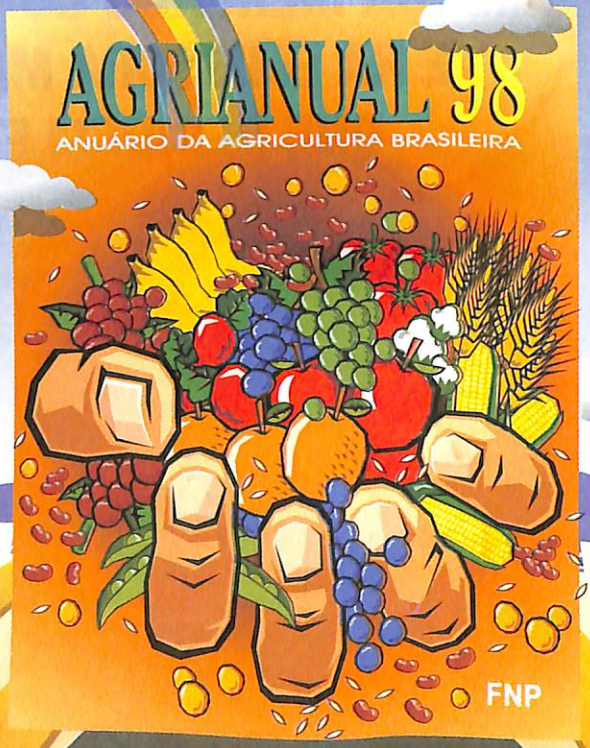
Análises completas sobre as perspectivas e as tendências técnicas dos setores de produção de bovinos de corte e leite, aves, suínos e peixes. Séries históricas de preços, custos de produção, mercado interno e externo. Indispensável na comercialização da produção e no planejamento de investimentos.



380 PÁGINAS

AGRIANUAL
ANUÁRIO DA AGRICULTURA BRASILEIRA

Tudo que você precisa para planejar e decidir sobre as 60 principais culturas agrícolas brasileiras. Informações como custos de produção, preços históricos por cultura (nacionais e internacionais), estatísticas de produção, análise dos riscos e perspectivas para os próximos anos, consumo e comércio exterior. Séries de preços de terras e mão de obra.



490 PÁGINAS

FNP® Consultoria & Comércio

Boas informações produzem bons negócios

Rua Dr. Eduardo de Souza Aranha, 153 - 2º andar - Itaim - São Paulo - SP - CEP 04543-904
FONE: (011) 828.1414 - FAX: (011) 828.1411 - E-mail: fnp@fnp.com.br

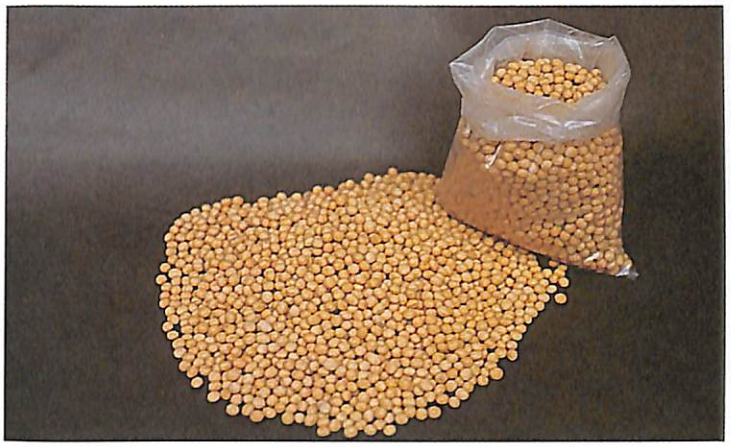
Evite o descarte desnecessário

Josiane Shulz

O Brasil pode descartar, neste ano, um volume significativo de sementes de soja de boa qualidade. O alerta vem da Embrapa Soja, Londrina/PR, uma das 39 unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Segundo os pesquisadores José de Barros França Neto, especialista em sementes, e Ademir Assis Henning, fitopatologista, o problema está na metodologia inadequada para avaliação da qualidade das sementes. O teste normalmente utilizado pelos laboratórios é o padrão de germinação. As sementes são envolvidas em papel úmido e levadas a uma estufa, com temperatura de 25°C. Para ser aprovado, o lote de sementes tem que apresentar pelo menos 80% de germinação.

As chuvas, que ocorreram na fase final de maturação e durante a colheita de soja, na última safra, propiciaram uma maior incidência dos fungos *Phomopsis sp.* e *Fusarium sp.*. Esses dois fungos, conforme Henning, instalam-se no tegumento (casca) da semente. "As condições de temperatura e umidade do teste padrão são ideais para o desenvolvimento destes fungos, que acabam atingindo as partes vitais da semente", diz Henning. Ou seja, o resultado é um número elevado de sementes mortas e de plântulas infectadas. Com o baixo índice de germinação apontado pelo teste, o lote é descartado.

"E é justamente aí que está a falha. O *Phomopsis* e o *Fusarium* inviabilizam o teste de germinação da maneira como está sendo utilizado. Levadas a campo, essas sementes, que seriam descartadas, podem germinar normalmente", explica França Neto. Este problema acaba causando prejuízos aos produtores, que perdem cerca de 50% do valor da produção, uma vez que as sementes acabam vendidas como grãos. Além disso, diminui a oferta de sementes no mercado. Considerando as condições climáticas da safra 97/98, o volume de descarte de sementes de boa qualidade pode ser ainda maior. "Como choveu em todos os estados na época de colheita, o índice de infecção por *Fusarium* e *Phomopsis*, com certeza, será maior e boas sementes podem ser jogadas fora", alerta Henning.



A Granja

Para evitar o desperdício, os pesquisadores lembram que é necessária a utilização do Diagnóstico Completo da Qualidade da Semente de Soja (DIACOM), tecnologia desenvolvida pela Embrapa Soja há 18 anos. O DIACOM consiste na utilização conjunta dos testes de tetrazólio, patologia de sementes, emergência em areia e de germinação. "É um verdadeiro raio X das sementes", diz França Neto. A tecnologia fornece dados importantes, como o real potencial de germinação e índice de vigor, além de identificar as principais causas de baixa qualidade.

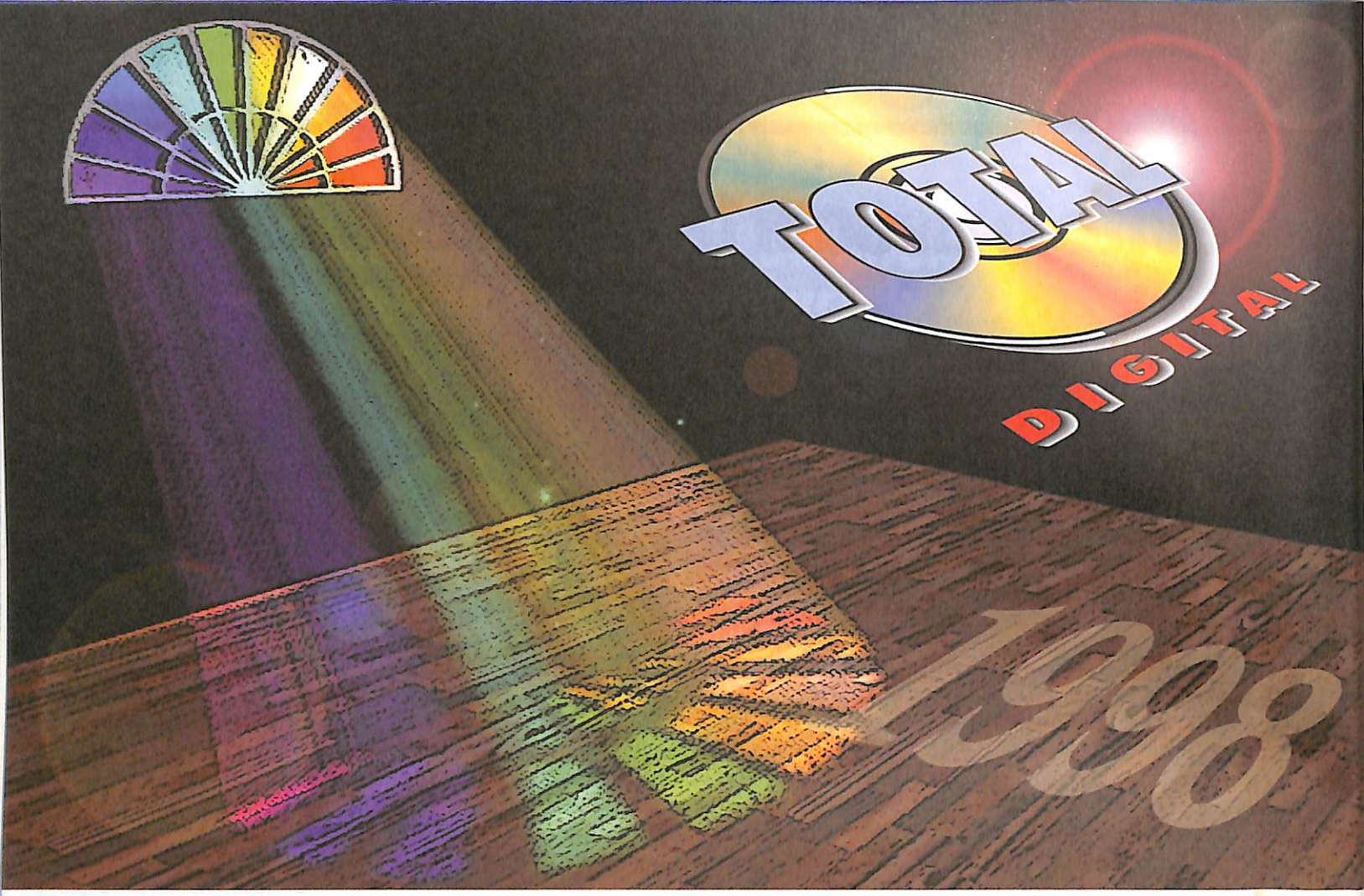
Experiências realizadas pelos pesquisadores mostraram que sementes com altos índices de infecção por *Phomopsis* e *Fusarium* apresentaram, no teste padrão, índice de germinação de 60%, enquanto o DIACOM apontou 90%. Além disso, segundo Henning, a armazenagem diminui o índice de infecção, que pode chegar a zero. "Portanto, a utilização do DIACOM nas avaliações das sementes, principalmente neste ano, que foi chuvoso, é fundamental para evitar prejuízos", afirmam os pesquisadores. Eles lembram que todos os laboratórios brasileiros estão aptos a utilizar a metodologia. "A Embrapa Soja já realizou diversos treinamentos, que atendeu praticamente a todos os laboratórios de sementes do País".

Folicur®

É eficiente, preventivo, curativo, sistêmico e muito econômico

ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.
Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo
Venda sob receituário agronômico
ANDEF

Bayer
Proteção das Plantas



TOTAL DIGITAL

- FOTOLITOS
- IMAGEM DIGITAL
- BANNER

Tudo isso com a maior qualidade e rapidez do mercado.

TOTAL DIGITAL

PORTO ALEGRE
Av. Plínio Brasil Milano, 1135
PABX: (051) 328.7999

NOVO HAMBURGO
Rua Pernambuco, 235
Fone.: (051) 594.2522

CAXIAS DO SUL
Rua Marquês do Herval, 323
Fone.: (054) 214.1926

E-MAIL
totaldigital@pro.via-rs.com.br
totaldigital@nutecnet.com.br

Plantio Direto NEWS

6º Encontro reúne 3.000 pessoas em Brasília

No período de 16 a 20 de junho último, na Fazenda Pedro Carmo, em Brasília/DF, ocorreu o 6º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha, organizado pela parceria da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha (FEBRAPDC) e Associação de Plantio Direto no Cerrado (APDC). O evento contou com cerca de 3.000 participantes — 37 empresas, 15 universidades, 25 Clubes Amigos da Terra. Os participantes foram divididos em dois grandes grupos, no sentido de viabilizar uma harmonia para atividades práticas nos campos de demonstração especialmente preparado para o evento e para as seções tecnológicas, minicursos e mesas-redondas, apresentados no Centro de Convenções de Brasília, um espaço cultural de 57 mil metros quadrados com diversos auditórios e salões. Sem dúvida, a organização operacional foi inovadora, deixando os participantes com várias opções para adequar o evento às suas necessidades. Este ano, foram anotados 106 palestrantes e debatedores, entre os quais cinco estrangeiros.

O tema central deste ano foi Qualidade Ambiental e Prosperidade na Agricultura. O objetivo, logicamente, é destacar a importância do PD para a sociedade, bem como na proteção ambiental e preservação da biodiversidade dos diversos ecossistemas brasileiros, levando a agropecuária nacional a um desenvolvimento sustentável.

Afonso Peche Filho, chefe do Centro de Mecanização e Automação Agrícola (CMA/IAC), de Jundiaí/SP, faz uma síntese geral do evento

Fotos: Moisés Storino

As atividades práticas foram realizadas no Campo de Demonstração, que constituiu-se em uma área sob pivô central, com 40 hectares, distribuídos em três seções, sendo: uma área para demonstração de insumos, sementes e culturas de coberturas do solo, em resteva de milho e de soja, com parcelas de no mínimo 2.000 metros quadrados; local para demonstrações dinâmicas de máquinas e implementos agrícolas em parcelas de 30 metros de largura por 100 metros de comprimento; e uma terceira área destinada a demonstrações diversas, como plantas para cobertura de solo, implementos à tração animal. Nas demonstrações práticas, os organizadores permitiram que os participantes dos diversos setores da produção agrícola tivessem oportunidade de constatar o grau de desenvolvimento tecnológico disponível para a implementação dos sistema de PD. Os pequenos produtores, usuários de máquinas manuais e de baixa fonte de potência, puderam constatar diversos modelos de semeadoras à tração animal, bem como modelo de pulverizador. Além disso, os pequenos agricultores ainda tiveram à sua disposição informações práticas sobre máquinas motomecanizadas adequadas a tratores de pequena potência, como é o caso de semeadoras de três linhas com engate no sistema hidráulico de três pontos.

As demonstrações práticas com equipamentos motomecanizados de grande porte e dotados de alta tecnologia tam-

futura

O Pirelli para tratores e colheitadeiras foi feito para aproveitar o máximo de sua potência. O desenho da banda de rodagem deste pneu garante maior capacidade de tração e autolimpeza, com o mínimo de compactação do solo. Resultado: maior produtividade e total eficiência para suas máquinas. TM 95. Em matéria de pneus, nunca se viu uma safra como esta na agricultura.

PIRELLI

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

Um dos "palcos" do Encontro: resteva de soja e milho

bém despertaram grande interesse. Onze empresas de mecanização levaram os seus produtos para a dinâmica no campo, propiciando um desfile de tratores, pulverizadores, semeadoras etc. Alguns detalhes, como cabeçalho de engate com diversas opções de regulagens de altura, um modelo de barra intermediária tipo tandem com marcadores de linhas hidráulicos, e ainda elementos rompedores de solo, foram atentamente observados e analisados pelos agricultores.

A estrutura organizacional da programação teve como base, durante o dia, eventos simultâneos abrangendo vários assuntos, que foram apresentados por especialistas de renome internacional, técnicos e agricultores com larga experiência em PD. Durante a noite, nos dias 17, 18 e 19 de junho, foram apresentados para todos os participantes os painéis temáticos. Na primeira apresentação (dia 17), o tema desenvolvido foi a "Dinâmica do Solo com Rotação de Culturas e Palhadas", onde três palestrantes abordaram o tema discutindo as experiências práticas da região de Cruz Alta/RS, Rondonópolis/MT e Campo Grande/MS. No dia 18, o assunto foi "O Controle Fitossanitário no Plantio Direto", sendo analisadas experiências de agricultores das regiões de Rondonópolis, Guaíra/SP e Cruz Alta. No dia 19, o tema do último painel noturno foi "Como melhorar semeadoras e técnicas de plantio", tendo como um dos painelistas o dr. C. John Baker, especialista em desenvolvimento de máquinas na Nova Zelândia. Sua apresentação, com o título "Novos conceitos em elementos sulcadores para semeadoras-adubadoras em plantio direto", teve grande repercussão devido às inovações apresentadas pelo especialista. Fabricantes e experts brasileiros puderam discutir com o pesquisador e analisar o modelo em escala reduzida (maquete) mostrado para o público. Os conceitos emitidos pelo palestrante contribuíram para um avanço nos estudos de sulcagem e posicionamento de semente no solo, abrindo com esta abordagem novas expectativas de melhoria das semeadoras produzidas no Brasil.

Durante os dias 17 e 18, na parte da manhã, a programação do 6º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha contemplou os participantes com eventos denominados "Seções Tecnológicas", cujos temas apresentados foram os avanços mais significativos ligados à cultura e sistemas agrícolas. Nesses dois dias, seis assuntos foram abordados, a saber:

- **Soja na rotação de culturas** propiciou uma exposição dos últimos avanços desta oleaginosa em rotação, considerando as características de cada região, sendo contemplados aspectos como a disponibilidade de nutrientes, oferta de fósforo e potássio, problemas de enraizamento, potencial produtivo, efeitos alelopáticos de resíduos, melhoramento genético para resistência a doenças que causam podridão de raízes etc.
- **Plantio direto na integração lavoura-pecuária** apresentou o relato de experiências na tentativa de integrar a lavoura à pecuária para melhorar o rendimento da propriedade, buscando-se um maior potencial das pastagens; os relatos sobre o PD de soja sobre palhada de diferentes gramíneas foram destacados da mesma forma, bem como o trabalho de recuperação e renovação de pastagens com guandu.
- **Rotação de culturas e formação de palhada em áreas não-irrigadas** enfocou novas variedades de arroz de sequeiro, utilização de gramíneas como alternativas de safrinha, opções para formação de palhadas no cerrado e também rotação de culturas e formação de palhadas no sul do estado do Mato Grosso do Sul; esses temas propiciaram uma ampla discussão sobre as opções de rotação, considerando a produção de biomassa, reciclagem de nutrientes e as vantagens como a quebra dos ciclos de pragas e doenças.
- **Atividade biológica, matéria orgânica e perfil cultural** foram os temas enfocados em outra sessão cuja abordagem dos palestrantes buscou respostas para as importantes alterações ocorridas e diagnos-

Semeadoras-adubadoras: teste de eficiência

ticadas em solos cuja superfície se mostra inalterada sobre palhada permanente.

- **O arroz irrigado**, sob cultivo mínimo e PD em terras baixas, ou seja, várzeas, foi abordado por especialistas da Embrapa de Pelotas/RS e da Epagri, de Santa Catarina.
- **O sistema plantio direto em florestas** foi analisado por especialistas da Duratex S/A de Agudos/SP, da Companhia Suzano de Papel e Celulose, de São Paulo, e da Embrapa Florestas, de Colombo/PR.

Nos dias 19 e 20 de julho, outra bateria de sessões tecnológicas simultâneas foi apresentada, com os seguintes temas:

- **O milho** foi analisado em relação aos aspectos de manejo, rotação, adubação e genética no sistema de PD.
- **Algodão na rotação de culturas** foi tratado sob a ótica da problemática ligada a novos cultivares, destruição de restos culturais, controle de ervas daninhas e a formação de palhadas.
- **Agricultura de precisão para o plantio direto** teve como ponto alto as palestras dos doutores Terry Roberts — especialista trazido do Canadá, país onde há grande desenvolvimento na tecnologia de máquinas e do PD — e Luiz Antônio Balastreire da Esalq de Piracicaba/SP; eles abordaram o tema didaticamente, demonstrando o pioneirismo de seus trabalhos e o desenvolvimento científico dos projetos na universidade.

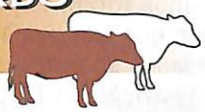
Ainda nestes dias foram apresentadas as sessões tecnológicas sobre Fertilidade do solo e Assistência técnica em plantio direto.

Cabeçalho de engate ao trator: regulando a altura

Simultaneamente a todos estes eventos, o 6° Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha contemplou os participantes com a apresentação de 40 trabalhos técnico-científicos elaborados por entidades científicas de todo o País. Os trabalhos foram expostos em forma de pôster, que ficaram à disposição dos interessados afixados em painéis no setor da Exposição de Trabalhos Técnicos.

Nos dias finais do evento, ocorreu também a Assembléia Geral Ordinária da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, onde foi eleito o novo presidente para o período de 98/2000, o paranaense Herbert Bartz, produtor rural pioneiro do PD no Brasil. Ainda nesta assembléia, ficou definido que o 7° Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha será realizado em Foz do Iguaçu/PR no ano 2000 e que Uberlândia/MG será a sede do encontro regional a ser realizado no ano de 1999. No final dos trabalhos, foi aprovada a "Carta de Brasília", documento simbólico que mostra a realidade e importância do PD para a agricultura brasileira, além de reivindicar para os praticantes incentivos na captação de recursos de custeio e investimento em novas tecnologias.

BOI GORDO



Exportações crescem mais de 20%

As exportações de carne bovina registraram um crescimento de 20,7% neste primeiro quadrimestre de 98 em relação ao mesmo período do ano passado. Foram 110,7 mil toneladas contra 91,7 mil toneladas em equivalente carcaça. As vendas de carne industrializada cresceram 9,7%, atingindo 78,3 mil toneladas, contra 71,4 mil em 1997. Na carne in natura, o crescimento é surpreendente e expressivo. Foram vendidas 32,4 mil toneladas no período contra 20,3 mil no ano passado, com elevação de 60%.

O resultado é reflexo do maior volume de compras da Europa neste ano, como reflexo da baixa disponibilidade de carne bovina para venda na Argentina. Ou seja, os compradores europeus estariam voltando-se para o produto brasileiro, devido à dificuldade de compra na Argentina.

E a perspectiva é que as exportações brasileiras aumentem no médio prazo, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os dois estados receberam no final de maio o certificado de áreas livres de febre aftosa. Com investimentos, já prometidos pelo Governo Federal, a tendência é de incremento das exportações de carne bovina. Mas é bom lembrar que o crescimento das exportações não vai ser automático. Alguns importantes países mantêm rigorosas barreiras sanitárias.

As importações de carne bovina registraram queda de 31,5% neste primeiro quadrimestre, em relação ao mesmo período de 97. Foram importadas 34,9 mil toneladas em equivalente carcaça, contra 50,9 mil toneladas em 97 em igual período. A maior queda foi registrada nas compras feitas na Argentina, ou seja, 3,2 mil toneladas, contra 12,2 mil toneladas em 97.

O fato comprova a redução da demanda brasileira, a fase cíclica difícil por que passa a Argentina e serve como fundamento para as exportações brasileiras para a Europa. Este é um ponto importante na avaliação do mercado brasileiro para este segundo semestre, ou seja, a Argentina possivelmente não terá os mesmos volumes de carne disponíveis nos anos anteriores para atender à demanda de entressafra no país.

Mercado aguarda a entressafra

O clima ainda foi um ponto favorável para o mercado pecuário em junho. As chuvas não foram excessivas, as pastagens resistiram e não houve a ocorrência de geadas ao ponto de forçar o pecuarista à venda imediata, tanto do boi quanto dos animais de reposição. Porém, pelo menos no segmento de reposição, notou-se uma clara melhoria do interesse de venda, principalmente de bezerros, facilitando um pouco os negócios no mercado neste final da safra 98.

Agora, o mercado aguarda o escoamento desta oferta de gado de final de safra e o início da entressafra. O mês de junho ainda apresentou uma certa oferta. Mas, ainda sob a dependência do clima o que poderá determinar uma certa pressão de venda no início de julho. A virada de mês de junho para julho foi aguardada como início da entressafra e possibilidades de novas altas.

O mercado interno de boi gordo ainda passa por um período de certa pressão de venda. Esta é uma condição natural de final de safra, até como conseqüência da retração das vendas ao longo de todo este primeiro semestre por parte do pecuarista. Porém, algumas características devem ser levadas em consideração neste momento. A primeira é que as pastagens estão ainda em condições aceitáveis na maioria dos estados produtores, após as chuvas registradas em maio.

Apenas o Mato Grosso mostra-se mais seco e com queda na qualidade das pastagens. Nos demais estados, a pressão é natural devido ao período do ano e à proximidade do inverno. A segunda, diz respeito à melhoria da oferta de gado de reposição, principalmente bezerros, onde a proximidade do inverno começou a forçar os criadores a venda.

Houve certa baixa de preços no bezerro no final do mês de maio, possibilitando a melhoria no nível de negócios e até uma maior oferta de boi gordo no mercado, tendo em vista que o pecuarista passou a vender o boi para aproveitar a disponibilidade maior de gado de reposição, o que não vinha ocorrendo até meados de maio.

A terceira característica é a questão demanda. A demanda de carnes é efetivamente baixa neste momento no País, refletindo uma situação clara de queda razoável da renda per capita e do nível de emprego. O mercado de carnes vem sentindo esta condição de queda da demanda desde 96.

Porém, acredita-se que atingimos o fundo do poço da demanda, onde estamos importando menos, temos uma oferta de carnes baixa internamente e estamos exportando mais. Em uma situação de demanda mais firme, certamente estaríamos presenciando números de exportação não tão expressivos e números de importação mais elevados, bem como uma situação de preços do boi até em patamares mais elevados.

BM&F - EXPECTATIVA DE PREÇOS - SAFRA 98
- BOI GORDO -

Período	Físico Preços 1997 US$/@	Boi Preços 1998 US$/à vista	Câmbio Proj. 1998	Boi R$ à vista	Boi R$ a prazo
Julho	24,99	23,15	1,1665	27,00	27,60
Agosto	24,60	23,90	1,1770	28,13	28,75
Setembro	24,17	24,43	1,1883	29,03	29,67
Outubro	25,21	25,02	1,1990	30,00	30,66
Novembro	24,94	24,50	1,2174	29,83	30,49
Dezembro	25,15	24,00	1,2322	29,57	30,23

Demanda aquecida pode comprometer abastecimento

A melhoria da demanda por carne bovina poderia trazer problemas de abastecimento ao mercado brasileiro. Por um lado, é muito difícil importar carne bovina hoje, tanto da Argentina como do Uruguai, seja pelos preços praticados nestes países, seja pela nossa correção cambial constante. Os preços teriam que subir muito no mercado interno para compensar tal importação. As exportações continuam em uma ótima fase de crescimento, o que mantém o mercado interno com oferta mais restrita. A oferta de boi para abate não deverá se regularizar para o segundo semestre mantendo a tendência de um volume de confinamento muito próximo ao ano passado. Qualquer surto de demanda no segundo semestre atuará de forma altista, devido à difícil condição de importação, ao confinamento estável e à necessidade de manter volumes disponíveis para atender os crescentes contratos de exportação.

Dentro desta avaliação, portanto, o contexto político, deste ano, passou a ser um fator que exige uma maior atenção do mercado de carnes. Soluções políticas visando a redução do nível de emprego, a melhoria da demanda e dos indicadores sócio-econômicos podem alterar muito o quadro de consumo de carnes de forma sazonal para o segundo semestre. Por outro lado, sem mudanças, teremos a continuidade do quadro lento da demanda, concentrada em determinados períodos do mês e uma entressafra onde talvez a pouca oferta disponível será suficiente para atender uma demanda sem fortes reações. Quando começará efetivamente a entressafra 98 e com que efeitos sobre os preços do boi? O primeiro ponto a ser considerado é justamente o da demanda. Fraca até o momento exerce a função de prolongar a pouca oferta disponível ao longo deste mês de junho. Em uma situação de demanda mais firme, talvez a entressafra fosse antecipada. O segundo ponto é o da oferta disponível. Maio foi um mês de venda, que acabou por trazer os preços ao baixo patamar do ano, ou seja, R$ 26,00 base São Paulo. Um bom volume de vendas foi realizado neste patamar de preços. Uma parcela final do gado de safra liquidada na virada de mês de maio para junho, principalmente com a retomada dos preços ao nível do mês de abril, ou seja, R$ 27,00 São Paulo.

Como a oferta de bezerros melhorou, o pecuarista com uma leve alta nos preços do boi está fazendo a sua reposição em uma situação um pouco melhor em relação a março/abril. Passado este período de vendas e com o esgotamento das ofertas de gado de safra, a tendência natural é o mercado acusar novas altas.

RENTABILIDADE DO COMPLEXO CARNE X MERCADO FINANCEIRO - 1997/98 - %

Período	CDB pré-fix. (30dd)	Poupança	Dólar com.	Dólar paral.	Ouro físico	Suíno	Boi gordo	Inflação*
1997								
Março	1,43	1,13	0,74	4,55	-2,49	12,37	3,24	0,21
Abril	1,31	1,12	0,42	-0,87	-2,63	3,67	1,47	0,57
Maio	1,31	1,14	0,74	-0,44	2,19	-10,46	-6,31	0,55
Ganho real Maio	0,76	0,59	0,19	-0,98	1,63	-10,95	-6,82	—
Acumulado Jan/Mai	7,20	5,94	3,10	1,34	-4,18	11,18	0,54	2,69
Ganho real Jan/Mai	4,39	3,16	0,39	-1,32	-6,69	8,27	-2,10	—
1998								
Março	1,90	1,40	0,62	-1,68	2,13	-2,07	1,32	-0,23
Abril	1,26	0,97	0,61	1,71	1,85	0,05	0,09	0,62
Maio	1,47	0,96	0,62	1,68	-2,63	-1,00	-2,09	0,52
Ganho real Maio	0,95	0,43	0,10	1,15	-3,13	-1,51	-2,60	—
Acumulado Jan/Mai	9,01	6,07	3,14	-0,41	4,58	-7,21	-3,62	0,99
Ganho real Jan/Mai	7,94	5,03	2,13	-1,39	3,55	-8,12	-4,57	—

*IPC-Fipe

IVERMAX CONTROLE ABSOLUTO DE PARASITAS INTERNOS E EXTERNOS

(IVERMECTINA 1%)

A DIFERENÇA ESTÁ NO CU$TO

LIGUE: (044) 225-1997 - (044) 266-1724

Fax: (044) 262-1935 e (044) 266-2151 - Maringá - Paraná

Visite nossa HomePage: www.dispec.com.br - e-mail: dispec@wnet.com.br

Preços baixaram em julho

O posicionamento de preços no mercado brasileiro de arroz em julho foi bem claro, e mostrou, novamente, um quadro que já estava presente em junho. O vencimento de parcelas do financiamento de custeio no banco em 15 de julho, prorrogadas ou não, e a redução do consumo de arroz determinaram um tom mais negativo das cotações no mercado.

Depois dos movimentos de alta nos preços ao produtor, constantes, que marcaram a comercialização nos primeiros meses do ano, e que resultou em elevação no custo do arroz nas prateleiras dos supermercados, o consumidor acabou sendo um dos principais motivos para a frenagem do mercado, com as compras sendo notoriamente reduzidas.

Com o consumo reduzido, os beneficiadores não conseguiram repassar os amplos estoques feitos em maio. E a isso, se aliou o fato de que os débitos de custeio começaram a vencer no banco, com os produtores precisando vender mais, e o mercado não tendo liquidez para absorver a oferta excedente aos preços que vinham sendo praticados.

Dentro deste quadro, os preços foram caindo durante todo o mês de junho. Mas julho parecia ser o período de maior acomodação, de estabilidade. Só que muitos arrozeiros prorrogaram débitos para 15 de julho, e a proximidade do vencimento deste compromisso trouxe de volta grandes volumes ofertados, com os beneficiadores ainda com bons estoques, o que fez com que os preços caíssem até além do esperado.

Chegou a se cogitar que o arroz casca, saca de 50kg, à vista no Rio Grande do Sul pudesse, depois de atingir máximas de mais de R$ 18,50 em maio, cair a R$ 17,00 de média. No entanto, as cotações baixaram mais do que isso. Reflexo de que não houve a reposição de estoques esperada, em um momento em que os produtores se obrigaram a vender.

Não pode-se dizer, entretanto, que haja uma tendência muito negativa daqui para frente. Nunca é demais lembrar que tivemos significativas quebras de safra em função do El Niño, com as chuvas excessivas no Rio Grande do Sul, e também com a seca no Nordeste, o que limita a oferta. Mas é o consumo que vai determinar uma maior estabilidade ao mercado neste mês de agosto. De forma geral, é importante destacar que os níveis de preços praticados continuam excelentes para a venda por parte do arrozeiro. Os patamares médios seguem muito superiores à média, o que garante uma boa comercialização. A expectativa é de que o mercado ganhe uma maior estabilidade nos próximos meses, com a tendência de um tom mais positivo em relação a preços a partir de novembro/dezembro.

- BRASIL -
OFERTA E DEMANDA
ANO COMERCIAL (em mil toneladas)

Discriminação	96/97	97/98*
Estoque inicial (1º/03)	1611,7	779,0
Produção	9634,7	8885,9
Importação	1250,0	2850,0
Suprimento	12496,4	12514,9
Consumo interno	11599,3	11819,2
Exportação	18,1	5,0
Estoque final (28/02)	779,0	690,7
Dias de consumo	25	22

*Obs.: *previsão / Fonte: Conab*

CIG projeta safra mundial em 98

A produção mundial de trigo deverá totalizar 598 milhões de toneladas em 1998/99. A projeção é do Conselho Internacional para Grãos (CIG), entidade sediada em Londres. O número mostra incremento em relação ao relatório de junho, quando o CIG estava estimando uma safra de 592 milhões de toneladas. A safra 97/98 está estimada em 609 milhões de toneladas.

O consumo mundial de trigo em 98/99 foi colocado no relatório de julho em 600 milhões de toneladas, contra 599 milhões de toneladas do boletim de junho e 588 milhões de toneladas da safra 97/98. Os estoques mundiais de trigo foram indicados em 129 milhões de toneladas. Em 97/98, os estoques foram apontados pelo CIG em 131 milhões de toneladas.

Segundo técnicos do CIG, os fatores relacionados ao câmbio deverão facilitar as exportações de grãos australianos para os países do leste e sudeste da Ásia. A avaliação dos técnicos indica que as compras asiáticas podem mudar de origem devido às fortes desvalorizações das moedas dos países em relação ao dólar norte-americano. Já o dólar australiano perdeu cerca de 30% do seu valor em relação à moeda dos Estados Unidos, barateando as exportações de grãos. A Austrália deverá exportar 500 mil toneladas a mais do que o normal na temporada.

Ainda segundo o CIG, o principal motivo para a queda mundial nas importações de trigo em 98 é o corte nas compras do produto por parte da Índia e no Paquistão, em função do aumento da produção daqueles países. O Conselho aponta no relatório de julho que a Índia deve importar um milhão de toneladas de trigo, contra 1,5 milhão de toneladas indicados em junho. Em 1997, o país importou 2,1 milhões de toneladas. As importações do Paquistão devem ficar bem abaixo dos 4,1 milhões de toneladas do ano passado, com a estimativa para 1998 de 2,5 milhões de toneladas.

Já no mercado interno de trigo, o mês de julho não apresentou qualquer alteração em suas características. Há bastante tempo o mercado permanece travado, praticamente parado, mantendo preços nominalmente inalterados. Negócios vêm ocorrendo apenas de forma esporádica.

Compradores e vendedores não mostram qualquer interesse no mercado interno há meses. Praticamente não houve disponibilidade de trigo no Brasil em julho, a oferta é escassa. Os compradores continuaram durante todo o mês passado, como de costume, se abastecendo do trigo argentino. A expectativa é de que o mercado brasileiro venha a apresentar maior movimentação a partir da colheita da safra paranaense, que deve começar de forma mais consistente em setembro.

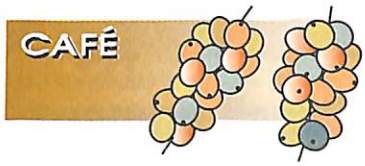
O plantio do trigo foi encerrado sem maiores problemas na metade deste mês de julho. O clima foi favorável para o avanço e conclusão dos trabalhos. A área plantada é menor do que a do ano passado. No entanto, não deve haver uma redução tão grande quanto à esperada. O motivo é a abertura do Proagro, seguro agrícola, para perdas com chuvas durante a colheita.

Mercado interno esteve lento

O mercado interno de algodão esteve lento durante o início de julho, devido não só à contínua entrada de lotes de algodão que haviam sido importados ainda no final do ano passado e início deste a preços competitivos, mas também pelo fato de que muitas indústrias ainda possuem estoques considerados elevados.
Com a queda na demanda, estes estoques estão sendo suficientes para manter as indústrias afastadas do mercado, provocando compras apenas a fim de manutenção dos estoques.

Tentando evitar que a distância entre as indústrias e os produtores faça com que os preços voltem a apresentar queda, uma vez que os produtores chegaram a oferecer sua safra a preços próximos a R$ 27,00, a arroba, e hoje já estão considerando a possibilidade de entregar a produção a R$ 25,50/26,00/a arroba, o governo voltou a realizar os leilões de PEP, depois de suspendê-los no início do mês.

De certa forma o volume negociado nos leilões ficou acima das expectativas do mercado, apesar de dentro da média do leilão, que esperava remates mais procurados, uma vez que as indústrias consideravam o prêmio baixo. Em relatório divulgado em julho, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) previu uma redução de 4,5% na produção de algodão norte-americano para a safra 98, em relação aos números de junho, devido aos problemas climáticos que afetaram o plantio e o desenvolvimento da safra em importantes estados produtores como o Texas e a Califórnia. Além disso, o relatório também elevou consideravelmente os estoques mundiais, prevendo uma redução no consumo mundial na fibra de algodão, em relação as estimativas de junho.



Vem aí a safra da década

Durante o final de junho e o início de julho, as atenções do mercado mundial de café voltaram-se para as importantes estimativas de safra brasileira 98/99. Em três dias, o mercado recebeu e teve que absorver as duas mais importantes estimativas: a oficial, divulgada pelo Ministério da Indústria e Comércio (MICT), e a do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). De certa forma, os números não surpreenderam o mercado.

A safra brasileira de café deverá totalizar 33,95 milhões de sacas em 98/99, segundo dados da segunda estimativa oficial. A pesquisa do MICT foi realizada entre os meses de abril e maio e registra um incremento de 8,93% sobre a primeira estimativa do governo, de 31,17 milhões de sacas. O coordenador do Departamento Nacional do Café (Denac), Roberto Abreu, credita a maior produção ao clima favorável e aos melhores tratos culturais. Segundos os técnicos do Denac, o fato da estimativa levar em conta a fase mais avançada dos cafezais, refletindo melhor a colheita.

Abreu destaca a melhoria nas produtividades, resultado de maior uso de adubos e capina pelos cafeicultores. O ingresso de novos pés de café também contribuiu para que o Brasil esboce colher a maior safra da década.

Mas o diretor do Denac, José Luiz Monteiro, faz questão de ressaltar que esta safra não tem nada de excepcional. "O que tivemos foram colheitas anteriores muito pequenas. A de 98/99 é perfeitamente administrável pelo governo", afirmou o diretor. Ele destacou que o governo quer reter entre quatro e cinco milhões de sacas, mas pode ser revista. Da linha de R$ 900 milhões do Funcafé, R$ 300 milhões serão para colheita e R$ 550 para pré-comercialização. Segundo o Denac, os estoques do governo são, no momento, de 10 milhões de sacas.

Já o USDA está trabalhando com uma safra brasileira de 35,8 milhões de sacas, a maior desde a década de 60. O que mais surpreendeu o mercado foi o número do USDA para a safra mundial, que deverá atingir recorde de 107 milhões de sacas.

A Associação Brasileira dos Exportadores de Café (Abecafé) prevê, em sua segunda estimativa da safra 98/99, que o Brasil vai produzir 35,2 milhões de sacas. Este número mantém-se inalterado em relação à primeira estimativa, divulgada em março. Segundo a Abecafé, se confirmada, esta será a maior safra desde 87/88. Os exportadores confirmam que os primeiros recebimentos da safra nova apontam um café de qualidade acima do normal e uma granulação média. Na avaliação da Abecafé, a boa safra é resultado dos efeitos positivos do fenômeno El Niño no Brasil, da recuperação na produção de cafezais prejudicados pelas geadas e secas de 94, do aumento no uso de tecnologia, do ciclo bianual favorável e da entrada de novas lavouras.

AGROSHOP
O catálogo de compras do homem do campo
Equipamentos para cerca elétrica, tatuadeiras, seringas, mochadores, livros, softwares rurais, vídeos e muito mais.
SOLICITE JÁ SEU AGROSHOP INTEIRAMENTE GRÁTIS
LIGUE 051 233 1822

Produtores do MS comemoram safrinha

Produtores e agrônomos do Mato Grosso do Sul estão festejando o que já consideram "a melhor safrinha de milho do estado". Com 335.650 hectares plantados, na avaliação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e da Empresa de Pesquisa à Assistência Técnica e Extensão Rural (IBGE/Empaer), o milho tinha produtividade esperada em 2.400kg/ha, mas deverá ficar bem acima disso, conforme apostam agrônomos de Dourados/MS, região que, sozinha, detém 221.600 hectares da área total.

"Nenhum dos clientes que eu atendo terá produtividade inferior a 4.000kg/ha", assegura o agrônomo Ângelo Ximenes, da Cooperplan Planejamento e Assessoria, sediada em Dourados. Pelas suas previsões, as lavouras da região têm potencial para até 3.600kg/ha de média, embora prefira ficar com 3.000kg/ha de expectativa de média estadual.

Esse volume, se confirmado, resultará numa produção superior a um milhão de toneladas para o milho safrinha do Mato Grosso do Sul, o que coloca o estado na posição de segundo produtor nacional, tomando inclusive o lugar de São Paulo, que deve colher 892.200 toneladas nas previsões do IBGE. A primeira posição é do Paraná, com 755 mil hectares semeados e produção esperada de 1,8 milhão de toneladas.

Embora conservadora em suas estimativas — mantém previsão de produtividade em 2.400kg/ha — a Empaer mantém expectativa de um ano excepcional para o milho safrinha. "Informações que chegam do interior, apontam para 2.800kg/ha de média estadual e é bem provável que esse desempenho se confirme, pois as condições climáticas estão excelentes", comenta o coordenador da área na Empaer, Ismael Medeiros. Ele observa que o desempenho chega a ser surpreendente, pois há oito anos não existia milho safrinha na região. "O estado começou plantando sete mil hectares em 1990 e oito anos depois está com quase 400 mil hectares", diz Medeiros. Depois de Dourados, a região que mais planta milho safrinha no Mato Grosso do Sul é o Alto Taquari, no norte do estado, com 20.700 hectares semeados na atual safra.

Brasil começa a exportar para Rússia

Após meses de discussão e visitas de técnicos russos aos frigoríficos brasileiros, e a assinatura por parte da Organização Internacional de Epizootias (OIE), considerando os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul como áreas livres de febra aftosa, no mês de junho de 1998, o Brasil começou a exportar carne suína para o mercado russo, o segundo maior importador do mundo e o sétimo consumidor.

Apesar do volume ser considerado insignificante, uma vez que as 15 toneladas representam apenas 0,25% do volume exportado no mês de junho, o Brasil já deu os primeiros passos rumo a um mercado que consome 1,88 milhão de toneladas de carne suína por ano, sendo que 488 mil toneladas, ou seja, 25,8% são importadas. Este percentual deve continuar crescendo, uma vez que a produção russa de carne suína vem diminuindo consideravelmente nos últimos oito anos, caindo de 2,7 milhões de toneladas em 1992 para uma previsão de 1,4 milhões em 1998.

Apesar do início das exportações para novos mercados, como a Rússia e os Emirados Árabes, o forte crescimento nas exportações para países da Europa, como Suíça e Países Baixos, e da África, como Angola, 89,8% das exportações brasileiras continuam tendo como destino Hong Kong e Argentina.

No caso da Argentina, as facilidades de importação ocasionada pelo Mercosul fizeram com que as exportações de carne suína brasileiras para este país tivessem um incremento de 52,06% nestes cinco primeiros meses de 1998.

As exportações brasileiras de carne suína para Hong Kong representam cerca de 7,5% do total das importações do produto daquele país e apresentaram nestes primeiros meses de 1998 um incremento de 68,5%, totalizando até o momento 15,5 mil toneladas.

Preços devem manter tendência de baixa

O mercado nacional de feijão não apresentou surpresas em julho. Depois do esperado aquecimento de preços do início do mês, provocado pelo maior volume de negócios, com os empacotadores procurando recompor seus estoques, o mercado voltou a operar com preços mais baixos.

No início do mês de julho, o produto carioquinha campeão esteve cotado a R$ 80 a saca de 60kg. O carioquinha comercial teve cotação de R$ 70,00/75,00 e o feijão preto am níveis entre R$ 60,00 e R$ 65,00 a saca. O mercado consumidor de São Paulo abasteceu-se, preferecialmente, de feijão do interior do estado. Parte deste produto é oriundo de lavouras irrigadas. Mas o grosso da produção irrigada deverá entrar no mercado a partir do mês de agosto. A tendência é de que o mercado permaneça praticando preços nos atuais níveis, com eventuais recuos. Os empacotadores registraram maior venda aos varejistas, mas não atingindo os níveis esperados, o que, de certa forma, contribuiu para a pressão sobre as cotações. O mercado começa a voltar as suas atenções para o período entre agosto e setembro.

E é praticamente consenso de que uma reação consistente nos preços vai depender de um aquecimento nos níveis de consumo. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgou em julho o seu quinto e definitivo levantamento para a safra de grãos 97/98. Para a terceira safra de feijão, em fase inicial de colheita, a Conab projeta uma produção de 33,8 mil toneladas, 12,1% a mais do que em 97.

SOJA

Bons lucros e fraca rentabilidade

No auge das especulações sobre o comportamento do clima nos Estados Unidos, é interessante saber como anda a situação dos produtores brasileiros de soja em todo esse contexto. A maior parte da produção já foi negociada e já podemos ter uma idéia de como foi o desempenho do setor na ótica da produção. Por isso, será apresentada uma abordagem rápida sobre dois indicadores básicos que podem nos dar uma visão mais clara sobre essa situação: a lucratividade e a rentabilidade. No primeiro caso, enquanto atividade econômica, até que o resultado não é dos piores, já que a margem bruta tem se mostrado positiva na maior parte do ano. Mas no segundo caso, enquanto ativo financeiro, o desempenho está sendo muito fraco e decepcionante. Ambos serão importantes para a determinação da tendência de plantio para a próxima temporada, mas na seqüência mostraremos o que deve pesar mais e para onde tende ir o produtor brasileiro nessa nova safra que se aproxima.

No geral, o sentimento do produtor brasileiro de soja é de decepção em 1998, embora o comportamento dos preços no mercado interno tenha sido até certo ponto razoável e se mantido próximo à média histórica. O problema central é que estamos vindo de dois anos onde o desempenho do mercado foi excepcional, com a combinação explosiva de demanda aquecida com oferta curta. Mas desde a colheita da safra 97 nos EUA, com a obtenção de um novo recorde de produção, somando-se o início da crise asiática e a colheita agora também de uma safra recorde na América do Sul, o quadro modificou-se substancialmente. Temos agora uma demanda reprimida, combinada com uma supersafra colhida e o prognóstico de outra safra cheia nos EUA no segundo semestre. Em outras palavras, o que temos no presente é a perspectiva de que em apenas dois anos, o mercado mundial de soja saia da posição de estoque mais baixa em 20 anos para um dos estoques mais altos de sua história.

E o que também incomoda bastante o produtor, é saber que sem um problema climático com a nova safra norte-americana, dificilmente o mercado escapará de quadro de preços ainda mais negativo em 1999, do que já está sendo em 1998. E é esta a questão que se forma, ou seja, como está o desempenho do setor até o presente e qual seria a perspectiva para o novo ano comercial, diante de uma normalidade climática no Hemisfério Norte.

O primeiro elemento que será analisado é a lucratividade. Além de ser o mais básico é, na visão do produtor, com certeza o mais importante. Isso porque esse indicador compara o custo de produção com a receita obtida, o que é o fundamento de qualquer atividade econômica. Esse é o ponto. Lucratividade é o objetivo básico de qualquer atividade econômica. E sob esse ângulo, a situação ainda é positiva para o produtor de soja, que está obtendo lucros até o momento.

Mas esse quadro relativamente positivo, observado na lucratividade, não se repete se for analisado outro tipo de indicador que é a rentabilidade. Neste caso, o conceito agora não é a soja como um produto, mas como um ativo financeiro, que tem uma variação mensal e que deve ser comparada com a inflação para que ser obtida a variação real, podendo comparar com outros tipos de ativos financeiros.

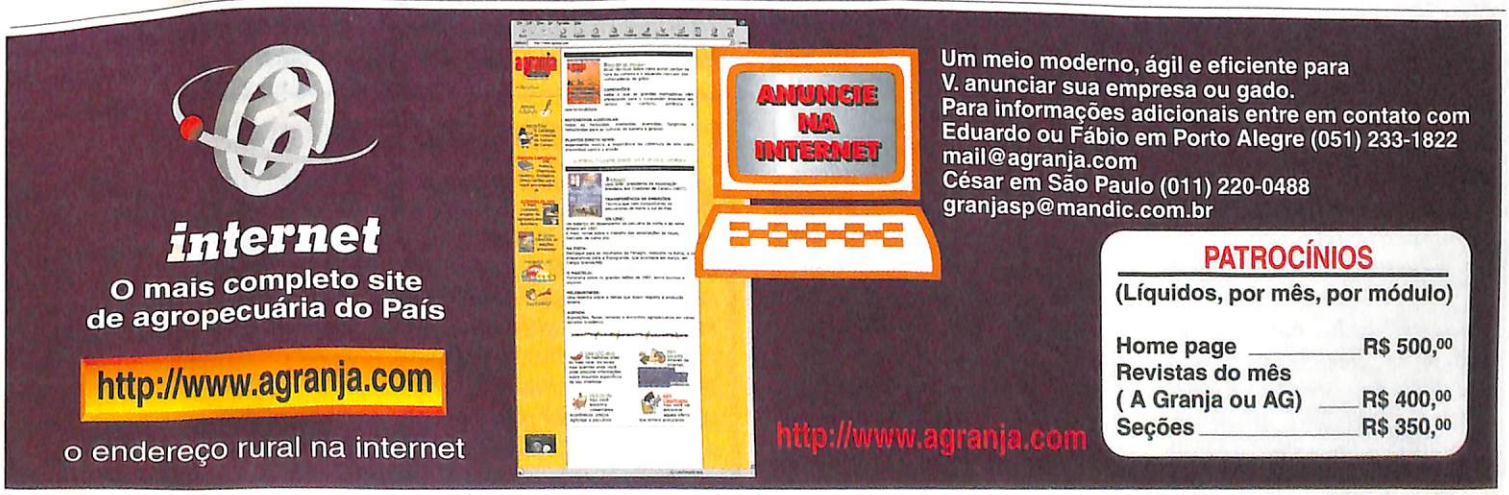
— LUCRATIVIDADE —
R$ - base Cascavel/PR e Rondonópolis/MT
(em valores de julho/98)

Itens	PR	MT
Custo variável/ha	315,34	423,02
Custo fixo/ha	179,43	72,46
Custo operacional/ha	421,72	461,87
Custo operacional/sc 60kg	8,43	9,24
Preço mercado (lotes)	14,20	12,20
Lucratividade (%) (5-4/5)	41	24

Obs.: Rendimento de 3.000kg/ha
Dados de custo do Deral/Seab no PR e Conab no MT

As duas decisões básicas do produtor, depois da sua safra colhida é: primeiro, vender o necessário para cumprir os compromissos, incluindo os insumos para o próximo plantio; segundo, optar por segurar a soja, esperando altas futuras, ou vender e aplicar em algum outro tipo de ativo, por exemplo, na área financeira. De janeiro a junho deste ano, a rentabilidade média brasileira da soja ficou em 31,74%. Em outras palavras, para uma variação de 1,18% na inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe, a perda real da soja brasileira foi de 31,74%. Embora perda real no primeiro semestre do ano na soja seja algo comum, pois é o período onde se concentra a oferta e, conseqüentemente, a comercialização. O que salta aos olhos é que a relação é a pior da década, inclusive sobre o complicado ano de 1995.

Fonte: Safras & Mercado



Divulgação/Case

Fortalecendo a agricultura de precisão

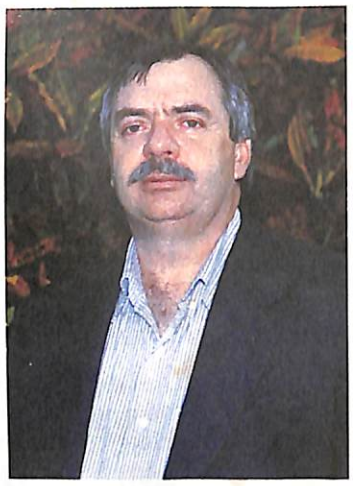
A Case Corporation — sediada em Racine, Winsconsin, Estados Unidos — fechou acordo para compra da Tyler Industries, uma das maiores fabricantes de pulverizadores agrícolas do mundo. A nova linha expande e fortalece os projetos de agricultura de precisão tocados pela Case em parceria com outras empresas. No Brasil, a Case IH — Divisão Agrícola da Case Brasil — está comercializando a linha de autopropelidos Tyler, composta pelos pulverizadores Patriot e aplicadores Titan, utilizados em grandes áreas cultivadas (no mínimo, mil hectares) de soja, milho, cana-de-açúcar, trigo e feijão, entre outros. O Patriot (na foto) apresenta quatro modelos, diferenciados apenas pela potência do motor e tamanho das máquinas.

Unesp inaugura centro de pesquisas

A Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Jaboticabal, acaba de inaugurar o Centro de Pesquisas Parasitológicas (CPPAR). A unidade tem como propostas: realizar pesquisas; desenvolver tecnologias alternativas no controle de parasitos; testar a eficácia de produtos veterinários; formar jovens cientistas; e promover a extensão de conhecimentos à indústria agropecuária e ao trabalhador rural. O CPPAR ainda irá desenvolver alternativas para o combate de parasitoses, com o uso de princípios ativos extraídos de plantas medicinais e de microorganismos antiparasitários e, paralelamente, estará realizando testes de eficácia e toxicologia dos princípios ativos formulados pelas indústrias. Apesar de receber apoio financeiro de órgãos governamentais, o Centro possui uma política que visa incentivar parcerias com a iniciativa privada e com outras instituições públicas. O projeto, financiado principalmente pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp), também recebeu subsídios do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e de empresas privadas.

Monsanto compra Cargill Sementes

E a Monsanto volta às compras e parcerias. Desta vez, adquiriu a Cargill Sementes na América Latina, Europa, Ásia e África, ficando de fora, apenas, as unidades norte-americanas, Canadá e do Reino Unido. O negócio chegou a US$ 1,4 bilhão. As duas empresas também anunciaram a assinatura de uma carta de intenções para a formação de joint ventura em nível mundial para desenvolver e comercializar novos produtos advindos da biotecnologia, destinados aos mercados de processamento e grãos e rações. No acordo, cada empresa participa com 50%. A Monsanto entra com a experiência em genomas, biotecnologia e sementes. A Cargill fornece infra-estrutura agrícola, de processamento e de comercialização, para desenvolver e colocar no mercado novos produtos, cujas características visam melhorar a eficiência no processamento e na qualidade nutricional das principais culturas agrícolas. O empreendimento é pioneiro na criação de um sistema que liga pesquisa biotecnológica, desde o desenvolvimento de sementes, até o processamento para o cliente.



Divulgação/Embrapa

Nova chefia na Embrapa

Sediada em Campo Grande/MS, a Embrapa Gado de Corte ganhou uma nova chefia. Está assumindo o cargo de chefe-geral o engenheiro agrônomo e pesquisador Araê Boock (na foto). Formado pela Esalq/Piracicaba/SP, Araê trabalha na instituição desde Embrapa desde 1975 e ostenta o título de mestre pela Universidade de Colorado/EUA em Ecologia e manejo de pastagens nativas. Entre as propostas de Boock estão: aproximação e intensificação de parcerias com outras unidades da Embrapa e fora dela; aproximação e parcerias com outras instituições de ensino e com o meio político; reorganização de equipes e uso dos recursos disponíveis; programação visual, comunicação interna e externa; e qualidade e avaliação por resultados.

Tem mais soja na Bahia

O grupo Bunge International, um dos maiores conglomerados mundiais no agribusiness, definiu seu caminho nesta virada de milênio: vai investir US$ 1 bilhão nos próximos cinco anos, afastando-se da área de alimentos e concentrando-se em operações de soja na Ceval Alimentos. Segundo Vilmar de Oliveira Schürmann, presidente da Ceval, a empresa de Gaspar/SC, adquirida pelo grupo no final de 97, irá construir uma segunda unidade de esmagamento de grãos em Barreiras/BA, ao custo de US$ 25 milhões, com capacidade para industrializar 2,5 mil toneladas diárias.

Workshop discute marketing em sementes

Gramado, na Serra gaúcha, volta a sediar dois novos contratos do setor sementeiro. É o IV Workshop sobre Marketing em Sementes e Mudas e o I Seminário do Pró-Semente/RS, nos dias 27 e 28 de agosto. O palco do encontro será o Hotel Serrano. Os eventos vão abrigar todas as instituições e profissionais ligados ao segmento no Brasil e de países vizinhos. Um dos temas abordados, de grande interesse, será o efeito da Lei de Proteção de Cultivares sobre a produção e comercialização de sementes e mudas. Agora, com a nova legislação, somente cultivares com registro no Serviço Nacional de Proteção de Cultivares podem ser vendidos no mercado. Outro assunto de destaque será a experiência espanhola na produção e comercialização de mudas cítricas de qualidade. A CESM/RS, promotora do encontro, já está finalizando um Programa de Normas e Padrões para Produção de Mudas de Frutíferas no RS, a ser encaminhado à Secretaria da Agricultura. Maiores detalhes pelo fone (051) 231-1111 (Officie Marketing), ou (054) 311-3666 (CESM/RS).

New Holland consolida-se no mercado polonês

O presidente mundial da New Holand, Umberto Quadrino (na foto), anunciou, recentemente, a incorporação de mais uma empresa na área de mecanização agrícola. Trata-se da Bizon, com sede em Varsóvia, que fatura, anualmente, cerca de US$ 40 milhões. "A Bizon produz uma completa linha de colheitadeiras cujas características principais são robustez e economia. Elas alcançam excelente performance com todos os tipos de grãos (girassol, milho, soja, arroz). A empresa domina o mercado doméstico e tem expandido as exportações rapidamente", observou Quadrino. A Bizon foi privatizada em dezembro de 1992, como resultado da reorganização da Agromet, estatal do setor agropecuário.

Divulgação/New Holland

Os fundos investem no agro

Os dirigentes dos fundos de pensão sugeriram ao ministro da Agricultura, Francisco Turra, um trabalho conjunto para identificar as diversas áreas de oportunidades no agribusiness. Segundo o diretor de relações institucionais do Sindicato Nacional das Entidades Fechadas de Previdência Privada, Eduardo Sarmento, a decisão de entrar no agronegócio parte de uma preocupação com o social, pois é um setor gerador de empregos. Em 97, os investimentos dos fundos de pensão atingiram US$ 77,8 bilhões.

Divulgação

Merial cresce com a linha PET

A Merial Veterinária, empresa líder mundial no setor, não descuida da linha veterinária, mas vem centrando foco no mercado de animais de lazer, que tem se mostrado altamente rentável. Estimado em US$ 500 milhões/ano, o mercado PET contempla basicamente os segmentos de medicamentos veterinários e ração. Somente no segmento de produtos veterinários, que representam entre US$ 150 e 180 milhões/ano, e com crescimento anual projetado da ordem de 20 por cento, a Merial pretende dobrar sua participação em, no máximo, quatro anos. "Hoje, somos líderes absolutos neste mercado, com 15 por cento de participação. Projetamos lançamentos para este semestre e para os próximos anos, de forma a dobrarmos esta participação até 2002", afirma Jorge Enrique Solé (na foto), presidente da Merial do Brasil. A empresa mantém, também, a liderança no nicho de produtos antipulgas, com 70% do bolo. Esta participação foi obtida em quatro anos, a partir do lançamento do Frontline, que combate não só as pulgas como também os carrapatos.

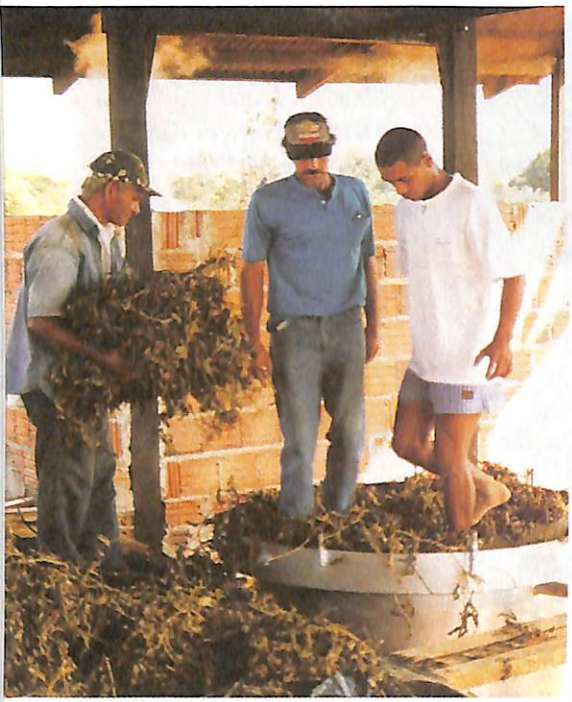
Anote aí

***ACONTECE** entre os dias 20 e 23 de agosto, em Cachoeira do Sul/RS, o 2º Congresso Nacional de Aviação Agrícola — CONAAGRI. O evento irá abordar assuntos como atualização de legislação e normas técnicas junto aos ministérios de Aeronáutica e Agricultura, além de palestras sobre segurança de vôo e prevenção de acidentes. Maiores informações pelo fone (051) 723-3139.*

SOCIEDADE Brasileira de Informática Aplicada à Agropecuária e Agroindústria (SBI-Agro) e o Centro Nacional de Pesquisa Tecnológica em Informática para Agricultura, da Embrapa, promovem, nos dias dias 10 e 11 de setembro, o "Workshop Internacional sobre Tecnologia da Informação e Gestão de Cadeias Produtivas no Agribusiness". O encontro será realizado em Campinas/SP. Para mais detalhes, acessar o e-mail: ace@cnptia.embrapa.br, ou pela home page http/workshop//www.cnptia.embrapa.br/workshop.

DE 20 a 23 de setembro, Ponta Grossa/PR será sede do 5º Simpósio Brasileiro de Patologia de Sementes. Organizado pelo Departamento de Fitotecnia e Fitossanidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa e com apoio da Associação Nacional de Defesa Vegetal, o evento discutirá, entre outros assuntos, os avanços tecnológicos em produção e tratamento de sementes. Outras informações pelo fone (042) 222-1662.

A FUNDATEC — Centro de Consultoria e Treinamento —, de Porto Alegre/RS, está oferecendo quatro cursos entre os meses de julho, agosto e setembro. Os cursos irão abordar assuntos como qualidade total no agribusiness, administração rural e informática na agropecuária. Os cursos são direcionados a pequenos, médios e grandes proprietários rurais, administradores rurais, acadêmicos e profissionais de Agronomia, Veterinária, Zootecnia, Engenharia Agrícola e Administração. Outros detalhes pelo fone (051) 339-2040.



Divulgação/Embrapa

Produzindo, novamente, o safrol

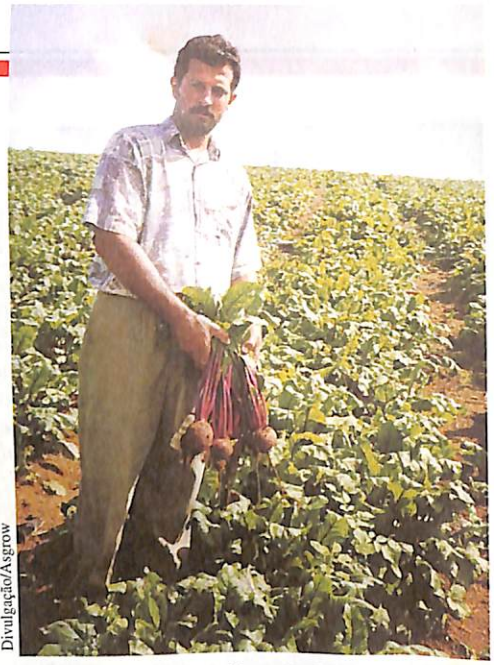
O estado do Acre pode voltar a produzir o safrol — substância utilizada na fabricação de inseticidas biodegradáveis, cosméticos e produtos farmacêuticos. O safrol será extraído de plantas de pimenta longa, cultura cujo óleo essencial concentra-se nos galhos finos e folhas, o que permitirá mais de uma extração por planta, sem necessidade de sua destruição. O Brasil já foi o maior produtor mundial de safrol. Hoje, importa. Antigamente, a substância era extraída da canela *sassafras*, em Santa Catarina. Mas, em 1991, o corte da canela foi proibido pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) devido ao grande perigo de extinção da cultura. Para extrair o safrol da canela, era necessário derrubar a planta. Com a pimenta longa é possível fazer o primeiro corte após seis meses de plantio. Os pequisadores estimam que possam ser feitos dois cortes/ano, obtendo uma produtividade de 250 quilos de óleo por hectare. A produção mundial de safrol é de duas mil toneladas, sendo a China e o Vietnã os maiores produtores e fornecedores da substância. Eles extraem o óleo a partir de espécies de canela *Cinnamomum camphora*. A matéria-prima para produção do óleo é a madeira.

Fonte: EBN

Calibrando os pneus com técnica

Hoje em dia, com a introdução dos pneus radiais e os de baixa pressão e alta flutuação (BPAF), a calibragem incorreta dos pneus, ou a não-calibragem, elimina ou minimiza grande parte das vantagens das novas tecnologias. A calibragem correta deve ser realizada em função do peso que cada pneu deverá suportar, do modelo do pneu e da sua montagem (simples, duplo, triplo). No manual Pneus Radiais Para Tratores (guia para seleção correta da pressão de inflação), os professores Kléber Lanças e Shirini Upadhyaya mostram que através da calibragem correta pode haver uma diminuição de até 20% no consumo de combustível e uma economia de até 7,5% no tempo gasto para realizar as operações. E mais: uma diminuição de até 80% na compactação do solo. Para maiores informações, contate os especialistas no Departamento de Engenharia Rural da Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA) da Unesp, Fazenda Experimental Lageado, caixa postal 18603-970, Botucatu/SP; fone (014) 821-3883, ramal 165, fax 821-3438. Ou então via e-mail: HIPRELINK mailto:kplancas@fca.unesp.br

Professores da área Mecânica, Máquinas e Mecanização Agrícola do Departamento de Engenharia Rural - Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA/UNESP), caixa postal 237, CEP 18603-970, Botucatu/SP, fone (014) 821-3883, e-mail: secdenr@fca.unesp,br



Divulgação/Asgrow

Beterraba híbrida

O cultivo de beterraba tradicional está sendo substituído, em várias regiões do Brasil, pela beterraba híbrida rosette, através de sementes importadas pela empresa Asgrow. As principais características deste material residem nos bulbos: são uniformes, bem vermelhos e sem as manchas brancas interiores comumente encontradas em outras variedades. Os produtores das regiões de Piedade e Mogi das Cruzes/SP e também os da Região Serrana do Rio de Janeiro, que já adotaram o cultivar, conseguiram colheitas em 45 dias, com 100% de aproveitamento. Uma das vantagens ressaltadas por eles é a tolerância a doenças foliares, principalmente a *Cercospora* (fungo que ataca as folhas e diminui a produtividade), considerada limitante para a cultura.

Vem aí a uva sem semente

Uma técnica inédita no País foi desenvolvida por pesquisadores do Instituto Agronômico de Campinas (IAC). Trata-se da produção de uvas finas de mesa sem sementes, prática que consiste na aplicação de pequenas doses de estreptomicina — antibiótico utilizado no controle de doenças de pêssego e da ameixa — seis dias antes do florescimento. Entre as vantagens da tecnoligia, destaca-se a possibilidade dos produtores de uvas finas de mesa ampliarem em até 100% o faturamento anual, e a redução de até 80% no preço final do produto para o consumidor. Além disso o produtor tem a possibilidade de aplicar o produto em apenas parte do pomar. Com isso, parte da produção poderá ser de uvas com sementes e outra parte sem sementes. Na outra safra, o produtor também poderá optar por uma ou por outra característica, de acrodo com a demanda de mercado. A pesquisa será apresentada no 15º Congresso Brasileiro de Fruticultura, que ocorre entre os dias 18 e 23 de outubro, em Poços de Caldas/MG. O congresso é considerado o mais importante da fruticultura nacional e serve principalmente para a divulgação de tecnologias.

Divulgação/IAC

Blazer ganha mobilidade extra com tração 4x4

Divulgação/GM do Brasil

A linha Sport Utility Blazer, da Chevrolet, acaba de ganhar tração nas quatro rodas. A Blazer tem primazia de ser o primeiro veículo 4x4 fabricado no País com a disponibilidade da transmissão automática como opção. O controle de acionamento da tração é idêntico ao utilizado na linha de picapes S10 e Blazers fabricadas nos Estados Unidos, se caracterizando pelo comando elétrico a partir de um grupo de teclas localizadas à direita do painel de instrumentos, na parte superior; portanto, bem próximos do volante de direção. A tração permanente é traseira (4x2) e, para colocar a tração dianteira em ação (4x4 normal), basta apertar a tecla correspondente. O engate poderá ser efetuado até à velocidade de 80km/h. **General Motors do Brasil Ltda., Av. Goiás, 1805, CEP 09501-970, São Caetano do Sul/SP, fone (011) 741-6950.**

Divulgação/Ipacol

Garfo hidráulico para desensilar

A empresa Ipacol está lançando o garfo hidráulico desensilador, modelo GF 350. Ele é facilmente acoplado no três-pontos de qualquer trator com engate universal. Sua mandíbula tem cilindro para comamdo hidráulico. Tem capacidade para 0,35 metro cúbico e carrega até 500 quilos. O equipamento aumenta a eficiência no trato alimentar, com grande economia de mão-de-obra, além de liberar o trator para outras atividades. **Ildo Parise Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Ltda., RST 470, km 108, caixa postal 168, CEP 95330-000, Veranópolis/RS, fone (051) 441-1626.**

Xô, mosca-dos-chifres!

A Novartis está lançando o Neocidol 600 EC, um produto à base do princípio ativo diazinon, que controla, com grande eficácia, a mosca-dos-chifres, inclusive as populações resistentes aos piretróides. O produto também possui eficácia comprovada no controle do piolho e da sarna. Outras características: é muito econômico, pois, com apenas um litro do produto preparam-se 2.000 litros de calda; não é sistêmico, por isso não deixa resíduos na carne nem no leite; é seguro para os animais, por ser produzido com diazinon estabilizado. Aplicação através de pulverização. **Novartis Biociências S.A., Av. Prof. Vicente Rao, 90, CEP 04706-900, São Paulo/SP, fone (011) 532-7122.**

Divulgação/Novartis

Divulgação/Zeneca

Controle com alta eficiência

Finalmente, chega ao mercado de defensivos agrícolas um fungicida de origem natural. É o Amistar, desenvolvido a partir de uma substância encontrada em um cogumelo comestível europeu. O produto inibe o processo de respiração mitocondrial dos fungos nocivos aos cultivos de batatas, tomates e feijão. Tem ação preventiva, curativa e antiesporulante. Protege a superfície das plantas por contato e também transloca-se via sistêmica ou translaminar, de forma gradual e balanceada. O resultado é uma distribuição uniforme e sem fitoxicidade para as culturas recomendadas. **Zeneca Brasil Ltda., Rua Verbo Divino,1356, CEP 04719-903, São Paulo/SP. Informações sobre o produto pelo fone (011) 5188-2204.**

Eficaz contra bernes e carrapatos

Virbamax Pour-on é o novo lançamento da Virbac do Brasil. Trata-se de um endectocida à base de abamectina — substância com um custo/dose inferior à ivermectina, segundo o fabricante. O produto controla a mosca-dos-chifres por até 21 dias, eliminando a necessidade de tratamentos adicionais com mosquicidas e reduzindo o número de manejos. Outras vantagens da versão pour-on: praticidade na aplicação; fácil administração no dorso do animal, não causando estrés; também não causa reações adversas em animais jovens ou debilitados. O Virbamax Pour-on é comercializado em frascos de um litro, em embalagens com 10 frascos. **Virbac do Brasil Indústria e Comércio. Central de Atendimento ao Consumidor, ligação gratuita: 0800-136533**

Divulgação/Virbac

A grande chance do Brasil

Poucas vezes, neste século, a agricultura mundial teve uma importância tão grande. Há apenas 36 anos a população do mundo era de três bilhões de pessoas. Em 1995, este número já superava cinco bilhões e, para o ano 2025, a previsão é de oito bilhões de habitantes. Principalmente a Ásia, com o surto de desenvolvimento dos últimos anos. Apesar da crise financeira, a região é e será grande importadora de alimentos. Em contrapartida, nunca o estoque de alimentos no mundo esteve tão baixo quanto agora, o que aponta para uma tendência inequívoca de aumento na produção agrícola.

Mas quem serão os grandes exportadores dos próximos anos? Qual deve ser a característica destes países que devem aumentar a sua produção? A resposta é: aqueles que, ao mesmo tempo, conjugarem custo competitivo e produção de alimentos bem superior à sua demanda interna.

A Europa e o Japão, por exemplo, estão fora desse cenário, já que possuem uma agricultura altamente subsidiada. Os Estados Unidos, maior produtor de grãos do mundo, poderá aumentar suas exportações, mas de um modo geral sua estrutura de produção também carrega fortes subsídios (em menor grau, no entanto, que as regiões anteriormente citadas). Os países do Leste Europeu e a Ásia, por outro lado, podem aumentar a oferta de alimentos, mas possuem uma forte pressão demográfica e uma grande demanda interna.

É na América Latina, e sobretudo no Mercosul, que poderão se alcançar custos competitivos e excedentes exportáveis. É daqui, portanto, que pode sair grande parte da produção agrícola que alimentará as oito bilhões de pessoas no mundo. Possuímos condições sem igual para corresponder a esta expectativa: insolação adequada, terras agricultáveis e regiões onde são praticadas tecnologia de vanguarda que alcançam índices de produtividade idênticos aos mais altos do mundo. Existem também, principalmente no Brasil, áreas imensas a serem ocupadas pela agricultura.

O potencial de crescimento é imenso. Prova disso é o que está acontecendo com a agricultura argentina, que nos últimos cinco anos saltou de uma produção de 32 milhões de toneladas de grãos para 64 milhões de toneladas, sem aumentar significativamente a área plantada, mas melhorando muito a sua produtividade. Para nós brasileiros, que possuímos a maior reserva agricultável do mundo — onde exploramos menos da metade e com pouca eficiência —, essa é mais uma prova de que se investirmos em tecnologias de produção (mecanização, insumos, melhoramentos genéticos) conseguiremos também bons resultados.

Sobre esse ponto, chamo a atenção para a necessidadae inadiável de investimentos na renovação do parque de máquinas agrícolas. Primeiro, porque a idade média da frota brasileira é muito alta, bem acima da recomendada. Só para se ter uma idéia, nos últimos dois meses, fizemos uma pesquisa em uma microrregião brasileira que possui um dos mais altos índices de mecanização do País e descobrimos que a idade média da frota de tratores desta região foi superior a 12 anos — idade que deveria ser a máxima. Isso significa que, se formos olhar para todo o parque de tratores do País, a média de idade pode até dobrar.

Mas não é só isso. Também o número médio de máquinas por mil hectares nos coloca em situação de inferioridade frente aos nossos maiores concorrentes. O aumento desses índices e o rejuvenescimento da frota são dos fatores mais importantes para a elevação da produtividade e, conseqüente, competitividade da agricultura brasileira.

Por isso, a New Holland investiu como nenhuma outra fábrica de máquinas agrícolas no Brasil. Foram US$ 80 milhões nos últimos três anos, aplicados principalmente no desenvolvimento e lançamento de novos produtos. Primeiro foi a Linha TC, as maiores e mais produtivas colheitadeiras existentes no País. Depois, foi a Linha TL, tratores de 65 a 100cv, com características até então inéditas para esta faixa de potência. E agora, em 1998, lançamos os tratores TM, que complementa nossa linha até 140cv. Com essas máquinas, o agricultor brasileiro pode competir em pé de igualdade com os mais produtivos do mundo. E a New Holland, que já é líder em colheitadeiras, parte para conquistar a liderança também no mercado de tratores.

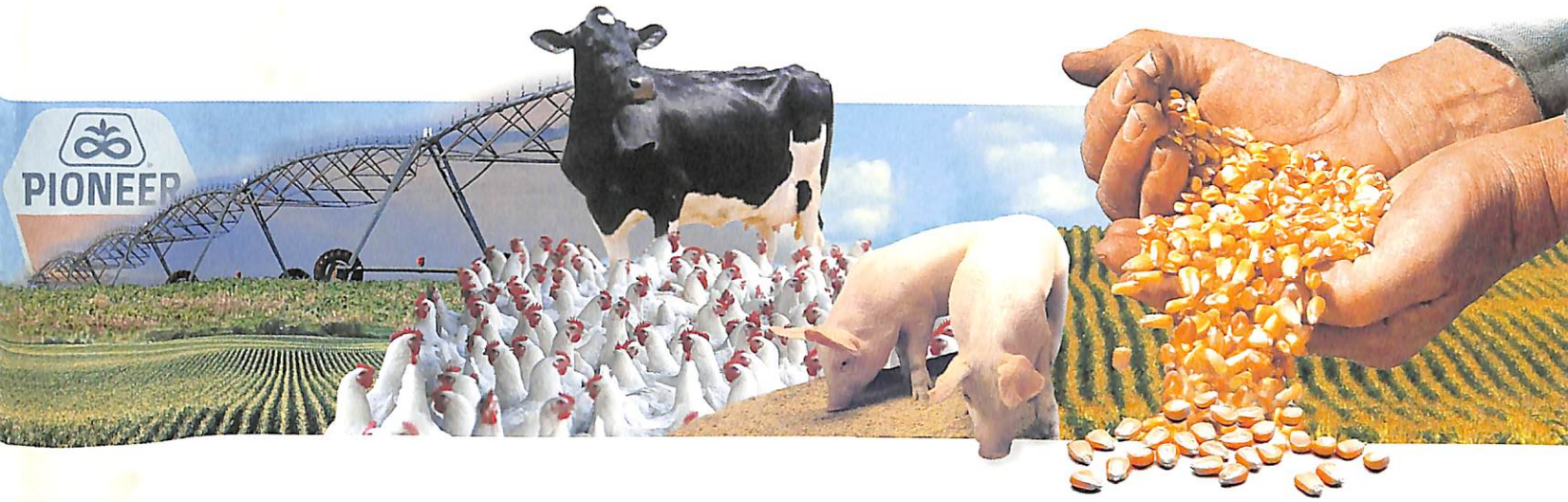
Outros modelos de tratores, colheitadeiras e também de plantadeiras, semeadeiras e equipamentos para pecuária, produzidos nas outras fábricas da empresa no mundo, também são colocados à disposição do mercado a partir de agora. São instrumentos importantes que visam atender a crescente diversificação e especialização do setor.

É esta tecnologia global que nos faz vender um em cada cinco tratores produzidos no mundo e que colocamos a serviço do desenvolvimento do agribusiness brasileiro. É a nossa parte no esforço de aumentar a produção e produtividade do setor, para que até o ano 2000 possamos colher pelo menos uma safra de 100 milhões de toneladas.

Divulgação/New Holland

Valentino Rizzioli é diretor-presidente da New Holland Latino-Americana Ltda

Liderança em tecnologia é ter sempre novos caminhos para você produzir mais e melhor.



Novo Sistema de Combinação de Híbridos

Diante dos tempos incertos que vivemos, o conceito básico do novo sistema proposto pela Pioneer é combinar diferentes híbridos que tenham em seu perfil características específicas que se complementam, a fim de proporcionar maior produtividade e segurança ao agricultor ao longo dos anos, apesar das oscilações climáticas e pressões imprevisíveis de doenças.

Potencial produtivo, precocidade e defensividade combinados na dose certa para o sucesso da lavoura do agricultor profissional que sabe da importância do milho no sistema de rotação de culturas e na alimentação animal.

Híbridos Pioneer na Nutrição Animal

Há muitos anos a Pioneer vem estudando e desenvolvendo trabalhos na área de qualidade de plantas e valor nutricional de grãos. Hoje, com dados e informações consistentes sobre o desempenho de seus produtos, a Pioneer pode recomendar aqueles híbridos de milho que possuem características diferenciadas e específicas para uso na alimentação animal, sob forma de ***silagem de planta inteira, silagem de grão úmido*** ou como ***grão para ração.***

1ª Geração de Híbridos Simples Pioneer

Nesta safra, a Pioneer está lançando seus três primeiros híbridos simples, que certamente darão novos patamares de desempenho ao mercado brasileiro. O ***32R21***, sinônimo de precocidade; o ***30F45***, sem dúvida, a melhor opção para os agricultores tecnificados que buscam altas médias de produção; o ***30F80*** que tem um elevado grau de tolerância às principais doenças. Três híbridos simples que cobrem de maneira exemplar os pontos básicos do novo sistema de combinação de híbridos da Pioneer.

Pioneer: para quem sabe a diferença que a qualidade faz.

SEMENTES • MARCA

PIONEER®

Tecnologia Que Rende

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE

DEFENDER Alguns dizem que chegam mais alto, outros, que chegam mais longe, mas no concorrido mercado off-road poucos conseguiram, como o Defender, chegar aos 50 anos.

O raciocínio é simples. A Land Rover fabrica apenas veículos off-road desde 1948, por isso mesmo teve muito mais tempo para aprender como se faz.

Estável e robusto, este clássico 4X4 encara qualquer terreno desde que se aventurou pelas trilhas que seriam seguidas por toda a indústria.

Sua carroceria em alumínio garante máxima durabilidade. A tração permanente nas 4 rodas, junto com o motor turbo diesel intercooler (econômico, mas potente), se encarrega de impulsionar esta lenda para a frente.

Largamente utilizados em campos de mineração, fazendas e na construção civil, 70% dos Defender fabricados ainda estão trabalhando.

É a prova de que nós estávamos certos ao construir um veículo que passa por qualquer coisa. E que, justamente por isso, nunca passa.

LAND ROVER

THE BEST 4x4xFAR.

Concessionários: Belém: Britânica - tel.: (091) 235-1341 • Belo Horizonte: Terranova - tel.: (031) 378-1020 • Blumenau: Top Car - tel.: (047) 340-5111 • Brasília: Piquet BMW - tel.: (061) 234-5055 • Caxias do Sul: BM Point - tel.: (054) 223-8322 • Curitiba: BM Place - tel.: (041) 333-5606 • Florianópolis: Top Car - tel.: (048) 249-3242 • Fortaleza: BM Center - tel.: (085) 261-9099 • Goiânia: Somafertil - tel.: (062) 212-3232 • Natal: BM Center - tel.: (084) 211-4971 • Petrópolis: Landscape - tel.: (024) 222-3285 • Porto Alegre: BM Point - (051) 337-3366 • Porto Velho: Buriti - tel.: (069) 225-2600 • Recife: Land Rota - tel.: (081) 476-1435 • Ribeirão Preto: Eurobike - tel.: (016) 605-7031 • Rio de Janeiro: Land Rio - tel.: (021) 494-2422 • São Paulo: Autostar - tel.: (011) 820-4001 - Tasman - tel.: (011) 838-2300